



**CEP- CENTRO DE ESTUDOS
PRESBITERIANO.**

CENTRO DE ESTUDOS PRESBITERIANO

Projeto Tradução de Livros e Artigos.

A GRANDE TRIBULAÇÃO



DAVID CHILTON

São Raimundo Nonato – PI.

2011.

FICHA CATOLOGRÁFICA.

CHILTON, David.

A Grande Tribulação / David Chilton; Tradução: João Ricardo Ferreira de França. Piauí: Centro de Estudos Presbiterianos - CEP, 2011.

Título Original:

La Grand Tribulación

ISBN - O-930464-M-O

1.Escatologia - Hermenêutica I. Título.

OBSERVAÇÃO: Na leitura do texto o leitor se deparará com a **NOTA DO TRADUTOR** que ora estará no rodapé, ora no corpo do texto, estas foram inseridas para dar maior clareza a um argumento do autor, ou mesmo, nas questões de cunho exegético.

SUA AJUDA É IMPORTANTE:

O Centro de Estudos Presbiterianos existe a mais de 10 anos e sempre viveu de doações voluntárias, você não é obrigado a fazê-lo, mas se desejar segue abaixo duas formas que você poderá nos ajudar nesta empreitada:

1 - Divulgando este Livro a um número maior de pessoas

2 - Depositando qualquer valor nas contas abaixo:

Caixa Econômica Federal:

Agência: 2442

Operação: 013 - Poupança.

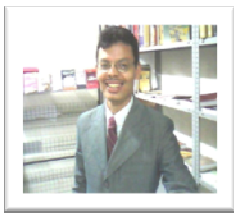
Conta: 00043376-5

Favorecido: João Ricardo Ferreira de França.

Banco do Bradesco:

Agência: 3201 Conta: 0616497 - 8.(Poupança / Corrente)

A PALAVRA DO TRADUTOR-----	4
Prefácio-----	7
1. A Última Geração-----	15
2. Vindo Sobre as Nuvens-----	26
3. A Chegada do Anticristo-----	35
4. Os Últimos Dias-----	43
5. A Chegada do Novo Pacto-----	51
6. Os Quatro Cavaleiros-----	60
7. Vingança para os Mártires-----	73
8. O Livro Aberto-----	80
9. Jerusalém sob Sítio-----	92
10. A Vingança da Criação-----	106
11. Está Consumado!-----	117
Epílogo por Gary North-----	130



PALAVRA DO TRADUTOR.

É uma grande satisfação estar mais uma vez de volta para apresentar-lhe uma obra significativa para a Teologia Reformada. O Centro de Estudos Presbiteriano [CEP] está mais uma vez trazendo ao seu público uma obra importante. Para nós é uma satisfação, pois, este é **o primeiro livro traduzido pelo CEP** e colocado a disposição dos estudantes de Teologia.

Este livro trata de uma temática muito controvertida que é a Escatologia Bíblica. Um livro como este não deve ser apenas lido, deve ser apreciado, saboreado, e acima de tudo deve ser usado para exposições sobre o tema nele inserido.

Por que um livro de Escatologia? Esta pode ser a pergunta do leitor que ora lança seus olhos sobre estas páginas; bem, serei direto e sincero com você é porque este não é mais um livro de Escatologia - mas arrisco-me a dizer - este é o Livro sobre Escatologia que todo cristão deveria ler.

O Livro aborda o tema da Grande Tribulação conforme Mateus 24, Marcos 16 e Lucas 21. A orientação do autor é Preterista (preterismo) onde apresenta de forma surpreendente o cumprimento total da Grande Tribulação na destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.

A ideia de traduzir este texto surgiu quando no ano de 2007 um amigo meu que estudava comigo no Seminário Presbiteriano do Norte (SPN) em Recife desafiou minha corrente escatológica - Jaziel Campina Cunha - que era o *Amilenismo Pessimista Futurista*; quando me solicitou uma exposição de Mateus 24 - A Grande Tribulação - fiz a interpretação tradicional (a Igreja passaria pela Grande Tribulação que era futura reservada para a Igreja e o mundo); ao que Jaziel disse: "Bem, como você explicaria os termos 'Esta Geração'? e a frase: 'ore, para que não seja em um sábado'"? Naquele momento fiquei mudo, porque eu sabia

que havia algo mais. Então, ele indicou-me o livro: "Os Últimos Dias Segundo Jesus" de R.C.Sproul ao ler observei algumas citações feitas de um livro "A Grande Tribulação de David Chilton" - comecei a procurar o livro e pela providência divina encontrei uma versão em espanhol do livro.

Depois, de um ano de estudos decidi ensinar sobre a abordagem de Chilton na Congregação Presbiteriana de Prazeres (na época filiada a IPB) - Jaboatão dos Guararapes - PE (Hoje Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil em Prazeres); ao que muitos dos alunos do curso de escatologia solicitaram uma versão do livro em português.

Hoje estou plenamente convicto de que a posição *preterista* é a única posição que faz jus à revelação bíblica, e, coloco nas mãos dos leitores este livro que versa sobre esta posição escatológica - conquanto eu não seja *Pós-milenista* (como é o David Chilton), concordo com sua interpretação *preterista* (não aceito nenhuma noção de duplo cumprimento em Mateus 24), sendo um *Amilenista Otimista preterista* (Esta é a minha posição escatológica).

O texto foi traduzido do original espanhol e ainda pode manter algumas impropriedades à nossa língua para isto solicito a ajuda dos nossos leitores no sentido de melhorar esta tradução que é livre.

Quero terminar esta palavra agradecendo a alguns amigos. Agradeço em primeiro lugar ao meu Eterno Deus que me tem chamado para o Sagrado Ministério da Palavra.

Agradeço a Gunnar Vingren Lima Ferreira por seu meu amigo e me estimular a traduzir o presente livro; ao Pb. Alexandre Galvão por ter se mostrado paciente comigo nas nossas aulas sobre o preterismo que lecionei a ele. Ao Rev. Stefanos Alves dos Santos por mostrar noções claras do Preterismo.

Ao meu pastor Rodrigo Brotto por partilhar de uma visão *Amilenista Otimista Preterista* - esta posição nos tem aproximado mais aqui no Piauí. Ao Rev. Samuel Vitalino por me ter chamado para trabalhar junto com ele na obra de Cristo aqui no nosso Presbitério do Piauí e partilhar da mesma visão escatológica; Ao conselho da Primeira Igreja Presbiteriana em Teresina pelo apoio incomensurável a um peregrino em terra estranha, presbíteros da Igreja de Cristo, meu muito obrigado.

Ao Rev. Moisés Bezerril, atual presidente de nosso Presbitério, pelo carinho e apoio desde o dia que vim para o Piauí. A Igreja Presbiteriana em São Raimundo Nonato onde Deus me tem dado a oportunidade de servir.

Aos amigos de ministério que tenho conquistado durante estes meses aqui no Piauí como o Rev. Ricardo Vandrê, Rev. Miquéias Paz, Rev. Hipólito Cavalcanti e Rev. Eder Pelosi homens que tem me ensinado com a vida deles o que é viver a perspectiva de um Reino já presente.

A minha noiva Maria das Graças Pires que sempre tem me apoiado em tudo apesar das nossas dificuldades. E a toda a minha família que me apóia em todas as minhas decisões.

A quem dedicar a presente tradução? Quero dedicar esta tradução ao meu amigo e irmão em Cristo Jaziel Campina Cunha que me fez perceber a importância de uma Escatologia consistente com a revelação de Deus. Jazi nos conhecemos a mais de nove anos e espero que esta nossa amizade continue "Pelos séculos dos séculos", amém!

Pelo Reino, por um evangelho de Graça,

João Ricardo Ferreira de França.

Presidente e Fundador

Do Centro de Estudos Presbiteriano.

São Raimundo Nonato, 22 de janeiro de 2011 - PI.

PREFÁCIO

Gary North

Disse o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés. O SENHOR enviará o cetro da tua fortaleza desde Sião, dizendo: Domina no meio dos teus inimigos. (Salmo 110.1-2).

Depois, virá o fim, quando tiver entregado o Reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo império e toda potestade e força. Porque convém que reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés. Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte. (1 Coríntios 15.24-26).

A Bíblia ensina que Jesus reinará sobre a terra. Uma vez iniciado, não haverá nenhuma interrupção na história de Seu reino terreno sobre esta terra até que, por fim, a morte seja vencida. Porém sabemos que a morte terminará somente naquele dia final, quando Cristo acabar com a rebelião final de Satanás, quando o diabo for lançado no lago de fogo (Apocalipse 20.7-10).

A pergunta chave quanto ao reino é: Quando começará Seu reino sobre a terra? Jesus falou claramente sobre isto. Disse a Seus discípulos depois de Sua ressurreição:

E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amém! (Mateus 28.18-20)

Assim que, todo poder no céu e **na terra** já foi dado a Cristo.

Ah! Também sabemos que Ele está reinando com Deus no céu.

E qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro. E sujeitou todas as coisas a seus pés e, sobre todas as coisas, o constituiu como

cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos. (Efésios 1.19-23)

Cristo é o cabeça da igreja atualmente? Paulo disse que sim. Porém o que mais ocorre atualmente, segundo Paulo? A passagem é clara: Jesus Cristo já rege a terra desde o céu. *Atualmente* Ele está acima de todo principado, potestade, poder e senhorio. A que se refere isto? Aos espíritos demoníacos. Paulo escreveu nesta mesma epístola: “porque não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais.” (Efésios 6.12).

Deus tem o controle. Jesus tem o controle. Todas as coisas em *princípios* estão sob os pés de Jesus. Todavia, é certo que na história os seres maléficos tem poder. Nós, como o povo de Cristo, lutamos espiritualmente contra eles. A guerra ente o bem e o real, continua diariamente na vida de cada cristão e na sociedade. Porém, em princípio, a vida é mais forte que a morte, porque a ressurreição de Jesus tem comprovado isto. A ressurreição é mais poderosa que a cruz. A luz é mais poderosa que as trevas (I João 1.9). O bem é mais poderoso que o real, porque Cristo já reina acima. O legado do “segundo Adão”, Jesus Cristo, é *na história* mais poderoso que o legado do primeiro Adão. A graça é mais poderosa que pecado.

Você não crer nisto?

Por que temer uma “Grande Tribulação”?

Por que, então, crêem os cristãos que uma grande tribulação lhes espera no futuro – uma tão grande que nada na história poderá se igualado a ela? A maioria dos cristãos crê que não passarão pela tribulação, ainda que alguns pré-milenistas pós-tribulacionistas acreditam que sim. Porém, se Deus reina desde os céus, por que deve os cristãos esperar algo pior que os holocaustos “normais” do século

vinte – as perseguições e os genocídios dos armênios, judeus, kulaks russos, ucranianos, dos cambodianos? É verdade que estes eventos tem sido terríveis, e é bem possível tenham mais, porém por que deve os cristãos esperar que ocorra outro evento fundamentalmente pior?

A resposta: Não deve esperar. Por quê? Porque a grande tribulação já ocorreu. Isto é o que David Chilton sustenta aqui na **Grande Tribulação**. Jesus advertiu a Seu povo de uma Grande Tribulação que ocorrerá no futuro *muito próximo*. No capítulo sobre a Grande Tribulação em Mateus, estão escritas as palavras de Cristo: “Em verdade vos digo que **não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam.**” (Mateus 24.34). Sabemos pela passagem paralela de Lucas que a Grande Tribulação seria a destruição de Jerusalém por um exército, que veio a ser o exército romano:

Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei, então, que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judéia, que fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, que saiam; e, os que estiverem nos campos, que não entrem nela. Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas. (Lucas. 21.20-22)

O comentário magnífico de David Chilton sobre o livro de Apocalipse se chama apropriadamente *Days of Vengeance* (Os Dias da Retribuição). Este pequeno livro é um breve exame dessas seções de Apocalipse que tratam da queda de Jerusalém no ano 70 d.C.

É possível que soe raro aos leitores que a tribulação já tenha ocorrido. Esta perspectiva foi muito comum ao longo da história eclesiástica, mas durante quase os últimos cem anos, muitos grupos bíblicos tem adotado outra perspectiva: A Grande Tribulação recairá sobre Israel (ou sobre todos, inclusive os cristãos) no futuro, e provavelmente no futuro próximo. A maior parte dos dispensacionalistas crê que a igreja será “raptada” (Arrebatada – Nota do tradutor) para fora do mundo antes de acontecer a Grande Tribulação; dispensacionalistas pós-tribulacionistas e os pré-milenistas

históricos que não são dispensacionalistas crêem que a igreja passará pela grande tribulação.

No entanto, a Bíblia ensina que isto aconteceu no ano 70 d.C., e os cristãos não a experimentaram (fugiram a pé).

Este livro apresenta aos leitores a teologia do juízo: particularmente, as sanções do juízo de Deus contra Israel. As sanções eram maldições. Deus deu bênçãos à Igreja e maldições ao Israel rebelde, que havia crucificado ao Senhor e pedido publicamente o julgamento de Deus sobre si mesmo: “E, respondendo todo o povo, disse: O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos.” (Mateus 27.25). As maldições de Deus sobre Israel no ano 70 d.C. correspondiam a seu crime, a crucificação de Cristo. Este crime foi o maior (pior) na história; seu castigo foi o maior (pior) na história. O chamar a qualquer outra coisa de a “**grande tribulação**” é reduzir a grandeza do crime daquela geração.

Nossa Missão Integral

Dou-me conta de que isto desiludirá a muitos cristãos. Se a **grande tribulação** já aconteceu, então não haverá arrebatamento antes desta tribulação. O arrebatamento dos santos – a ressurreição dos santos mortos e a transformação dos que, todavia, vivem na terra (1 Coríntios 15.52) – fica suspendida até o último ato da história, quando Satanás se rebele e Cristo regresse para julgar ao mundo (Apocalipse 20.7-10). Isto significa que até então, os cristãos permanecerão na terra como os agentes delegados do juízo de Deus na história, pregando o evangelho, aplicando a Lei de Deus a todas as esferas da vida, e subjugando a terra progressivamente para a glória de Deus (Gênesis 1.26-28). Isto significa que aqui na terra os membros da igreja não poderão escapar de nossos deveres cada vez mais pesados de exercer o domínio.

É triste, porém há milhões de cristão hoje em dia que tem adotado uma teoria do futuro que ensina que a maior parte das pessoas morrerá e irá ao inferno – logo será jogada no lago de fogo por toda a eternidade (Apocalipse 20.14) – e a igreja não pode fazer nada para superar sua resistência ao evangelho. É que o Espírito Santo nunca mudará os corações da maioria da humanidade. Perecerão indubitavelmente. Com mais de 5 bilhões de pessoas vivendo atualmente, e com milhões de milhões a mais que nascerão nos próximos 40 anos, esta é uma doutrina pessimista do futuro. No entanto, os cristãos da atualidade preferem crer neste horrível plano a ter que aceitar o crescimento da Igreja e o triunfo do evangelho, devido ao fato que isto imporia a todos os que se chamam cristãos enormes responsabilidades. Antes bem, preferem que milhões de milhões de pessoas pereçam eternamente antes que admitir que eles, como cristãos, sejam mandados por Deus a aceitar as responsabilidades neste mundo – nas esferas que muitos cristãos chamam “seculares” – a causa de um avivamento mundial.

Os adeptos do “movimento teonomista” que também se chama de “reconstrução cristã”, proclamamos um avivamento mundial futuro e a submissão constante, voluntária das pessoas à Lei de Deus. cremos que os cristãos **receberão** cada vez mais responsabilidades em todas as esferas da vida porque o mundo já não tem **respostas factíveis**. Deus nos dará estas obrigações, porém não por meio da revolução ou tirania. Mas bem, as dará àqueles a quem na história se submete voluntariamente a Deus, e os outros (até a rebelião final de Apocalipse 20) permitirão que os cristãos exerçam as funções sociais, políticas, militares e econômicas.

Cremos no aviamento. cremos no evangelismo e nas missões estrangeiras. Assim também todos os cristãos. Mas nós os reconstrucionistas temos esta perspectiva única: **cremos que estes esforços evangelísticos terão êxito na história**. Quando rogamos

que os outros cristãos intensificassem seus esforços para expandir o evangelho, oferecemos esta motivação singular: seus esforços finalmente terão êxito na história. O evangelho de Jesus Cristo não será um fracasso na história. O poder da ressurreição é maior que o poder do diabo, os seguidores humanos do diabo não poderão colocar obstáculos à mensagem mais poderosa na história do homem: que Jesus Cristo tem levado aos pecados do homem, e que a maldade é vencida. À medida que o tempo passa, este evangelho triunfará na história.

O Novo Começo da Humanidade.

Uma das anomalias da história intelectual moderna, é que o comentário talvez mais conciso e inteligente sobre a perspectiva cristã da história é substituída por um judeu secular que ensina direito na Universidade de Harvard. Na introdução de seu livro *Law and Revolution*¹ Horold J. Berman faz uma observação crucial sobre a centralidade da ressurreição no pensamento histórico cristão. Começa com uma asseveração importante acerca da atitude hebraica para o tempo histórico:

A diferença dos outros povos indo-europeus, inclusive os gregos que acreditavam que o tempo se repetia ciclicamente, o povo hebreu pensava do tempo como contínuo, irrecuperável, e histórico, conduzindo para uma redenção final. Acreditavam também, no entanto, que o tempo tem períodos dentro de si. Não é cíclico, mas pode ser que seja interrompido ou acelerado, avança. O Antigo Testamento não é somente um relato de mudança, mas de desenvolvimento, de crescimento, de movimento para o período messiânico – movimento muito irregular, é certo, com muitos retrocessos, porém para um movimento.

Berman depois explica como o cristianismo adotou esta perspectiva de tempo linear, agregando um novo elemento chave:

O cristianismo, contudo, agregou um elemento importante ao conceito judeu do tempo: a saber, a transformação do velho para o novo. A Bíblia hebraica se converteu no Antigo

¹ *Law and Revolution: The Formation of the Western Legal Tradition*, (Cambridge, Massachusetts and London, England: Harvard University Press, 1983). (Lei e Revolução: A formação da tradição legal ocidental)

Testamento seu significado transformado por seu cumprimento no Novo Testamento. Na narrativa da Ressurreição, morte foi transformada a um novo princípio. Os tempos não somente foram acelerados, mas também regenerados. Isto inaugurou uma nova estrutura da história, na qual havia uma transformação fundamental de uma época em outra. Esta transformação, se acreditava, poderia ocorrer uma única vez: se consideravam a vida, morte e ressurreição de Cristo a única interrupção principal no curso do tempo linear desde a criação do mundo até que termine completamente (págs.26-27).

A *Grande Tribulação* mostra que esta transformação da velha ordem para a nova, para a de Cristo, se manifestou decisivamente no encerramento público do primeiro: a queda de Jerusalém e a destruição do templo e seu sistema sacrificial. Isto foi o abalo dos alicerces na história.

Os cristãos praticamente desconhecem os eventos do ano 70 d.C. As perspectivas escatológicas que esperam a grande tribulação no futuro tem causado a falta de atenção da história da queda de Jerusalém na literatura cristã popular. David Chilton tem realizado um grande serviço educacional para a Igreja de Jesus Cristo ao recordamos que tão transcendental foi a queda de Jerusalém. Desde a queda de Jerusalém até a conversão futura dos judeus (Romanos 11), que inaugurará um período de bênçãos terrenas sem precedentes (VS.12-15), nenhum outro evento se iguala como a manifestação da nova ordem de Cristo.

O que precisamos compreender é que Satanás é um grande imitador. Deus o derrotou no Calvário, porém, todavia ele intenta derrotar aos cristãos em suas vidas. Deus impôs uma **grande tribulação** à velha ordem dos hebreus apóstatas, mas Satanás imita a Deus impondo holocaustos à humanidade por meio dos seus seguidores. Cristo inaugurou uma nova ordem mundial, e da mesma forma, os seguidores de Satanás atualmente prometem levar a cabo uma nova ordem mundial. Assim procuram os marxistas e os mulçumanos, também procuravam os nazistas, e atualmente o movimento da Nova Era tenta conseguir. Todas são falsificações. Não

aceite substitutos! Lembre-se das palavras de Cristo: “Mas, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é consequentemente chegado a vós o Reino de Deus.” (Mateus 12.28). Ele lançou fora os demônios pelo Espírito de Deus, assim que o Reino de Deus havia vindo até eles. O reino já é nossa herança como membros da nova nação de Cristo, a Igreja, como disse aos judeus de seu tempo: “Portanto, eu vos digo que o Reino de Deus vos será tirado e será dado a uma nação que dê os seus frutos.”(Mateus 21.43). A nova ordem mundial de Cristo tem chegado, e a queda de Jerusalém é a prova. Como Berman disse da ressurreição: “Isto inaugurou uma nova estrutura da história, na qual houve uma transformação fundamental de uma era para outra. Esta transformação, se acreditava, poderia acontecer uma única vez: considerava-se que a vida, morte e ressurreição de Cristo fosse a única interrupção principal no curso do tempo linear desde a criação do mundo até sua consumação final”. O pior já passou!

1

A ÚLTIMA GERAÇÃO.

Um dos princípios básicos para uma compreensão exata da mensagem da Bíblia é que a *Escritura interpreta a Escritura* (*Scriptura, Scripturae interpres* – nota do tradutor). A Bíblia é a Palavra santa, infalível e inerrante de Deus. É nossa autoridade mais alta. Isto significa que não devemos buscar uma interpretação autoritativa do significado da Escritura fora da própria Bíblia. Também significa que não devemos interpretar a Bíblia como se houvesse caído do céu no século XX. O Novo Testamento foi escrito no primeiro século, por isso, devemos tentar compreendê-lo segundo as pressuposições dos leitores do primeiro século. Por exemplo, quando São João chama Jesus “o cordeiro de Deus”, nem ele e nem seus ouvintes tinham em mente nada do que o homem moderno pensaria se escutasse que alguém foi chamado de “cordeiro”. João não quis dizer que Jesus era doce, carinhoso, amável ou lindo. Na realidade, João não se referia em absoluto a “*personalidade*” de Jesus. Ele queria dizer que Jesus era o sacrifício sem pecado para o mundo. Como sabemos isso? *Porque a Bíblia nos diz assim.*

Este é o método que devemos usar para resolver todos os problemas de interpretação bíblica – inclusive as passagens proféticas. A saber, quando lemos um capítulo de Ezequiel, nossa primeira reação não deve ser de examinar as páginas do *New York Times* em uma busca frenética por pistas para entender seu significado. O periódico não interpreta a Escritura em nenhum sentido especial, e não nos deve dizer *quando* certos eventos proféticos vão se cumprir. A Escritura interpreta a Escritura.

Esta Geração

Em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21 Jesus falou a Seus discípulos acerca da “**grande tribulação**” que viria sobre Jerusalém. Durante os últimos 100 anos tem estado em moda ensinar que Ele aqui esteve falando acerca do “fim do mundo” e o tempo de Sua Segunda Vinda. Porém é isto o que ele queria dizer? Devemos nos fixar no fato que o próprio Jesus nos deu a data (aproximada) da tribulação vindoura, não deixando dúvida alguma depois de um exame mais detalhado do texto bíblico. Ele disse: “Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam.”(Mateus 24.34). Isto significa que *todas as coisas* que Jesus mencionava nesta passagem, pelo menos até o versículo 34, *aconteceram antes que tenha terminado aquela geração viva de seu tempo*. “Espere um pouco” diz você. “Todas as coisas?” O testemunho a todas as nações, a tribulação, a vinda de Cristo sobre as nuvens, a queda das estrelas...*todas as coisas*? Sim – e, entre parênteses, esta questão comprovará seu compromisso com o princípio de interpretação que acabamos de mencionar no começo deste capítulo. “A Escritura interpreta a Escritura” – e faço um sinal afirmativo com a cabeça e declaro: “claro, sim tudo isto. Vá até a raiz. Quando começam as explosões atômicas e as abelhas destruidoras?” O Senhor Jesus declarou que “*esta geração*” – as pessoas que *viviam desde então* – não passariam antes que acontecessem as coisas que Ele havia profetizado. Isto é fato, você acredita?

Alguns tem tentado diminuir a força deste texto dizendo que a palavra **geração** aqui realmente significa **raça**, e que Jesus estava dizendo somente que a *raça judia* não passaria até que sucedessem todas estas coisas. É certo isso? Faço-lhe um desafio: pegue sua concordância bíblica e procure cada ocorrência neotestamentária da palavra **geração** (no grego, *genea*) e observe se quer dizer “raça” em qualquer outro contexto. Aqui coloco todas as referências para os

Evangelhos: Mateus 1.17;11.16; 12.39,41,42,45; 16.4;17.17;23.34; Marcos 8.12,38; 9.19; 13.30; Lucas 1.48,50; 7.31; 9.41; 11.29,30,31,32,50,51;16.8;17.25;21.32. Nenhuma destas passagens se refere a toda a raça judaica durante milhares de anos; todas usam a palavra em seu sentido normal do **total daqueles vivem ao mesmo tempo**. Sempre se refere aos **contemporâneos**. (Na realidade, os que dizem que significa ‘raça’ tendem a dar-se conta desta realidade, mas explicam que de imediato que a palavra muda de significado quando Jesus a usa em Mateus 24! Podermos sorrir de um erro tão evidente, mas também devemos lembrar-nos que isto é muito sério. Estamos tratando com a Palavra do Deus vivente).

Portanto, a conclusão, - antes que analisemos a passagem em sua totalidade – é que os *eventos profetizados em Mateus 24 aconteceram dentro da vida da geração que vivia nos dias de Jesus*. Esta era a geração que Jesus chamou “má e adúltera” (Mateus 12.39,45;16.4;17.17); e foi esta “última geração” que crucificou ao Senhor; e foi esta geração, disse Jesus, sobre a qual recairia o castigo por “ todo sangue justo que se havia derramado sobre a terra”.(Mateus 23.35)

Tudo Isto.

Em verdade vos digo que todas essas coisas hão de vir sobre esta geração. Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. (Mateus 23.36-38)

A declaração de Jesus em Mateus 23 é a preparação para Seu ensinamento em Mateus 24. Jesus claramente falava de um juízo iminente sobre Israel por haver rejeitado a Palavra de Deus, e pela apostasia fina de rejeitar ao Filho de Deus. Os discípulos ficaram com tanta raiva desta profecia sobre a geração presente e a “desolação” da “casa” (o Templo) judia, que, quando estiveram a sós com Ele, não puderam resistir ao pedir-lhe uma explicação.

E, quando Jesus ia saindo do templo, aproximaram-se dele os seus discípulos para lhe mostrarem a estrutura do templo. Jesus, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada. E, estando assentado no monte das Oliveiras, chegaram-se a ele os seus discípulos, em particular, dizendo: Dize-nos quando serão essas coisas e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo? (Mateus 24.1-3)

Uma vez mais devemos notar que *Jesus não estava falando de algo que sucederia milhares de anos mais tarde, a um tempo futuro*. Estava profetizando acerca de “tudo isto,” dizendo que “não ficará [aqui]² pedra sobre pedra, que não seja derrubada”. Isto chega a ser ainda mais claro, se consultarmos as passagens paralelas:

E, saindo ele do templo, disse-lhe um dos seus discípulos: Mestre, olha que pedras e que edifícios! E, respondendo Jesus, disse-lhe: Vês estes grandes edifícios? Não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada. (Marcos 13.1-2).

E, olhando ele, viu os ricos lançarem as suas ofertas na arca do tesouro; e viu também uma pobre viúva lançar ali duas pequenas moedas; e disse: Em verdade vos digo que lançou mais do que todos esta pobre viúva, porque todos aqueles deram como ofertas de Deus do que lhes sobeja; mas esta, da sua pobreza, deu todo o sustento que tinha. E, dizendo alguns a respeito do templo, que estava ornado de formosas pedras e dádivas, disse: Quanto a estas coisas que vedes, dias virão em que se não deixará pedra sobre pedra que não seja derribada. (Lucas 21:1-6).

A única interpretação possível das palavras de Jesus é a que ele mesmo permite, portanto, vemos que estava falando da destruição do Templo que desde então, estava em Jerusalém, os próprios edifícios que os discípulos viam naquele momento da história. O Templo do qual Jesus falava foi destruído na queda de Jerusalém pelo exército romano no ano 70 d.C. Esta é a única interpretação possível da profecia de Jesus neste capítulo. A grande tribulação terminou com destruição do Templo em 70 d.C. Ainda que se construísse outro templo (algo muito duvidoso) no futuro, as palavras de Jesus em Mateus 24, Marcos 13, e

² A palavra “aqui” está no texto grego (ἧδε - *hode*). A tradução de Mateus 24.1-3 da Nova Versão Internacional é mais clara, “Jesus saiu do templo e, enquanto estava camainhando, aproximaram-lhe seus discípulos e lhe fizeram fixar-se nos edifícios do templo, ele perguntou “veem tudo isto? “Pois eu lhes asseguro que não ficará aqui uma só pedra encima da outra; todas serão demolidas”.

Lucas 21 não dizem nada acerca do Templo *daquela geração*. Não existe base bíblica para afirmar que se contemple outro templo. Jesus confirmou os temores de seus discípulos: o formoso Templo de Jerusalém seria destruído naquela geração [a geração dos discípulos – Nota do Tradutor], sua casa seria deixada completamente desolada.

Os discípulos compreenderam a importância disto. Sabiam que a vinda de Cristo, em juízo, para destruir o templo significaria a total dissolução de Israel como uma nação baseada no pacto. Seria o sinal de que Deus havia se divorciado de Israel, retirando-se de sua presença, e tirando-lhe o reino e entregando-o a outra nação (Mateus 21.43). Ademais assinala, o fim da era e a chegada de outra época completamente nova na história do mundo: A Nova Ordem Mundial. Desde o princípio da criação até o ano 70 d.C, o mundo foi organizado ao redor do santuário central, uma só Casa de Deus. Desta vez, na ordem do Novo Pacto, os santuários seriam estabelecidos por onde quer que exista a adoração verdadeira, se observassem os sacramentos e se manifestasse a presença especial de Cristo. No princípio de seu ministério, Jesus havia dito:

Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me que a hora vem em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus. Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem. (João. 4.21-23).

Jesus estava declarando que a nova era se estava por estabelecer permanentemente sobre as cinzas da velha. Os discípulos perguntaram urgentemente: “Quando serão estas coisas, e que sinal haverá de toda vinda, e do fim do século?”

Alguns tem tentado interpretar isto como perguntas completamente distintas, a qual significaria que os discípulos estavam perguntando: *primeiro* a respeito da destruição do Templo, e *segundo*, a cerca dos sinais do fim do mundo. Isto parece impossível. O propósito do sentido

do contexto imediato (o sermão recente de Jesus) é sobre o destino de “*esta*” geração. Os discípulos, perplexos, haviam assinalado as belezas do Templo, como para sustentar que tal maravilha não deve ser arruinada; a declaração categórica de Jesus que não ficará nenhuma pedra sobre pedra lhes impõe silêncio. Não existe nenhum indício que assinale a mudança brusca do tema e que tenham perguntado a respeito do fim do universo material. Os discípulos tinham uma só inquietude, e suas perguntas giravam em torno de um só tema: a realidade de que sua própria geração veria o fim da época pré-cristã e a vinda da nova época prometida pelos profetas. Só queriam saber *quando* chegaria, e *quais seriam os sinais* que deveriam notar com o propósito de estarem plenamente preparados.

Os Sinais do Fim

Jesus respondeu dando aos discípulos não um, mas *sete* sinais do fim. (Temos que lembrar que “o fim” nesta passagem *não* é o **fim do mundo**, mas *o fim da época*, o fim do Templo, do sistema sacrificial, da nação baseada no pacto de Israel, e dos últimos remanescentes da época pré-cristã). É observável a progressão nesta lista: os sinais parecem chegar a ser cada vez mais explícitas e claras até chegar ao precursor final e imediato do fim. A lista começa com certos eventos que ocorreriam como “dores” de parto (Mateus 24.8). Em si, advertia Jesus, não se devia interpretar como sinais de um fim iminente; assim que, os discípulos deviam cuidar-se de não ser enganados a este respeito (v.4). Estes “eventos” iniciais, que assinavam o período entre a ressurreição de Cristo e a destruição do Templo no ano 70 d.C., se manifestam assim:

1. Falsos Messias:

“Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos.” (vs.5)

2. Guerras:

“E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação”(vs. 6-7a).

3. Catástrofes naturais:

“... e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares. Mas todas essas coisas são o princípio das dores.” (vs. 7b-8).

É possível que qualquer destes acontecimentos teria produzido nos cristãos o pressentimento de que o fim estava a ponto de acontecer se Jesus não lhes houvesse advertido que tais eventos seriam *tendências gerais* que caracterizariam a geração final, e não eram os sinais precisos do fim. Os seguintes sinais, sem deixar de caracterizar o período como uma totalidade nos aproxima para o fim da época:

4. Perseguição:

“Então, vos hão de entregar para serdes atormentados e matar-vos-ão; e sereis odiados de todas as gentes por causa do meu nome.” (vs.9)

5. Apostasia:

Nesse tempo, muitos serão escandalizados, e trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se aborrecerão. E surgirão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos se esfriará. Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo. (vs.10-13)

Os dois últimos elementos na lista são muito mais específicos e distinguíveis que os anteriores. Estes seriam os sinais definitivos do fim; um deles, o cumprimento de um processo, e o outro um evento decisivo:

6. A evangelização mundial:

“E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim.” (vs.14).

A primeira vista, isto parece incrível. É possível que o Evangelho tenha sido pregado em todo mundo dentro da geração destas palavras? O testemunho da Escritura é claro. Não só foi possível, mas que realmente aconteceu. Qual é a prova? Uns anos antes da destruição de Jerusalém, Paulo escreveu aos cristãos de Colossos “...do evangelho, que já chegou a vós, como também está em todo o mundo; e já vai frutificando, como também entre vós”(Colossenses 1.5-6), e lhes exortou que não se afastasse “da esperança do evangelho que tendes ouvido, o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu,” (Colossenses 1.23). À igreja em Roma, Paulo anunciou que “... em todo o mundo é anunciada a vossa fé.” (Romanos 1.8), porque a voz dos pregadores do Evangelho tem saído “... por toda a terra..., E as suas palavras até aos confins do mundo.” (Romanos. 10.18). Segundo a Palavra Infalível de Deus, o Evangelho certamente foi pregado ao mundo inteiro, muito antes que Jerusalém tenha sido destruída no ano 70 d.C. Este sinal crucial do fim se cumpriu como Jesus havia dito. Só faltava o sétimo e último sinal; quando este evento ocorresse, todos os cristãos que permaneciam próximo de Jerusalém estavam sob aviso de escapar o quanto antes:

7. A Abominação desoladora:

Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo; quem lê, atenda; Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; E quem estiver sobre o telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa; E quem estiver no campo não volte atrás a buscar as suas vestes. (vs.15-18)

O texto do Antigo Testamento ao qual Cristo se refere encontra-se em Daniel 9.26-27, que profetiza a vinda dos exércitos para destruir Jerusalém e o Templo:

O povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra; estão determinadas as assolações. E ele firmará aliança com muitos por uma semana; e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oblação; e sobre a asa das abominações virá o assolador, e isso até à consumação; e o que está determinado será derramado sobre o assolador.

A palavra hebraica para *abominação* [שְׁקִיטִים] – *shiqutsim* – Nota do tradutor] é usada ao longo do Antigo Testamento para indicar *ídolos, práticas perversas e idolátricas*, especialmente dos inimigos de Israel (por exemplo, Deuteronômio 29.17; 1 Reis 11.5,7; 2 Reis 23.13; 2 Crônicas 15.18; Isaías 66.3; Jeremias 4.1; 7.30; 13.27; 32.34; Ezequiel 5.11; 7.20; 11.18,21; 20.7-8,30). O significado, tanto em Daniel como em Mateus, se esclarece pela referência paralela em Lucas. Em vez de “abominável da desolação”, Lucas disse:

Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabeis então que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, saiam; e os que nos campos não entrem nela. Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas. (Lucas 21.20-22)

O “abominável da desolação, portanto, seria a *invasão armada de Jerusalém*. Durante o período das guerras dos judeus, Jerusalém foi rodeada pelos exércitos pagãos várias vezes. Porém, o evento específico marcado por Jesus como o “*abominável da desolação*” parece ser a ocasião quando os idumeus – antigos inimigos de Israel –a atacavam Jerusalém. Várias vezes na história de Israel, quando era atacado por seus inimigos pagãos, os idumeus haviam entrado para destruir e desolar a cidade deste modo eles exacerbaram a miséria de Israel (2 Crônicas 20.2; 28.17; Salmos 137.7; Ezequiel 35.5-15; Amós 1.9,11; Obadias 10-16).

Os idumeus seguiam fazendo o mesmo, repetiam esta prática característica durante a grande tribulação. Uma noite os idumeus rodearam a cidade santa com 20.000 soldados. Quando eles esperavam fora dos muros, segundo Josefo, “aconteceu que aquela noite fez muito frio; se levantaram ventos muito violentos; veio muita água; muitos

raios e horríveis trovões; sentiam que a terra tremeu, pelo qual todos estavam certos da destruição dos homens, o estado do mundo se confundia, porque aqueles sinais não manifestavam ser algo significativo”³ Esta era a **última** oportunidade para escapar da condenada cidade de Jerusalém.

Todo aquele que desejava fugir tinha que fazê-lo imediatamente, sem demora. Os idumeus entraram na cidade e encaminharam-se diretamente para o Templo, onde assassinaram 8.500 pessoas degolando-lhes. Ao encher-se o Templo de sangue, os idumeus correram como que enlouquecidos os limites da cidade saqueando as casas e assassinando a todos que encontrassem em seu caminho, inclusive o sumo-sacerdote. Segundo o historiador Josefo, este evento indicava “o princípio da destruição da cidade... desde este mesmo dia se pode datar a derrota de seus muros, e a ruína de seus assuntos”.

A Grande Tribulação.

Mas ai das grávidas e das que amamentarem naqueles dias!E orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado; Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver. (Mateus 24.19-21)

A narrativa de Lucas dá mais detalhes:

Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias! porque haverá grande aperto na terra, e ira sobre este povo. E cairão ao fio da espada, e para todas as nações serão levados cativos; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem. (Lucas 21.23-24)

Segundo indicou Cristo em Mateus, a grande tribulação tinha que suceder, não no final da história, mas naquele período, porque nada semelhante havia ocorrido “desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver”. Assim que, a profecia da grande tribulação se refere só a destruição do Templo naquela geração (70 d.C). Não se pode encaixar em um esquema de “**duplo-cumprimento**”; a Grande

³ JOSEFO, Flavio, *Las guerras & los judíos*, (Miami, Florida: Libros CLIE, 1988) dois volumes. II. p. 77.

Tribulação de 70 d.C. era um evento absolutamente único, nunca foi repetido.

Josefo nos tem deixado um testemunho ocular da grande parte do horror daqueles anos, e especialmente dos últimos dias em Jerusalém. Era um tempo que “se passavam os dias no derramamento de sangue, e as noites no medo”. Era “comum ver as cidades cheias de cadáveres”. Os judeus carregados de medo se matavam indiscriminadamente uns aos outros. Pais matavam com lágrimas as suas famílias, a fim de não receber tratamento pior da parte dos romanos. Em meio a fome, as mães matavam, assavam e comiam seus próprios filhos (veja-se Deuteronômio 28.53). A terra inteira “de todos os lados estava cheia de fogo e sangue”. Os rios e mares se tornaram vermelhos, corpos mortos flutuavam por todas as partes, estendidos pelos ribeiros, inchado-se no sol, entrando em putrefação. Soldados romanos capturavam as pessoas que tentavam escapar e em seguida as crucificavam – totalizavam uns 500 por dia.

“Seja crucificado! Seu sangue seja sobre nós, e sobre nossos filhos,” os apóstatas haviam gritado quaranta anos antes (Mateus 27.22-25) e quando tudo havia terminado, mais de um milhão de Judeus foram mortos quando Jerusalém foi sitiada. Outro milhão de pessoas foram vendidas como escravas através do império, e o restante de Jerusalém ardia fumegando em suas ruínas, virtualmente despovoada. Os dias da retribuição haviam chegado com uma intensidade horrorosa, sem misericórdia. Ao quebrar o pacto, a cidade santa havia se convertido na prostituta babilônica; e desta vez ficou um deserto, “morada de demônios, e covil de todo espírito imundo, e esconderijo de toda ave imunda e odiável.” (Apocalipse 18.2)

2

VINDO SOBRE AS NUUVENS.

Temos visto que a mensagem de Cristo no Monte das Oliveiras, registrado em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21, trata do “fim” – não do mundo, mas de Jerusalém e o Templo; refere-se exclusivamente aos “dias posteriores” da época do Antigo Pacto. Jesus claramente falava de seus próprios contemporâneos quando disse que “esta geração” veria “tudo isto”. A “grande tribulação” aconteceu durante o tempo terrível de sofrimento, guerras, fomes e matança em massa que conduziram para a destruição do Templo no ano 70 d.C. Contudo, o que tende a confundir esta interpretação é o que Jesus disse em seguida:

E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas. Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; e todas as tribos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus. (Mateus 24:29-31)

Dá impressão que Jesus está dizendo que Segunda Vinda ocorrerá imediatamente depois da Tribulação. Ocorreu a Segunda Vinda no ano 70 d.C? A perdemos? Primeiro, vamos esclarecer uma coisa desde o princípio: é impossível evitar a palavra *imediatamente*. Ela significa *imediatamente*. Aceitando que a tribulação aconteceu durante a geração que estava viva desde então, temos que aceitar também o ensino claro da Escritura que seja o que for sobre o que Jesus falava nestes versículos, aconteceu *imediatamente* depois. Em outras palavras, estes versículos descrevem o que havia de ocorrer *ao final* da Tribulação – o que seria sua culminação.

A fim de compreender o significa das expressões de Jesus nesta passagem, precisamos compreender o Antigo Testamento mais que a maioria das pessoas na atualidade. Jesus falava com um público que

estava familiarizado intimamente até com os detalhes mais obscuros do Antigo Testamento. Haviam escutado as leituras e explicações do Antigo Testamento inúmeras vezes em suas vidas, e haviam memorizado longas passagens. O conjunto de imagens bíblicas e formas de expressão haviam formado sua cultura, ambiente e vocabulário desde sua tenra infância, e isto ocorreu por várias gerações.

A verdade é que quando Jesus falava a seus discípulos acerca da queda de Jerusalém, *estava usando um vocabulário profético*. Havia uma “linguagem” de profecia, imediatamente reconhecível por aqueles que conheciam o Antigo Testamento. Quando Jesus predizia o fim completo do sistema do Antigo Pacto – que era, em certo sentido, o fim do mundo – falava como qualquer outro profeta, com a linguagem apaixonada do juízo baseada no pacto. Consideremos cada elemento nesta profecia, vendo como seu uso nos profetas veterotestamentários determinava seu significado no sentido do contexto da mensagem de Jesus sobre a queda de Jerusalém. Lembremo-nos que nossa principal bandeira da verdade é a Bíblia, e somente a Bíblia.

O Sol, a Lua, e as Estrelas.

Ao final da tribulação, disse Jesus, o universo será arrasado: a luz do sol e a lua se apagarão, as estrelas cairão, os poderes dos céus serão abalados. A base para este simbolismo é Gênesis 1.14-16, onde se fala do sol, a lua, e as estrelas (“poderes dos céus” Mateus 24.29) como os “sinais” que “governam” o mundo. Mais tarde na Escritura, se usam estas luzes celestiais para representar as autoridade e governantes terrenos. Quando Deus ameaça destruí-los com juízo, a mesma terminologia do universo arrasado é usada para descrevê-lo. Profetizando a queda da Babilônia no ano de 539 a.C, Isaías escreveu:

Eis que vem o Dia do SENHOR,
Dia cruel, com ira e ardente furor,
Para converter a terra em assolação

E dela destruir os pecadores.

Porque as estrelas e constelações dos céus não
darão a sua luz;

O sol, logo ao nascer, se escurecerá,

E a lua não fará resplandecer a sua luz.

(Isaías 13:9-10 - ARA).

Significativamente, Isaías mais tarde profetizava a queda de Edom
nos termos de *des-criação*:

E todo o exército dos céus se dissolverá,

E os céus se enrolarão como um livro;

E todo o seu exército cairá, como cai a folha da vide

E como cai o figo da figueira.(Isaías 34:4 4)

Um amigo de Isaías, o profeta Amós, predizia a ruína de Samaria
(722 a.C.) de forma semelhante:

E sucederá que, naquele dia, diz o Senhor DEUS,

Farei que o sol se ponha ao meio dia,

E a terra se entenebreça no dia claro. (Amós 8.9)

Outro exemplo é do profeta Ezequiel, que predisse a destruição do
Egito. Veja o que Deus disse por meio dele:

E, apagando-te eu,

Cobrirei os céus, e enegrecerei as suas estrelas;

Ao sol encobrirei com uma nuvem,

E a lua não fará resplandecer a sua luz.

Todas as brilhantes luzes do céu enegrecerei sobre ti,

E trarei trevas sobre a tua terra,

Diz o Senhor DEUS. (Ezequiel 32:7-8).

Temos que destacar que *nenhum* destes eventos literalmente aconteceu. Deus não tinha a intenção de que alguém interpretasse literalmente estas declarações. *Poeticamente*, contudo, todas estas coisas *aconteceram*: com respeito a estas nações más, “se apagaram as luzes”. Isto é sensivelmente uma linguagem figurativa, que não nos surpreenderia se todos nós conhecêssemos melhor a Bíblia e apreciássemos seu caráter literário.

Portanto, o que Jesus está dizendo em Mateus 24, com uma terminologia que seus discípulos imediatamente entenderam, é que a luz de Israel seria apagada; a nação do pacto deixaria de existir. Ao findar a tribulação, o antigo Israel terá desaparecido.

O Sinal do Filho do Homem

Em uma tradução correta de Mateus 24.30⁴, aparecem duas verdades muito importantes: primeiro, o local indicado é o céu (a mansão na qual os anjos e os eleitos gozam da presença de Deus), somente o *firmamento* (espaço que contempla azul e transparente de dia, e que parece rodear a Terra); segundo, não é o *sinal* que está no céu, mas é o **Filho do Homem** quem está no céu. O ponto importante é que este grande juízo sobre Israel, a destruição de Jerusalém e o Templo, é o sinal que indica que *Jesus Cristo está entronizado no céu a destra do Pai, regendo as nações e vingando-se dos seus inimigos*. O cataclismo divinamente ordenado do ano 70 d.C revela que Cristo havia tirado o Reino de Israel e o havia entregado à Igreja; a desolação do velho Templo era o último sinal que Deus o havia abandonado e que já habitava em um novo Templo, a Igreja. Estes são aspectos da primeira Vinda de Cristo, partes cruciais da obra que Ele veio conquistar por Sua morte, ressurreição, e ascensão ao trono. Por isso, a Bíblia fala do

⁴ O erro da Nova Versão Internacional é típico das traduções modernas, “Naquele tempo, aparecerá no firmamento o sinal do Filho do Homem” (Mateus 24.30). Este erro não se baseia no texto grego, mas nas pressuposições equivocadas dos tradutores quanto ao tema da passagem (pois, pressupõem que aqui se fala da Segunda Vinda de Cristo).

derramamento do Espírito Santo sobre a Igreja e a destruição de Israel como se fossem o *mesmo evento*, porque estavam intimamente ligados teologicamente. O profeta Joel predisse tanto o Dia de Pentecostes como a destruição de Jerusalém conjuntamente:

E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões. E também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito. E mostrarei prodígios no céu, e na terra, sangue e fogo, e colunas de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR. E há de ser que todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo; porque no monte Sião e em Jerusalém haverá livramento, assim como disse o SENHOR, e entre os sobreviventes, aqueles que o SENHOR chamar. (Joel 2:28-32)

Como veremos em um capítulo mais adiante, a interpretação inspirada de Pedro deste texto em Atos 2 determina a verdade que Joel está falando do período desde o derramamento inicial do Espírito Santo até a destruição de Jerusalém, desde o pentecoste até o holocausto (a matança dos judeus na invasão de Jerusalém no ano 70 d. C – **nota do tradutor**). Aqui nesta passagem, se usa a mesma linguagem de juízo. A interpretação sensacionalista comum de que as “colunas de fumaça” são explosões atômicas que tomam a forma de fungos é uma falsificação radical do texto. É um erro completo da linguagem bíblico-profética. Teria tanto sentido como se disséssemos que a coluna de fogo e fumaça durante o Êxodo foi resultado de uma explosão atômica.

As Nuvens do Céu

Isto, apropriadamente, nos leva para o próximo elemento na profecia de Jesus sobre a destruição de Jerusalém: “E então, lamentarão tas as tribos da terra, e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória”.

A palavra “tribos” aqui tem referência principal às *tribos da terra de Israel*; e é provável que a “lamentação” tenha dois sentidos. Primeiro,

lamentariam com dor a causa de seu sofrimento e a perda da sua terra; segundo, lamentarão em arrependimento no futuro por seus pecados, quando se converterem de sua apostasia (veja-se Romanos 11).

Porém como é que veriam a Cristo vindo sobre as nuvens? Este é um símbolo importante do poder e glória de Deus, usado constantemente na Bíblia. Por exemplo, pense você na “*coluna de fogo e nuvem*” por meio da qual Deus salvava os israelitas e destruía seus inimigos na libertação do Egito (Veja-se Êxodo 13.21-22;14.19-31;19.16-19). Na realidade, através do Antigo Testamento Deus estava vindo “sobre as nuvens”, salvando seu povo da destruição por parte de seus inimigos: “Põe nas águas as vigas das suas câmaras; faz das nuvens o seu carro, anda sobre as asas do vento.” (Salmo 104.3). Quando Isaías profetizava do juízo de Deus sobre o Egito, escreveu: “*PESO do Egito. Eis que o SENHOR vem cavalgando numa nuvem ligeira, e entrará no Egito; e os ídolos do Egito estremecerão diante dele, e o coração dos egípcios se derreterá no meio deles.*” (Isaías 19.1). O profeta Naum falava de modo semelhante da destruição de Nínive por Deus: “*O SENHOR é tardio em irar-se, mas grande em poder, e ao culpado não tem por inocente; o SENHOR tem o seu caminho na tormenta e na tempestade, e as nuvens são o pó dos seus pés.*”(Naum 1.3). A vinda de Deus “sobre as nuvens dos céus” é um símbolo bíblico muito comum de sua presença, juízo, e salvação.

Ainda mais, Jesus está se referindo a um evento específico associado com a destruição de Jerusalém e no final do Antigo Pacto. O mencionou outra vez em seu julgamento, quando o Sumo-Sacerdote lhe perguntou se era ele o Cristo, e Jesus respondeu: “Eu o sou, e vereis o Filho do homem assentado à direita do poder de Deus, e vindo sobre as nuvens do céu”. (Marcos 14.62 e Mateus 26.64).

Obviamente, Jesus não se referia a um evento milhares de anos no futuro. Estava falando de algo que seus contemporâneos – “esta geração” – veriam em sua vida. A Bíblia nos diz exatamente quando

Jesus veio com as nuvens do céu: “E, quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos.” (Atos 1.9). “Ora, o Senhor, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu, e assentou-se à direita de Deus.” (Marcos 16.19)

Era este evento, a *Ascensão à destra de Deus*, que Daniel predisse:

Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele. E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino tal, que não será destruído. (Daniel 7.13-14).

A destruição de Jerusalém era um sinal que o Filho do homem, o segundo Adão, estava no céu, governando o mundo e dispondo-o para seus próprios propósitos. Em sua ascensão, havia vindo sobre as nuvens do céu para receber o Reino de Seu Pai; a destruição de Jerusalém era a revelação desta realidade. Em Mateus 24, portanto, Jesus não estava profetizando que viria literalmente sobre as nuvens no ano 70 d.C (ainda que de certo modo veio *figurativamente*). Sua “vinda sobre as nuvens” de modo literal, como cumprimento de Daniel 7, aconteceu no ano 30 d.C., no início da “última geração”. Porém, no ano 70 d.C as tribos de Israel viram a destruição da nação como resultado de Cristo ter ascendido ao trono no céu, para receber Seu Reino.

Juntarão Seus eleitos

Finalmente, Jesus anunciou, que o resultado da destruição de Jesus será o envio de seus “Anjos” para juntar os escolhidos. Não é isto o arrebatamento? Não. A palavra *anjos* simplesmente significa *mensageiros* (Tiago 2.25), sem levar em consideração alguma se sua origem é celestial ou terrena, é o *sentido do contexto* que determina se estes mencionados aqui são criaturas celestiais ou terrenas. A palavra costumeiramente significa *pregadores* do Evangelho (Veja-se Mateus 11.10; Lucas 7.24; 9.52; Apocalipse 1-3). Pelo contexto, é bem provável

que Jesus estivesse falando do evangelismo e a conversão mundial das nações que ocorreria através da destruição de Israel.

O uso da palavra *juntarão* é significativo neste sentido. A palavra, literalmente, é um verbo que significa *sinagogar*; o significado é que com a destruição do Templo e o sistema do velho Pacto, o Senhor envia seus mensageiros para juntar os eleitos em Sua Nova Sinagoga. Jesus está repetindo o dito de Moisés, que havia prometido: “Ainda que os teus desterrados estejam para a extremidade do céu, desde ali te ajuntará o SENHOR, teu Deus, e te tomará dali.” (Deuteronômio 30.4, septuaginta). Nenhum e nem outro texto tem algo a ver com o arrebatamento; os dois tem haver com a restauração e estabelecimento da Casa de Deus, a congregação organizada do povo do pacto. Isto chega a ser ainda mais enfático quando lembramos os que Jesus disse momentos antes desta mensagem:

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. (Mateus 23.37-38)

Por causa que Jerusalém apostatou e recusou ser “sinagogada” por Cristo, seu Templo foi destruído, e uma Nova Sinagoga foi formada: a Igreja. Desde cedo, o Novo Templo foi criado no dia de Pentecostes, quando o Espírito começou a morar na Igreja. Mas, a realidade da existência do Novo Templo só seria evidente quando o andaime do velho Templo e o sistema do velho Pacto fosse tirado. As congregações cristãs imediatamente começaram a chamar-se “sinagogas” (é a palavra usada em Tiago 2.25), enquanto que chamavam as reuniões do judeus de “sinagogas de Satanás” (Apocalipse 2.9; 3.9). Já anelavam o Dia do Juízo sobre Jerusalém e o Antigo Templo, quando a Igreja seria revelada como o Templo e Sinagoga verdadeira de Deus. Por cauãs de que o sistema do Antigo Pacto era “antiquado” e “próximo a desaparecer” (Hebreus 8.13), o escritor aos hebreus lhes instavam que tivessem esperança, “não deixando a nossa congregação, como é costume de

alguns; antes, admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais quanto vedes que se vai aproximando aquele Dia.”(Hebreus 10.25; veja-se 2 Tessalonicenses 2.1-2).

A promessa do Antigo Testamento que Deus “sinagogaria” com Seu povo tem uma mudança importante no Novo Testamento. Em vez da forma simples da palavra, o termo usado por Jesus tem a preposição grega *epi* [ἐπὶ – nota do tradutor] como prefixo. Esta é uma expressão predileta do Novo Testamento, que *intensifica* a palavra no original. O que Jesus disse, por tanto, é que a destruição do Templo no ano 70 d.C. O revelará como tendo vindo nas nuvens para receber Seu Reino; e apresentará Sua Igreja diante do mundo como a *super*-Sinagoga, completa e verdadeira.

3

A CHEGADA DO ANTICRISTO.

Segundo as palavras de Jesus em Mateus 24, uma das características crescentes da época antes do derrocamento de Israel havia de ser a *apostasia dentro da Igreja Cristã*. Isto foi mencionado anteriormente, mas um estudo mais detalhado neste momento nos ajudará a compreender várias questões relacionadas no Novo Testamento – problemas com frequência concebidos de forma errada.

De modo geral, pensamos a respeito do período apostólico como um tempo de evangelismo explosivo e crescimento da Igreja, uma “era de ouro” quando ocorriam milagres assombrosos todos os dias. Esta imagem comum é essencialmente correta, mas tem um defeito por causa de uma omissão proeminente. Tendemos a omitir o fato de que a igreja primitiva era o centro de *surgimento das heresias mais dramáticas na história do mundo*.

A Grande Apostasia.

A heresia começou a introduzir muito cedo no desenvolvimento da Igreja. Atos dos Apóstolos, capítulo 15, registra o primeiro Concílio Eclesiástico, realizado com o propósito de tomar uma decisão autoritativa com respeito ao problema da Justificação pela fé (alguns mestres haviam promovido a falsa doutrina de que se deveria guardar as leis cerimônias do Antigo Testamento para se justificar). No entanto, o problema não desapareceu, alguns anos depois, o apóstolo Paulo teve que enfrentá-lo outra vez, em sua carta à igreja da Galácia. Como Paulo disse, esta aberração doutrinárias não era insignificante, porque afetava a própria salvação: era um “outro evangelho”, uma deformação total da verdade e significava repudiar ao próprio Senhor Jesus Cristo. Utilizando a terminologia mais severa de sua vida, Paulo deu sentença

de condenação aos “falsos irmãos” que ensinavam a heresia(veja-se Gálatas 1.6-9;2.5,11-21;3.1-3; 5.1-12).

Paulo ao prever que a heresia se introduziria nas igreja da Ásia Menor, juntou aos presbíteros de Éfeos, e os exortou “olhai por vós, e por todo o rebanho”, porque “eu sei isto: que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão o rebanho.E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si.”(Atos. 20.28-30). Tal como Paulo havia predito, a falsa doutrina chegava a ser um problema de grandes proporções nestas igrejas. Quando o livro de Apocalipse foi escrito, algumas haviam sido quase que completamente arruinadas por causa do progresso dos ensinoss heréticos e da apostasia resultante. (Apocalipse 2.2,6,14-16,20-24; 3.1-4,15-18).

Mas o problema da heresia não se limitava a uma área geográfica ou cultural. Era extenso e chegou a ser um tema cada vez mais tratado pelo conselho apostólico e de vigilância pastoral no transcorrer dos tempos. Alguns hereges ensinavam que a Ressurreição final já havia ocorrido (2 Timóteo 2.18), enquanto que outros afirmavam que a Ressurreição era impossível (1 Coríntios 15.12); alguns ensinavam doutrinas estranhas de asceticismo e adoração aos anjos (Colossenses 2.8, 18-23; 1 Timóteo 4.1-3), enquanto que outros promoviam toda classe de imoralidade e rebelião em nome da “liberdade” (2 Pedro 2.1-3,10-22; Judas 4,8,10-13,16). Muitas vezes os apóstolos se viam forçados a repreender fortemente a tolerância dos falsos mestres e “falsos apóstolos” (Romanos 16.17-18; 2 Coríntios 11.3-4, 12-15; Filipenses 3.18-19; 1 Timóteo 1.3-7; 2 Timóteo 4.2-5), porque estes haviam causada o distanciamento de grande quantidade de fiéis, e o alcance da apostasia crescia a medida que o tempo passava (1 Timóteo 1.19-20; 6.20-21; 2 Timóteo 2.16-18; 3.1-9,13; 4.10,14-16). Uma das últimas cartas do Novo Testamento, o livro de Hebreus, foi escrito a toda uma comunidade cristã que estava a ponto de abandonar

completamente o cristianismo. A fé e os milagres não era o único que caracterizava a Igreja Cristã da primeira geração, também havia uma crescente desobediência para a lei, rebelião, e heresia dentro da mesma comunidade cristã – tal como Jesus o havia predito em Mateus 24.

O Anticristo.

Os cristãos tinham um termo específico para esta apostasia, chamavam-na *anticristo*. Muitos escritores populares tem feito especulações acerca deste termo, de modo geral deixam de considera seu uso na Escritura. Em primeiro lugar, vamos considerar uma realidade que sem dúvida assombrará algumas pessoa: *a palavra “anticristo” nunca aparece no livro de Apocalipse*. Nem uma única vez. Contudo, os mestres cristãos populares usam o termo habitualmente como um sinônimo da “Besta” de Apocalipse 13. Obviamente, não existe dúvida que a Besta é um inimigo de Cristo, e por isso é “anti” Cristo neste sentido; no entanto, o que estou querendo dizer é que o termo *anticristo* é usado em um sentido muito específico, e que em sua essência não se relaciona com a figura conhecida como “a Besta” e o número “666”.

Outro erro difundido diz que “o anticristo” é um individuo particular; relacionado com isto está a noção de que “666” é alguém que aparecerá no final do mundo. Todas estas idéias são negadas pelo Novo Testamento.

Na realidade, o termo anticristo é mencionado *somente* nos seguintes versículos das cartas do apóstolo João:

Filhinhos, é já a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também agora muitos se têm feito anticristos; por onde conhecemos que é já a última hora. Saíram de nós, mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco; mas isto é para que se manifestasse que não são todos de nós. Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? É o anticristo esse mesmo que nega o Pai e o Filho. Qualquer que nega o Filho também não tem o Pai; e aquele que confessa o Filho tem também o Pai. Estas coisas vos

escrevi acerca dos que vos enganam. (1 João 2.18-19,22-23,26)

Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo. Filhinhos, sois de Deus e já os tendes vencido, porque maior é o que está em vós do que o que está no mundo. Do mundo são; por isso, falam do mundo, e o mundo os ouve. Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus ouve-nos; aquele que não é de Deus não nos ouve. Nisto conhecemos nós o espírito da verdade e o espírito do erro. (1 João 4.1-4).

Porque já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anticristo. Olhai por vós mesmos, para que não percamos o que temos ganhado; antes, recebamos o inteiro galardão. Todo aquele que prevarica e não persevera na doutrina de Cristo não tem a Deus; quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem tanto o Pai como o Filho. Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebeis em casa, nem tampouco o saudeis. Porque quem o saúda tem parte nas suas más obras. (2 João 7-11)

Os textos aqui reproduzidos contem todas as passagens bíblicas que mencionam a palavra *anticristo*, dos mesmos podemos tirar várias conclusões importantes:

Primeiro, *os cristãos já haviam sido advertidos da vinda do Anticristo* (1 João 2.18; 4.3).

Segundo, não havia um só, mas “*muitos anticristos*”(1 João 2.18). O termo *anticristo*, por tanto, não pode ser a designação de somente um indivíduo.

Terceiro, o anticristo *já atuava* quando São João escrevia: “assim agora tem surgido muitos anticristos” (1 João 2.18) “Estas coisas vos escrevi acerca dos que vos enganam.”(1 João 2.26); “...do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo.”(1 João 4.3); “Porque já muitos enganadores entraram no mundo,... *Este tal é o enganador e o anticristo.*”(2 John 1:7).Obviamente, se o anticristo já estava presente

no primeiro século, não haveria uma figura que surgiria no fim do mundo.

Quarto, o anticristo era *um sistema de crenças*, a saber, *a heresia de negar a pessoa e obra de Jesus Cristo*. Ainda que os anticristos aparentemente afirmassem pertencer ao Pai, ensinavam que Jesus não era o Cristo (1João 2.22); estando de acordo com os falsos profetas (1 João 4.1), negavam a Encarnação (1 João 4.3; 2 João 7,9); e rejeitavam a doutrina apostólica (1 João 4.6).

Quinto, os anticristos haviam sido membros da Igreja Cristã, porém, tinham abandonado a fé (1 João 2.19). Agora estes apóstatas tentavam enganar a outros cristãos, com a finalidade de desviar toda a Igreja de Jesus Cristo (1 João 2.26; 4.1; 2 João 7,10).

Sintetizando, podemos ver que o anticristo é uma descrição tanto de um *sistema de apostasia* como dos *personagens apóstatas*. Em outras palavras, o Anticristo era o *cumprimento* da profecia feita por Jesus, que um período de grande apostasia chegaria, quando “Nesse tempo, muitos serão escandalizados, e trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se aborrecerão. E surgirão muitos falsos profetas e enganarão a muitos.” (Mateus 24:10-11). Como o disse São João, se havia advertido aos cristãos da chegada do anticristo, e isto se cumpriu, “muitos anticristos” surgiram. Por um tempo creram no evangelho; logo abandonaram a fé e tentavam enganar aos demais iniciando novas seitas, ou, o que é mais provável, ganhar adeptos entre os cristãos para o judaísmo – a falsa religião que afirmava adorar ao Pai enquanto negava ao Filho. Quando se compreende a doutrina do anticristo, pode-se observar a perfeita harmonia com o restante do Novo Testamento naquilo que afirma a cerca do tempo da “última geração”.

Um dos anticristos que afligia a igreja primitiva era Cerinto, um líder da seita judaica do primeiro século. Considerado pelos Pais Apostólicos como “o Arque-herexe”, e identificado como um dos “falsos

apóstolos” que se opunham a Paulo, Cerinto era um judeu que se tornou membro da Igreja e distanciava os cristãos da fé. Ensinava que uma deidade menor, e não o Deus verdadeiro, havia criado o mundo (sustentava, com os gnósticos, que Deus era demasiadamente “espiritual” para se envolver com a realidade material. Logicamente, isto significava a negação da Encarnação, já que Deus não aceitaria para si mesmo um corpo físico e uma personalidade verdadeiramente humana. E Cerinto era consistente: declarava que Jesus havia sido homem como outros, não nascido de uma virgem; que “o Cristo”(um espírito celestial) havia descido sobre o homem Jesus em seu batismo (capacitando-o a fazer milagres), porém, logo o abandonou outra vez na crucificação. Cerinto também promovia uma doutrina da justificação pelas obras – em particular, a necessidade absoluta de observar as ordenanças cerimoniais do Velho Pacto para se salvar.

Também, Cerinto aparentemente foi o primeiro que ensinou que a Segunda Vinda iniciaria o reino literal de Cristo Jesus por mil anos. Ainda que isto fosse contrário ao ensino apostólico do Reino, Cerinto afirmava que um anjo lhe havia revelado esta doutrina (assim como Joseph Smith, um anticristo do século XIX, afirmaria mais tarde haver recebido uma revelação angelical).

Os verdadeiros apóstolos se opunham fortemente à heresia de Cerinto. Paulo admoestava as igrejas: “Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema.” (Gálatas 1.8) e seguia refutando na mesma carta as heresias legalistas sustentadas por Cerinto. Segundo a tradição, o Apóstolo João escrevia seu Evangelho e suas cartas levando em consideração os ensinamentos de Cerinto. (a mesma tradição nos diz que um dia quando João entrou em dos banhos públicos viu Cerinto. O apóstolo saiu correndo aos gritos; “fujamos, antes que caia o edifício sobre nossa cabeça; porque Cerinto, o inimigo da verdade, está aqui dentro!”)

Voltando para as declarações de João acerca do espírito do anticristo, devemos fixar-nos que se destaca outro ponto muito significativo: Segundo predizia Jesus em Mateus 24, a vinda do anticristo é um sinal “do Fim”: “Filhinhos, *é já a última hora*; e, como ouvistes que vem o anticristo, também agora muitos se têm feito anticristos; *por onde conhecemos que é já a última hora.*”(1 João 2.18). A relação que a gente geralmente faz entre o anticristo e “os últimos dias” é correta; mas o erro está no uso da expressão *os últimos dias*, e os termos semelhantes que são usados na Bíblia para se referir, ao final do mundo material, todavia, os *últimos dias da nação de Israel*, os “dias posteriores” que *terminavam com a destruição do Templo no ano 70 d.C.* Isto também surpreenderá a muitos, porém temos que aceitar o ensino claro das Escrituras. Os autores do Novo Testamento sem dúvidas usavam a linguagem dos “últimos tempos” quando falavam do período que vivia, antes da queda de Jerusalém. Como temos visto, o Apóstolo João dizia duas coisas acerca do tema: primeiro, que o anticristo já havia chegado; e, segundo, que a presença do anticristo era a prova que ele e seus leitores estavam vivendo na “última hora”. Em uma de suas últimas cartas, Paulo teve que corrigir uma impressão errônea tocante ao juízo que viria sobre Israel. Os falsos mestres assustavam os crentes dizendo que o dia do juízo já chegava. Paulo lembrou aos cristãos que: “Ninguém, de maneira alguma, vos engane, porque não será assim sem que antes venha a apostasia...,” (2 Tessalonicenses 2.3).

Quando chegava o fim da era, contudo, enquanto João escrevia suas cartas, a Grande Apostasia – o espírito do anticristo, do qual o Senhor havia prognosticado – era uma realidade.

Judas, que escrevia um dos últimos livros do Novo Testamento, não deixa-nos dúvida alguma sobre este assunto. Fazendo fortes condenações dos hereges que haviam invadido a Igreja e estavam tentando distanciar os cristãos da fé. (Judas 1-16), lembra a seus leitores que haviam recebido esta mesma advertência:

Mas vós, amados, lembrai-vos das palavras que vos foram preditas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo, os quais vos diziam que, no último tempo, haveria escarnecedores que andariam segundo as suas ímpias concupiscências. Estes são os que causam divisões, sensuais, que não têm o Espírito. (Judas 17-19)

Judas claramente considera as advertências acerca dos “dissimuladores” como uma referência aos hereges de seu próprio tempo – a saber, que seu próprio tempo era o período dos “fins do tempo”. Como João, sabia que a multiplicação rápida destes falsos irmãos era um sinal do Fim. O anticristo havia chegado, e já era a última hora.

4

OS ÚLTIMOS DIAS.

Conforme vimos no capítulo anterior, o período mencionado na Bíblia como “os últimos dias” (ou o “final dos tempos” ou “última hora”) é o período ente o nascimento de Cristo e a destruição de Jerusalém. A Igreja primitiva estava vivendo durante este tempo, o final da velha era e o início da nova. Deve-se considerar todo este período como o tempo do Primeiro Advento de Cristo. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, a destruição profetizada de Jerusalém considerava-se um aspecto da obra de Cristo, intimamente associada com Sua obra de redenção. Sua vida, morte, ressurreição, ascensão, derramamento do Espírito, e o juízo sobre Jerusalém são em sua totalidade parte de *uma só obra que implicava na iniciação de Seu Reino e a criação de Seu novo Templo* (Veja-se, por exemplo, como Daniel 9.24-27 relaciona a obra de expiação com a destruição do Templo).

Vamos considerar como a própria Bíblia utiliza estas expressões acerca do fim da era. Em 1 Timóteo 4.1-3, Paulo advertiu:

Mas o Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fê, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência, proibindo o casamento e ordenando a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis e para os que conhecem a verdade,

Estava Paulo falando dos “últimos tempos” que viriam milhares de anos mais tarde? Por que queria advertir a Timóteo sobre eventos que nem ele, nem seus netos, bisnetos, nem seus descendentes de cinquenta gerações mais adiante viveriam? Na realidade, Paulo diz a Timóteo, “Propondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Jesus Cristo” (1 Timóteo 4.6). Os membros da congregação de Timóteo necessitavam saber a respeito ao que aconteceria nos “últimos tempos”, devido ao fato de que eles seriam afetados pessoalmente por estes

eventos. Em particular, precisavam assegurar-se de que a apostasia que vinha era parte da seqüência geral dos eventos que conduziam para o fim da velha ordem e ao total estabelecimento do Reino de Cristo. Conforme podemos nas passagens como Colossenses 2.18-23, as “doutrinas de demônios” das que Paulo havia advertido estavam em voga durante o primeiro século. Os “últimos tempos” já estavam ocorrendo. Isto é bem claro na mensagem que mais tarde Paulo escreveu a Timóteo:

Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos; porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. *Destes afasta-te*. Porque deste número são os que se introduzem pelas casas e levam cativas mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências, que aprendem sempre e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade. E, como Janes e Jambres resistiram a Moisés, *assim também estes resistem à verdade*, sendo homens corruptos de entendimento e réprobos quanto à fé. (2 Timóteo 3.1-8)

As mesmas coisas que Paulo dizia que aconteceriam nos “últimos tempos” aconteciam enquanto escrevia a presente carta, e só estava advertido a Timóteo acerca do que havia de esperar a media em que a era se aproximava do seu apogeu. O anticristo estava começando a fazer suas peripécias.

Outros escritores do Novo Testamento compartilham desta perspectiva de Paulo. A cara aos Hebreus começa dizendo que “nestes últimos dias” Deus “nos tem falado pelo Filho” (Hebreus 1.2); o escritor logo prossegue em mostrar “mas, agora, na consumação dos séculos, uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo.” (Hebreus 9.26). Pedro escrevia que Cristo

O qual, na verdade, em outro tempo, foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo, mas manifestado, nestes últimos tempos, por amor de vós; e por ele credes em Deus, que o ressuscitou dos mortos e lhe deu glória, para que a vossa fé e esperança estivessem em Deus. (1 Pedro 1.20-21)

O testemunho apostólico é inconfundivelmente claro: Quando Cristo veio, os “últimos tempos” chegaram. Ele veio para iniciar a nova era do Reino de Deus. A velha era estava minguando, e seria totalmente abolida quando Deus destruísse o Templo.

Desde Pentecostes até o Holocausto

No dia de Pentecostes, quando se havia derramado o Espírito e a congregação cristã falava em outras línguas, Pedro ofereceu a interpretação bíblica do evento:

Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel:
E nos últimos dias acontecerá, diz Deus,
Que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne;
E os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão,
Os vossos jovens terão visões,
E os vossos velhos sonharão sonhos;
E também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e
minhas servas, naqueles dias, e profetizarão;
E farei aparecer prodígios em cima no céu
E sinais em baixo na terra:
Sangue, fogo e vapor de fumaça.
O sol se converterá em trevas,
E a lua, em sangue,
Antes de chegar o grande e glorioso Dia do Senhor;
E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor
será salvo. (Atos 2.16-21)

Já temos visto como o “sangue, fogo e fumaça” e os sinais no sol e na lua foram cumpridos na destruição de Jerusalém. É crucial levar em consideração neste momento a declaração exata de Pedro, que os *últimos dias haviam chegado*. Contrário a algumas exposições modernas deste texto, Pedro não dizia que os milagres de pentecostes eram *semelhantes* ao que Joel profetizava, ou “que era um tipo de cumprimento *parcial*” da profecia de Joel; antes, ele disse que isto era o

cumprimento: “Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel”. Os últimos dias estavam presentes: O Espírito havia sido derramado, o povo de Deus estava profetizando e falando em línguas, e Jerusalém seria destruída com fogo. As profecias antigas estavam manifestando-se, e esta geração não passaria até que “tudo isto” se cumprisse. Portanto, Pedro instava com seus ouvintes, “Salvai-vos desta geração perversa.” (Atos 2.40.).]

Neste sentido devemos ver *o significado escatológico do dom de línguas*. Paulo mostrava, em 1 Coríntios 14.21-22, que *o dom de línguas era o cumprimento da profecia de Isaías contra o Israel rebelde*. Por causa de que o povo do pacto estava rejeitando Sua clara revelação, Deus advertia que seus profetas falariam a eles em línguas estrangeiras, com o propósito explícito de oferecer um último sinal ao Israel incrédulo durante os últimos dias antes do juízo:

Pelo que, por lábios estranhos e por outra língua, falará a este povo, ao qual disse: Este é o descanso, dai descanso ao cansado; e este é o refrigério; mas não quiseram ouvir. Assim, pois, a palavra do SENHOR lhes será mandamento sobre mandamento, mandamento e mais mandamento, regra sobre regra, regra e mais regra: um pouco aqui, um pouco ali; para que vão, e caiam para trás, e se quebrem, e se enlacen, e sejam presos. Ouvi, pois, a palavra do SENHOR, homens escarnecedores que dominais este povo que está em Jerusalém. Porquanto dizeis: Fizemos concerto com a morte e com o inferno fizemos aliança; quando passar o dilúvio do açoite, não chegará a nós, porque pusemos a mentira por nosso refúgio e debaixo da falsidade nos escondemos. Portanto, assim diz o Senhor JEOVÁ: Eis que eu assentei em Sião uma pedra, uma pedra já provada, pedra preciosa de esquina, que está bem firme e fundada; aquele que crer não se apresse. E regrarei o juízo pela linha e a justiça, pelo prumo, e a saraiva varrerá o refúgio da mentira, e as águas cobrirão o esconderijo. E o vosso concerto com a morte se anulará; e a vossa aliança com o inferno não subsistirá; e, quando o dilúvio do açoite passar, então, sereis oprimidos por ele. Desde que comece a passar, vos arrebatará, porque todas as manhãs passará e todos os dias e todas as noites; e será que somente o ouvir tal notícia causará grande turbção. (Isaías 28.11-19)

O milagre do Pentecostes era uma mensagem esperançosa para Israel. Eles sabiam o que isto significava. Era o sinal de Deus de que a Principal Pedra Angular havia chegado, e que Israel a havia rejeitado

para sua própria perdição (Mateus 21.42-44; 1 Pedro 2.6-8). Era o *sinal do Juízo e condenação*, o sinal de que os apóstatas de Jerusalém estavam por “cair de costas”, para ser “quebrados, acorrentados e presos”. Os últimos tempos de Israel havia chegado: a velha era estava por acabar, e Jerusalém seria varrida por águas de uma nova inundação, para prepara a Nova Criação de Deus. Segundo disse Paulo, o dom de línguas era um sinal, não para os crentes, mas para os incrédulos”(1 Coríntios 14.22) – *um sinal aos judeus incrédulos de sua próxima destruição*.

A Igreja primitiva anelava a chegada da nova era. Sabia que, com o fim visível do sistema do Velho Pacto, a Igreja se manifestará como Novo Templo, verdadeiro; e a obra que Cristo veio efetuar se cumpriria. Isto era um aspecto importante da redenção, e os cristãos da primeira geração anelavam ver este evento em *suas próprias vidas*. Durante este período de esperança e severas provas, o Apóstolo Pedro lhes assegurava que eram “guardados pelo poder de Deus mediante a fé, para alcançar a salvação que está preparada para ser manifestada no último tempo” (1 Pedro 1.5).

Aguardando o Fim

Os apóstolos e cristãos da primeira geração sabiam que estavam vivendo nos últimos tempos da época do Antigo Pacto. Eles anelavam ver sua consumação e a plena iniciação da nova era. A medida que a era prosseguia e os “sinais do fim” aumentavam e se intensificavam, a Igreja podia ver que o Dia do Juízo se aproximava rapidamente; uma crise ameaçava o futuro próximo, porém Cristo lhes livraria “do presente século mau”(Gálatas 1.4). As declarações dos apóstolos estão repletas desta atitude expectante, o conhecimento certo de que este evento transcendental lhes premiava. A espada da ira de Deus estava estendida sobre Jerusalém, pronta a desferir os seus golpes a qualquer momento. Porém, os cristãos não precisavam assustar-se, porque a ira vindoura não se dirigia a eles, mas aos inimigos do Evangelho. Paulo

animava aos Tessalonicenses a “esperar dos céus a seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura.” (1 Tessalonicenses 1:10). Repetindo as palavras de Jesus em Mateus 23-24, Paulo destaca que o juízo iminente recairia sobre

Os judeus lhes fizeram a eles, os quais também mataram o Senhor Jesus e os seus próprios profetas, e nos têm perseguido, e não agradam a Deus, e são contrários a todos os homens. E nos impedem de pregar aos gentios as palavras da salvação, a fim de encherem sempre a medida de seus pecados; mas a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim. (1 Tessalonicenses 2:14-16)

Os cristãos estavam advertidos e, portanto, preparados, porém o Israel incrédulo estava desprevenido:

Mas, irmãos, acerca dos tempos e das estações, não necessitais de que se vos escreva; porque vós mesmos sabeis muito bem que o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite. Pois que, quando disserem: Há paz e segurança, então, lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida; e de modo nenhum escaparão. Mas vós, irmãos, já não estais em trevas, para que aquele Dia vos surpreenda como um ladrão; porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas. Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo (1 Tessalonicenses 5.1-5,9)

Paulo se estendeu sobre isto em sua segunda carta para a mesma igreja:

se, de fato, é justo diante de Deus que dê em paga tribulação aos que vos atribulam, e a vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu, com os anjos do seu poder, como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; os quais, por castigo, padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos e para se fazer admirável, naquele Dia, em todos os que crêem (porquanto o nosso testemunho foi crido entre vós)(2 Tessalonicenses 1.6-10).

É evidente que Paulo não está falando da última vinda de Cristo no fim do mundo, porque a “tribulação” e a “vingança” que viria estavam destinadas especificamente aos perseguidores dos cristãos tessalonicenses da primeira geração. O dia do juízo não estava a milhões de anos a frente, mas estava muito próximo, tão próximo que

podiam vê-lo chegar. A maior parte dos “sinais do fim” já estavam presentes, e os apóstolos inspirados animavam a Igreja para esperar o Fim a qualquer momento. Paulo insta com os cristãos de Roma a perseverar em um estilo de vida que honra a Deus, “conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos, pois, as obras das trevas e vistamo-nos das armas da luz.” (Romanos 13.11-12). Posto que a velha era se havia caracterizado pelo pecado, a desesperança, e a escravidão a Satanás, a nova era se caracterizaria cada vez mais pela justiça e o governo universal do Reino. Porque o período dos “últimos tempos” também era o tempo quando o Reino do céu foi inaugurado na terra, quando o “Monte Santo” começou seu crescimento dinâmico e todas as nações começaram a professar a fé cristã, como os profetas haviam dito (veja-se: Isaías 2.2-4; Miquéias 4.1-4). Obviamente, todavia há bastante impiedade no mundo na atualidade, porém o cristianismo segue ganhando paulatina e constantemente desde os dias da Igreja primitiva e na medida em que os cristãos continuam fazendo guerra ao inimigo, chegará o tempo quando os santos se apoderarão do Reino (Daniel 7.22,27).

Por isso, Paulo podia consolar os crentes assegurando-os que “O Senhor está próximo” (Filipenses 4.5). Na verdade, o lema da Igreja primitiva (1 Coríntios 16.22) era *Maranata! Ora, vem Senhor!* Esperando com ansiedade a destruição vindoura de Jerusalém, o escritor aos hebreus advertia aos que estavam sendo tentados a “regressar” para o judaísmo que a apostasia só produzirá “expectação horrível de juízo e ardor de fogo, que há de devorar os adversários.” (Hebreus 10.27).

Porque bem conhecemos aquele que disse: Minha é a vingança, eu darei a recompensa, diz o Senhor. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo. Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo. Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa. Porque ainda um pouquinho de tempo, e o que há de vir virá e não tardará. Mas o justo viverá da fé; e, se ele recuar, a minha alma não tem prazer nele. Nós, porém, não somos

daqueles que se retiram para a perdição, mas daqueles que crêem para a conservação da alma. (Hebreus 10.30-31,36-39)

Os demais autores neotestamentários escreviam em termos parecidos. Depois que Tiago advertiu aos ricos incrédulos que oprimiam aos cristãos das provas que estavam por vir sobre eles, acusando-os de que haviam “acumulado tesouros para os últimos dias” fraudulentamente (Tiago 5.1-6), isto animava os cristãos sofredores:

Sede, pois, irmãos, pacientes até a vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia. Sede vós também pacientes, fortalecei o vosso coração, porque já a vinda do Senhor está próxima. Irmãos, não vos queixeis uns contra os outros, para que não sejais condenados. Eis que o juiz está à porta. (Tiago 5.7-9).

O Apóstolo Pedro, também, advertia a Igreja que “o fim de todas as coisas se aproxima” (1 Pedro 4.7), e os animava a viver na expectativa diária do juízo que viria em sua geração:

Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós, para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse; mas alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo, para que também na revelação da sua glória vos regozijeis e alegreis. Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus? (1 Pedro 4.12-13,17)

Os cristãos primitivos tinham que suportar a severa perseguição continua do Israel apóstata assim como a traição dos anticristos que estavam no meio deles e buscavam levar a Igreja para a adoração judaica. Porém, este período de tribulação e sofrimento ardente estava produzindo nos cristãos sua própria benção e santificação (Romanos 8.28-39), enquanto que a ira de Deus contra os perseguidores estava crescendo. Finalmente, chegou o Fim, e a ira de Deus se manifestou. Os que haviam atribulado a Igreja foram lançados na maior Tribulação de todos os tempos. O maior inimigo da Igreja foi destruído, e nunca mais ameaçaria sua inevitável Vitória.

A CHEGADA DO NOVO PACTO

Temos visto nos capítulos anteriores como a mensagem da desolação eminente de Jerusalém tinha uma importância central para o Novo Testamento. O Livro de Apocalipse não difere do que já dissemos. Declara especificamente, no primeiro versículo que não enfoca um futuro longínquo e nem o fim do mundo, mas se focaliza nas “coisas que devem acontecer brevemente”. No terceiro versículo os leitores recebem a advertência que “o tempo está próximo” para que as profecias se cumpram. Ambas as declarações são repetidas no final do livro também (veja-se: Apocalipse 22.6,10). Suas profecias se dirigem claramente – ainda que aparecem na forma simbólica – contra “a grande cidade... onde nosso Senhor foi crucificado” (Apocalipse 11.8; 14.8; 16.19;17.18). Como no restante do Novo Testamento, o livro de Apocalipse segue o exemplo de Cristo ao predizer a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.

Como tenho explicado de forma extensa no comentário, *The Days of Vengeance* (Os Dias de Retribuição ou Os Dias da Vingança), João escreveu o Apocalipse na forma de um padrão bíblico que é “um julgamento baseado no Pacto” oferecido pelos profetas hebreus (sendo eles a parte de promotoria⁵ que representa a Deus) contra a desobediente nação de Israel. Por meio de uma miríade de símbolos adaptados das profecias do Antigo Testamento, João estabelecia dois pontos principais: Primeiro, Israel havia rompido irrevogavelmente seu pacto com o Senhor; segundo, em virtude de Sua encarnação, vida, morte, ressurreição, e ascensão, Jesus Cristo iniciou um novo e último Pacto, garantido infalivelmente por Sua vitória sobre o pecado e a morte.

⁵ Acusadora conforme o original – Nota do Tradutor.

A imagem fundamental disto no livro de Apocalipse está representada na primeira visão da corte do céu (capítulos 4 e 5). João viu ao Senhor assentado sobre o Trono tendo um livro “selado com sete selos (indicando a seus leitores que era um tipo de testamento) e escrito por dentro e por fora”. Qualquer leitor cristão do primeiro século teria compreendido imediatamente o significado disto, porque se baseia na descrição dos dez mandamentos. As duas tábuas do Testemunho (que eram cópias duplicadas da Lei) foram escritas na frente e no verso (Êxodo 32.15).

Algo similar a isto se encontra nos tratados de protetorado do Antigo Oriente Médio: O rei vitorioso imponha um tratado / pacto ao rei conquistado (o vassalo) e a todos os demais sob a autoridade do vassalo. Redigiam-se duas cópias do tratado (como nos contratos modernos), e cada parte colocaria sua cópia na casa de seu deus, como um documento legal que testificava a transação. No caso de Israel, certamente, o Senhor era tanto protetor como Deus; assim que, as duas cópias do pacto se guardavam no Tabernáculo (Êxodo 24.16,21; 40.20; Deuteronômio 10.2).

Então, a ideia do *Pacto* é central na mensagem de Apocalipse. A profecia de João é apresentada desde o princípio como parte do Cânon da Santa Escritura, escrita primariamente para ser lida na liturgia (1.3). Usa-se o simbolismo do Tabernáculo na Doxologia de abertura (1.4-5), e declara-se que a Igreja está constituída como o novo Reino de sacerdotes, tal como Israel o havia sido no Sinai (1.6). O tema do livro, declarado em 1.7, é a vinda de Cristo na Nuvem de Glória; logo, quase imediatamente, João usa três palavras que se encontram quase sempre ao longo da Bíblia na relação com a atividade de se fazer pactos: *Espírito, Dia, e Voz* (1.10). A seguinte visão de Cristo como o glorioso Sumo-sacerdote (1.12-20) combina muitas imagens do Antigo Testamento – a Nuvem, o Dia do Senhor, o Anjo do Senhor, o Criador e Soberano universal, o Filho do homem/ Segundo Adão, o Vencedor das

nações, o sustentador da Igreja – todas estão relacionadas com as profecias da chegada do Novo Pacto. A visão continua com a mensagem de Cristo às Igrejas, no estilo da narrativa da história do Pacto (capítulos 2-3). No capítulo 4, João vê o Trono, apoiado pelos querubins e rodeado pelo sacerdócio real, todos cantando louvores a Deus, acompanhados com relâmpagos, vozes e estrondos semelhantes aos ocorridos no Sinai. Não nos deve surpreender que este desdobramento magnífico de imagens pertencentes à formação de pactos culmine na visão de um documento de testamento/ tratado, escrito por dentro e por fora, nas mãos do que se assenta no Trono. *O livro é nada menos que o Testamento do Cristo ressuscitado e ascendido: o Novo Pacto.*

Mas, a chegada do Novo Pacto implica que o Antigo tem passado, e o começo do juízo do Israel apóstata. Como temos visto brevemente, os profetas bíblicos falaram em termos da estrutura do tratado baseado no pacto, atuando como promotores (advogados) da parte acusadora contratados pelo Protetor e Soberano divino, apresentando litígios baseados no pacto contra Israel:

E disse-me: Filho do homem, eu te envio aos filhos de Israel, às nações rebeldes que se rebelaram contra mim; eles e seus pais prevaricaram contra mim, até este mesmo dia. E os filhos são de semblante duro e obstinados de coração; eu te envio a eles, e lhes dirás: Assim diz o Senhor JEOVÁ. E eles, quer ouçam quer deixem de ouvir (porque eles são casa rebelde), não de saber que estive no meio deles um profeta. E tu, ó filho do homem, não os temas, nem temas as suas palavras; ainda que sejam sarças e espinhos para contigo, e tu habites com escorpiões, não temas as suas palavras, nem te assustes com o rosto deles, porque são casa rebelde. Mas tu lhes dirás as minhas palavras, quer ouçam quer deixem de ouvir, pois são rebeldes. Mas tu, ó filho do homem, ouve o que eu te digo, não sejas rebelde como a casa rebelde; abre a boca e come o que eu te dou. Então, vi, e eis que uma mão se estendia para mim, e eis que nela estava um rolo de livro. E estendeu-o diante de mim, e ele estava escrito por dentro e por fora; e nele se achavam escritas lamentações, e suspiros, e ais. (Ezequiel 2.3-10)

João ao observar, a abertura do Novo Pacto, viu também as maldições do Antigo Pacto cumpridas sobre o povo apóstata do pacto.

Esta conclusão chega a ser cada vez mais clara ao olhar o movimento geral da profecia. Os sete selos do Livro são abertos a fim de revelar os conteúdos do Livro; porém ao abrir-se o sétimo selo se inicia a entrada das Sete Trombetas (8-12). A visão final da seção das trombetas termina com um quadro horroroso da grande Vindima, na qual as “uvas da ira” humanas são pisadas e a terra inteira se inunda com uma torrente de sangue (14.19-20). Isto conduz diretamente para a seção final do Apocalipse, de onde João vê que sangue do Lagar é derramado dos Sete Cálices da ira (16.1-21), portanto, da a impressão que deveríamos compreender os Sete Cálice da ira como o conteúdo da Sétima Trombeta, “o último ai” que cai sobre a terra (veja-se: 8.13;9.12;11.14-15;12.12). Tudo isto – os Selos, as Trombetas, e os Cálices – é o conteúdo do Livro dos sete selos, o Novo Pacto.

Porém, existe uma crise: João descobre que não há ninguém em toda a criação – “no céu, ou na terra, ou sob a terra” – capaz ou digno de abrir o Livro, nem sequer de olhá-lo. Ninguém pode satisfazer as condições requeridas para ser Mediador do Novo Pacto. Todos os mediadores anteriores – Adão, Moisés, Davi, e os demais – fracassaram na tarefa. Ninguém pode destruir o pecado e a morte porque todos pecaram, e estão destituídos continuamente da glória de Deus (Romanos 3.23). O sacrifício dos animais não podia apagar os pecados realmente, porque tal coisa é *impossível* (Hebreus 10.4); e o sumo-sacerdote que oferecia os sacrifícios era também um pecador, “rodeado de debilidade” (Hebreus 5.1-3;7.27) pelo que se devia buscar um substituto depois de sua morte (Hebreus 7.23). Não se encontra a ninguém para garantir um pacto melhor. Com o anelo e tristeza profética da Igreja do Antigo Pacto, João se pôs a chorar amargamente. O que está assentado no Trono havia oferecido um Novo Pacto, porém, ninguém era digno de atuar em favor de Deus e do homem a fim de aprovar o Pacto. O Livro dos sete selos estaria fechado para sempre.

Repentinamente, João recebe a consolação de um Ancião, que disse (literalmente): “Não chores; eis aqui, o que tem vencido!” Deste modo a Igreja prega o Evangelho a João e aparentemente o Ancião está tão emocionado sobre esta mensagem que divulga a culminação antes de explicar *quem* tem vencido. Logo descreve a Cristo, o Vencedor, como *O Leão da tribo de Judá*, o cumprimento forte e poderoso da antiga profecia de Jacó ao seu quarto filho:

Judá é um leãozinho;
Da presa subiste, filho meu.
Encurva-se e deita-se como um leão
E como um leão velho; quem o despertará?
O cetro não se arredará de Judá,
Nem o legislador dentre seus pés,
Até que venha Siló;
E a ele se congregarão os povos. (Gênesis 49.9-10)

Foi ao Rei Davi, o Leão vencedor de Judá do Antigo Pacto, aquém Deus revelou tanto o plano do Templo (1 Crônicas 28.11-19) como o plano do pacto eterno, a “Carta da Humanidade” pelo qual o Sacerdote-Rei que vinha traria a benção de Abraão a todas as nações (2 Samuel 7.18-29; 23.2-5; 1 Crônicas 17.16-27; Salmos 16; 110; Atos 2.25-36). Finalmente, o Grande Filho de Davi veio e conquistou, estabelecendo o domínio para sempre, abrindo o Pacto, incorporando e cumprindo todas suas promessas, a Ele “pertence o Pacto”.

Também se chama a Cristo *a Raiz de Davi* – uma expressão estranha, para a nossa forma de pensar. Podemos compreender com mais facilidade o termo de Isaías: “uma vara do tronco de Jessé”. Como descendente de Jessé e de Davi, podia-se chamar a Jesus de o “Renovo”(Jeremias 23.5; Zacarias 3.8); porém, como pode-se chamá-lo Raiz? Nossa perplexidade tem origem em nossas perspectivas não bíblicas de como atua a história. Nós normalmente entendemos a história como se fosse uma máquina cósmica de Rube Goldberg: você

levanta a alavanca uma série de eventos colidem uns com os outros como as pedras do jogo de dominó, que no final produzem um resultado do outro lado da máquina. Somente por pura causa e efeito, cada evento causa os outros eventos, em sucessão cronológica direta.

Pois, bem isto é verdade – mas não é toda a verdade. Na realidade, de forma nua e crua, não é verdade nem se quer por um minuto, porque tal teoria é evolucionista em sua pressuposição, em vez de bíblica. Na história não só o passado causa o futuro; mas que também é certo que *o futuro causa o passado!*

É possível que uma ilustração simples nos ajude a compreender isto. Suponhamos que alguém lhe encontra preparando o almoço em uma manhã calorosa de sábado, e pergunta-lhe o por que. Você responde: “porque hoje vou ter um piquenique no parque”. O que tem ocorrido? Em certo sentido, *o futuro* – o piquenique planejado – *tem determinado o passado*. A causa que queria ter um piquenique no parque, então planejava um almoço. Logicamente, o piquenique precedia e causava a preparação do **almoço**, ainda que lhe seguia cronologicamente. Da mesma forma, Deus desejava glorificar-se em Jesus Cristo; portanto, criou a Jessé e a Davi, e todos os demais dos antepassados da natureza humana de Cristo, a fim de apresentar a Seu Filho no mundo. A Raiz da própria existência de Davi era o Filho de Davi, Jesus Cristo. O “efeito” determinava a “causa”!

Assim que, o Senhor Jesus Cristo é apresentado na forma mais radical possível como o Centro de toda a história, tanto como a Raiz divina como o Renovo, o Princípio e o Fim, o Alfa e o Ômega. E assim, como Leão conquistador e Raiz soberano Ele tem prevalecido para poder abrir o Livro – o Novo Pacto – e seus sete selos . Contudo, é interessante que quando João vira para olhar a quem é descrito desta forma, ele vê um Cordeiro diante do Trono. O propósito não é dizer que Jesus seja “do mesmo modo que um cordeiro” com o sentido de ser manso, doce, ou suave. Chama-se a Cristo Cordeiro, não por causa de que seja

“amável”, mas por causa de Sua obra. Era o Cordeiro imolado, “que tira o pecado do mundo” (João 1.29). Assim que, *o centro da história é a obra consumada e sacrificial de Cristo*. A base de Sua majestade mediadora (Cristo como Leão), é Sua expiação mediadora (Cristo como Cordeiro). Por causa de Seu sacrifício Ele tem sido exaltado no lugar de Supremo domínio e autoridade. Cristo tem conseguido a vitória por meio de Seu sofrimento e morte redentora em nosso favor.

Isto significa que o entendimento de Cristo com respeito a criação e a história origina-se não da história em si mesma, mas da realidade de que Ele é Criador e Redentor do mundo. Assim que, na base de Sua Pessoa, Sua obra, e Sua posição exaltada como Salvador e Governador do Mundo, Jesus Cristo ascendeu ao céu, se aproximou ao Trono de Seu Pai, e tomou o Novo Pacto da destra daquele que está assentado sobre o Trono (Apocalipse 5.7). Já temos visto como o profeta Daniel o descreve:

Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele. E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino, o único que não será destruído. (Daniel 7:13-14)

A mensagem central da Bíblia é a salvação por meio de Jesus Cristo, o Mediador de um Novo Pacto. Aparte de Sua obra, por meio da qual conseguiu e possui eternamente o Pacto, não há esperança para a humanidade. Ele tem vencido poderosamente a fim de abrir o Tratado do Grande Rei; e por meio dEle nós também “somos mais que vencedores.”

Nos últimos versículos de Apocalipse 5, João mostra a resposta da Igreja a tudo isto na adoração, louvando a Deus pelo resultado da obra de Cristo. Seu “Novo Cântico” se regozija no fato de que Cristo tem comprado a Seu povo de todas as nações, não só para redimir-los do pecado, mas também para capacitá-los para cumprir o Mandato de

Domínio original de Deus para os homens (Gênesis 1.26-28; Mateus 28.18-20). Como o Segundo Adão, Cristo coloca a encargo de Sua Nova Criação (nós cristãos) a tarefa que Adão perdeu por não cumprimento – desta vez, contudo, sobre a fundação irremovível de Sua morte, ressurreição, e ascensão.

A salvação tem um propósito, é tanto uma salvação *para* como uma salvação *de*. Cristo tem transformado Seu povo em reis e sacerdotes ***para nosso Deus***, e lhes tem assegurado seu destino: “e nos tem feito ***para*** nosso Deus reis e sacerdotes, e reinaremos sobre a terra” (Apocalipse 5.10). Isto nos mostra a direção da história: os redimidos do Senhor, já uma nação de sacerdotes reais, avança até o domínio completo que Deus tem planejado em Seu programa original para o homem. Em Adão esse programa original havia se perdido; Jesus Cristo, o Segundo Adão, nos tem redimido e restaurado a nós sacerdócio real, para que governemos na terra. *Por meio da obra de Cristo se tem ganhado a vitória efetiva sobre Satanás*. Temos a promessa de maiores vitórias, cada vez mais autoridade e domínio, na medida em que cumpramos o Evangelho e a Lei do grande Rei neste mundo.

A Igreja nos tempos de João estava por experimentar um período de severas provas e perseguições. Já estava vendo o que, em uma era normal, apenas se poderia imaginar: união entre Israel e a perversa Besta do Império Romano. Estes cristãos precisavam compreender que a história não era algo governado pela casualidade nem pelos homens maus, nem sequer pelo Diabo, mas governado desde o Trono de Deus por Jesus Cristo. Necessitavam ver que Cristo estava reinando *já*, que havia tirado o mundo das mãos de Satanás, e que precisamente nesse momento todas as coisas do céu e da terra estavam predestinadas a reconhecê-lo como Rei. Precisavam ver a si mesmos em sua verdadeira condição: não como tropas esquecidas em uma fortaleza solitária pelejando uma batalha destinada a fracassar, mas como reis e

sacerdotes, guerreando e ganhando-a, predestinados para a Vitória, com a segurança absoluta da conquista e domínio com o Grande Rei sobre a terra. Necessitavam da *concepção bíblica da história: que toda a história, criada e controlada pelo governo pessoal e total de Deus, está avançado inexoravelmente até o domínio do Senhor Jesus*. A nova e final era da história tem chegado; o Novo Pacto tem chegado.

Eis aqui, O que venceu!

6

OS QUATRO CAVALEIROS

Agora vamos a considerar a abertura dos sete Selos do Livro (seis dos selos se abrem em apocalipse 6; o sétimo Selo é aberto em 8.1, e está associado com as sete Trombetas). Temos visto no capítulo anterior que o Livro representa o documento do Novo Pacto, que ao abri-lo produzirá a destruição do Israel apóstata. Que representa então a abertura dos Selos? Alguns tem rido que isto significa uma leitura cronológica do Livro, e que os eventos descritos ocorrem em ordem linear, histórica. Porém, isto é duvidoso por duas razões. Primeiro os Selos parecem estar na borda exterior do Livro (o pergaminho está na forma de rolo): alguém pode começar a ler o Livro até que os Selos estejam rompidos. O sétimo Selo, que consiste em um chamado a ação ao soar as sete trombetas, realmente permite abrir o Livro para que possamos ler seu conteúdo.

Em segundo lugar, uma leitura mais detida dos eventos assinalados por cada Selo revela que não estão postos cronologicamente. Por exemplo, no Quinto Selo – depois da destruição geral feita pelos Quatros Cavaleiros – se ordena que os mártires que pedem juízo esperem. Porém, imediatamente se derrama o juízo no Sexto Selo, e toda a criação estremece. Contudo, depois de tudo isto, Deus manda que os Anjos detenham o juízo até que os servos de Deus sejam resguardados (7.3). Claramente, os selos não tem o objetivo de representar uma cronologia progressiva. É mais provável que revelem as idéias do conteúdo dos livros, os temas principais dos juízos que caíam sobre Israel durante os *Últimos Tempos*, entre os anos 30-70 d.C.

Vários comentaristas tem visto uma estreita semelhança estrutural entre os seis Selos deste capítulo e os eventos do assim chamado *Apocalipse Pequeno* – a mensagem de Jesus registrado em

Mateus 24, Marcos 13, e Lucas 21 – que, segundo temos visto, predisse a queda de Jerusalém no ano 70 d.C. (veja-se os capítulos 1 e 2, escritos anteriormente). Como demonstram os esboços abaixo, todas estas passagens tratam essencialmente os mesmos temas básicos:

Apocalipse 6

1. Guerra (Vs. 1-2)
2. Conflitos internacionais (Vs. 3-4)
3. Fome (Vs.5-6)
4. Pestilência (Vs. 7-8)
5. Perseguição (Vs.9-11)
6. Terremotos; Des-criação (Vs.12-17)

Mateus 24

1. Guerras (Vs.6)
2. Conflitos Internacionais (Vs.7a)
3. Fomes (Vs.7b)
4. Terremotos (Vs. 7c)
5. Percussões (Vs.9-13)
6. Des-Criação (Vs.15-31)

Marcos 13

1. Guerras (V.7)
2. Conflitos Internacionais (Vs.8)
3. Terremotos (Vs.8b)

4. Fomes (Vs.8.c)
5. Perseguições (Vs.9-13)
6. Des-Criação (Vs.14-27)

Lucas 21

1. Guerras (Vs.9)
2. Conflitos Internacionais (Vs.10)
3. Terremotos (Vs.11a)
4. Pragas e Fomes (Vs.11b)
5. Perseguição (Vs.12-19)
6. Des-Criação (Vs.20-27)

Isto é astúcia de parte dos comentaristas. No entanto, o assombroso é que muitos deles deixa de ver o propósito de João ao apresentar o mesmo material que Mateus, Marcos e Lucas: profetizar os eventos que conduziam para a destruição de Jerusalém. Enquanto todos admitem sem problema que o *Pequeno Apocalipse* é uma profecia contra Israel (veja-se Mateus 2.29-39; 24.12,15-16,34; Marcos 13.2,14,30; Lucas 21.5-6, 20-24,32), poucos parecem ser capazes de fazer a associação óbvia: *O Grande Apocalipse* (O Livro de Apocalipse) é uma profecia contra Israel também!

O Pando de fundo Bíblico dos Carros

A passagem central do Antigo Testamento detrás do simbolismo dos “quatro carros do Apocalipse” está em Zacarias 6.1-7, que representa os quatro ventos como os carros de Deus manejados por Seus agentes, que recorrem patrulhando a terra. Obedecendo e imitando a ação do Espírito (veja-se Apocalipse 5.6), é o meio utilizado por Deus para controlar a história. (Em Apocalipse 7.1, se identifica aos

Quatros Ventos com, e controlados por, os anjos; vejam-se também Salmos 18.10, de onde as “asas do vento” são vinculadas aos “querubins”). O simbolismo bíblico considera a terra (e especialmente a Terra de Israel) como o altar de quatro ângulos, e deste modo se sai a representar juízos nacionais de grande envergadura de uma forma quadrada. Os carros, por tanto, nos ensinam os meios de Deus para controlar e trazer juízo sobre a nação desobediente de Israel. Em particular, representam simbolicamente as grandes devastações profetizadas por Jesus que viriam sobre Israel nos últimos dias da era do Antigo Pacto, as quais conduziriam para a destruição de Jerusalém e do Templo (Mateus 24).

Outro aspecto muito importante é o pano de fundo desta passagem assim como o de Zacarias é a Oração do profeta Habacuque (Habacuque 3 tem uma utilização litúrgica), a leitura sinagoga tradicional para o segundo dia de Pentecostes, na qual o profeta tem uma visão que mostra Deus vindo em juízo, brilhando como o sol, centelhando com os relâmpagos (Habacuque 3.3-4; Apocalipse 1.16;4.5), trazendo pestilência e pragas (Habacuque 3.5; Apocalipse 6.8), e saltando as montanhas e derrubando as colinas (Habacuque 3.6,10; Apocalipse 6.14), cavalgando sobre os cavalos contra seus inimigos (Habacuque 3.18,15; Apocalipse 6.2,4-5,8), armado com a flecha (Habacuque 3.9,11; Apocalipse 6.2), apagando o sol e a lua (Habacuque 3.11; Apocalipse 6.12-13) e pisoteando as nações em sua fúria (Habacuque 3.12; Apocalipse 6.15). É claro que Habacuque interpreta sua simbologia como profecia da invasão militar de Judá pelos caldeus, os instrumentos pagãos da ira de Deus (Habacuque 3.16;1.5-17). Com uma simbologia mui semelhante, João representa a destruição de Israel nas mãos dos exércitos invasores da Iduméia e Roma.

O Cavalo Branco

As visões do Livro começam igual às mensagens (1.16), com Cristo possuindo um grupo de sete selos em Sua mão. Enquanto, o Cordeiro abre um dos primeiros quatro Selos, João ouve uma dos quatros criaturas viventes falando como se fosse a voz de um trovão, “Vem!” Não se lhe está dando a João um mandato a “vem e vê”⁶, bem mais, cada uma das criaturas viventes chama um dos Quatros Cavaleiros. Como se os quatro recantos da terra estivesse parados ao redor do altar, clamando para que os juízos justos de Deus venham e destruam aos maus – tal como o clamor característico da Igreja Apostólica para o juízo e salvação era *Maranata! Ó Senhor, Vem! – e traz anátema!* (os documentos cristãos mais antigos indica que esta frase de 1 Coríntios 16.22 era repetida na oração de despedida de cada culto de adoração da Igreja durante as décadas anteriores a queda de Jerusalém).

Enquanto a primeira criatura vivente chama, João vê um cavalo branco, seu cavaleiro armado para a batalha, carregando um arco. O cavaleiro é *vitioso*, porque uma coroa lhe foi entregue. Ao conquistar a vitória, segue cavalgando para mais vitórias, anda “conquistando e para conquistar”. Ainda que é incrível, uma interpretação popular dispensacional afirma que este cavaleiro sobre o cavalo branco é “o Anticristo. Descobrimos desta forma quem realmente tem fé, um escritor até declara que o Anticristo é ‘a única pessoa que poderia realizar todas estas proezas’”!

Mas existem vários pontos sobre este Cavaleiro que comprovam decisivamente que não pode ser nenhum outro que não o Senhor Jesus Cristo. Primeiro, está *cavalgando sobre um cavalo branco*, igual aquele que Jesus cavalga em Apocalipse 19.11-16. Em segundo lugar, *carrega*

⁶ Contrário a tradução da Almeida corrigida que não é apoiada pela maioria dos manuscritos. As versões como Nova Versão Internacional, Bíblia de Jerusalém e Almeida Atualizada traduzem corretamente com o imperativo “Vem!”

um arco. Segundo já temos visto, a passagem de Habacuque forma a base de Apocalipse 6 mostra ao Senhor como o Rei-Guerreiro que carrega o arco (Habacuque 3.9-11). João também está apelando aqui para o Salmo 45, “uma das grandes profecias da vitória de Cristo sobre seus inimigos, na qual o salmista o saúda alegremente enquanto ele sai conquistando, e para conquistar:

Cinge a tua espada à coxa, ó valente,
Com a tua glória e a tua majestade.
E neste teu esplendor cavalga prosperamente
Pela causa da verdade,
Da mansidão e da justiça;
E a tua destra te ensinará coisas terríveis.
As tuas flechas são agudas
No coração dos inimigos do rei,
E por elas os povos caíram debaixo de ti. (Salmos 45.3-5)

Neste momento devemos fazer uma pergunta óbvia – tão óbvia que estamos propensos a passá-la por cima completamente: *De onde Cristo conseguiu o arco?* A resposta (como geralmente acontece) começa em Gênesis. Quando Deus fez o pacto com Noé, declarou que já não faria guerra contra a terra, por causa do “aroma suave” do sacrifício (Gênesis 8.20-21); e como evidência disto desarmou Seu *arco* e o colocou “nas nuvens” para que todos os vissem (Gênesis 9.13-17). Logo, quando Ezequiel foi arrebatado para a câmara do Trono da Nuvem de Glória, viu o arco pendurado sobre o Trono (Ezequiel 1.26-28); e, todavia, estava ali quando João ascendeu ao céu (Apocalipse 4.3). Porém quando o Cordeiro se aproximou para receber o Livro da mão de Seu Pai, tirou o arco de seu lugar, para usá-lo no juízo contra os apóstatas de Israel. Para os que seguem pecando

deliberadamente, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários. Sem misericórdia morre pelo depoimento de duas ou três testemunhas quem

tiver rejeitado a lei de Moisés. De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calçou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça? Ora, nós conhecemos aquele que disse: A mim pertence a vingança; eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo. Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo. (Hebreus 10.26-31)

Assim que, foi necessário que o primeiro Cavaleiro saísse tendo o arco da vingança de Deus, para significar o desencadeamento da maldição sobre o povo de Israel; para estes apóstatas, o Pacto de Noé é o desfecho.

Os primeiros leitores de João devem ter compreendido imediatamente esta referência ao Cavaleiro como apontando para o próprio Jesus Cristo, na base do que já temos visto. Porém. Outro aspecto disto é que o *Cavaleiro recebe uma coroa*, o que também coincide com que sabemos a respeito de Cristo em Apocalipse (14.14; 19.11-13). Esta palavra grega para *cora* (*stefanos*)⁷ usa-se sete vezes em Apocalipse com referência a Cristo e Seu povo (2.10; 3.11; 4.4,10; 6.2; 12.1; 14.14)

No entanto, o quarto e último ponto, deverá deixar esta interpretação completamente confirmada: *O Cavaleiro sai conquistando*. Esta é a mesma palavra usada no Grego nas cartas às sete igrejas para *superar ou vencer* (veja-se Apocalipse 2.7,11,17,26; 3.5,12,21). Considere como o Apocalipse tem utilizado esta palavra até agora:

“Ao *vencedor*, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu *venci* e me sentei com meu Pai no seu trono.” (3.21).

⁷ **Nota do Tradutor:** στέφανον na literatura clássica do grego este vocábulo tinha o sentido de “cercar”, “contornar” com o sentido de colocar um cerca, determinar limites. A palavra aparece na Septuaginta (LXX) para traduzir o termo hebraico עֲטֶרֶת - *atereth* - que pode significar uma coroa real (2 Samuel 12.30) ou mesmo indicar sentimento de orgulho ou soberba(mais comum nos livros poéticos), e no Novo Testamento o termo possui a significação de ser uma coroa mesmo indicando realeza, pode significar o prêmio de uma vitória atlética, também é apresentada como uma metáfora para o galardão dos fiéis: “Coroa da vida” (Tiago 1.12); ou “Coroa de Glória” (1 Pedro 5.4) .

“o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, *venceu* para abrir o livro e os seus sete selos.” (5.5).

“Vi, então, e eis um cavalo branco e o seu cavaleiro com um arco; e foi-lhe dada uma coroa; e ele saiu vencendo e para vencer.” (6.2).

Cristo é o conquistador *por excelência*. Todos os eventos da história estão a Sua disposição, sendo mais que apropriado que Ele seja a pessoa representada aqui como líder dos juízos de Deus. Ele é o centro da história, e é Ele quem traz os juízos sobre a Terra. A iniciação do Novo Pacto assegurou a queda de Israel; assim como venceu para abrir o livro, saiu vitorioso para realizar na história o significado do Livro. Saiu cavalgando em sua Ressurreição e Ascensão como o Rei já vitorioso, vencendo e para vencer, estendendo as aplicações de Sua Vitória de uma vez e para sempre através da terra. E deveríamos notar dos horríveis juízos que ocorreram no passado. Os Cavaleiros representam as forças que Deus sempre utiliza para quebrantar as nações desobedientes, é que aqui se voltam contra o povo do Seu pacto. Desde cedo, isto é verdade para todos os homens e todas as nações. Todo intento de encontrar paz e segurança aparte de Jesus Cristo está fadado ao fracasso. A nação que não se prostrar será esmagada por seus exércitos, pelas forças históricas que estão a sua absoluta disposição.

Há diferenças entre esta visão de Cristo e a de Apocalipse 19. A razão principal disto é que no capítulo 19, se vê Cristo com uma espada que sai de Sua boca, e a visão simboliza a conquista das nações com o evangelho depois de 70 d.C. Porém, este não é o propósito na abertura dos Selos. Aqui, Cristo ataca a Seus inimigos em juízo. Ele vem, não para salvar, não para curar, mas para destruir. Os horríveis e espantosos cavaleiros que o seguem não mensageiros da esperança, mas da ira. Israel está destinado à destruição.

O Cavalo Vermelho.

Enquanto o Cordeiro abre o segundo Selo (Apocalipse 6.3-4), João ouve que o segundo ser vivente diz, “Vem”⁸. Como resposta, um cavaleiro monta em um cavalo vermelho e sai, “foi-lhe dado tirar a paz da terra para que os homens se matassem uns aos outros; também lhe foi dada uma grande espada.” O segundo cavaleiro, que representa **guerra**, revela quão depravado é o homem. *Deus não precisa incitar aos homens para pelejar uns com os outros; somente ordena que Seus anjos removam as condições de paz.*

Em um mundo pecaminoso, por que não existem mais guerras? Por que não há mais derramamento de sangue? É que existem limitações *sobre a maldade do homem*, sobre a ‘liberdade’ do homem para consistentemente realizar os atos de seu ódio e rebelião. Mas, se Deus removesse estas limitações, a condição ética degenerada do homem se revelaria em toda a sua feiúra. João Calvino escreveu:

Por tanto, que firmemente assentada esta verdade: que o entendimento do homem de tal maneira está separado da justiça de Deus, que não pode imaginar, conceber, nem compreender mais que impiedade, impureza e abominação. E igualmente que seu coração de tal maneira se encontra envenenado pelo veneno do pecado, que não pode produzir mais do que o fedor. E se por casualidade brota dela alguma aparência de bondade, contudo o entendimento permanece sempre envolto em hipocrisia e falsidade, e o coração encontra-se emaranhado em uma malícia iterna⁹

Tudo isto se cumpria abundantemente em Israel e nas nações circunvizinhas durante os “*últimos dias*”, quando a terra estava cheia de assassinos, revolucionário, e terroristas de toda índole; quando, segundo escreveu o historiador Josefo,

cada cidade [era] dividida em parcialidades; a salvação de ambas dependia de trabalhar em adiantar-se e anteciper-se em

⁸ As versões como Nova Versão Internacional, Bíblia de Jerusalém e Almeida Revista e Atualizada.

⁹ CALVINO, João. *Institución de La Religión Cristiana*, (Buenos Aires – Gran Rapids: Nueva Creación, 1967 [1597]), Libro II. Cap. V. 19, p. 239.

matar a parte contrária: os dias se gastavam em derramar o sangue dos homens, e o termo tornava as noites mais molestantes ... era uma tragédia ver todas as cidades cheias de corpos mortos, se que fossem sepultados; ver caídos os corpos dos homens, tanto velhos como jovens, crianças e também mulheres, com os corpos e as vergonhas descobertas. Cada província estava cheia de muita adversidade e destruição, e temiam males e danos maiores dos que até agora haviam passado¹⁰

O Cavalo Preto

Imediatamente depois da guerra, chega o terceiro Cavaleiro angelical (Apocalipse 6.5-6), montado em um **cavalo preto**, tendo uma balança na mão, um símbolo da fome da profecia de Ezequiel, na qual os habitantes famintos de Jerusalém tinha que pesar a comida com muito cuidado (Ezequiel 4.10). Este Cavaleiro traz *privações econômicas*, uma situação descrita como completamente caótica. “uma voz no meio dos quatros seres viventes” - a saber, do Trono de Deus – diz: “Uma medida de trigo por um denário; três medidas de cevada por um denário; e não danifiques o azeite e o vinho.” Esta maldição significa uma escassez dos produtos principais – uma medida de cevada subindo mais que 1000% do seu preço anterior, que consome o salário do dia inteiro, pelo que, todo o fruto do trabalho de um homem é gastado para obter alimentos. Esta é a maldição de Deus que vem sobre os homens que se rebelam: a própria terra vomita os seus moradores (Levítico 18.24-28; Isaías 24). A maldição devora a produtividade em todas as áreas e a cultura injusta se manifesta por meio da fome, a enfermidade, e a opressão (Deuteronômio 28.15-34). Desta maneira Deus controla aos maus: tem que dedicar tanto tempo só para *sobreviver que não podem exercer* domínio injusto sobre a terra. Em longo prazo, esta é a história de toda cultura que se distancia da Palavra de Deus.

Josefo descreve a busca frenética por comida dura a última parte do sítio a Jerusalém:

¹⁰JOSEFO, Flávio, *As Guerras Judaicas*, II. XIX. 2.

Crescia com a fome o desespero dos revoltados e sediciosos, e a cada dia se acrescentavam muito estes dois males: para o povo não havia trigo algum, por isso, entravam nas casas com a intenção de encontrar algo; se falavam, todos os que nevavam era espancados, e se não falavam coisa alguma eram também torturados, pensando que talvez o tivessem escondido em um lugar bem secreto. O argumento e sinal de que tinham algo escondido, era ver os corpos dos miseráveis, pensando que não faltava que comer aos que não lhes faltavam as forças; aos doentes matava-se, e parecia algo razoável matar antes que viessem a morrer de fome; muitos dos mais ricos davam secretamente seus bens por uma medida de trigo, e os que não eram muitos, os trocavam por uma medida de cevada; e assim, trancados dentro da parte mais oculta de suas casas, comiam as escondidas o trigo podre; outros amassavam o pão, segundo a necessidade e de acordo ao que o medo lhes permitia; nenhuma parte se colocava na mesa, antes tiravam do fogo as que ainda estavam cruas e as mal cozidas tomava e imediatamente comiam¹¹

Contudo, por outro lado, durante esta maldição específica sobre Jerusalém, luxos tais como o azeite e o vinho não estavam afetados pela escassez; o Cavaleiro negro proíbe que sejam tocados. Em outras palavras, no exato momento em que o povo de Israel estava começando a sofrer a escassez de cereais, era o tempo de colher as uvas e as oliveiras. A situação era irônica, porque uma pessoa pode sobreviver com os cereais sem o azeite e o vinho – mas não vice-versa. É possível que outra dimensão do sentido desta expressão seja a proibição feita aos mensageiros de Deus de que não façam dano aos justos: as Escrituras freqüentemente falam das bênçãos de Deus sobre os justos em termos de *azeite e vinho* (veja-se o Salmo 104.15); e, muito cedo, se usa o azeite e o vinho nos ritos da Igreja (Tiago 5.14-15; 1 Coríntios 11.25). Por tanto, isto é análogo a outras passagens onde os piedosos são protegidos da destruição (Apocalipse 7.3).

O Cavalo Amarelo.

Finalmente, se abra o quarto Selo (Apocalipse 6.7-8), e o quarto ser vivente chama ao último Cavaleiro do juízo, que monta sobre um cavalo *amarelo* – a cor amarelo tem uma conotação de palidez enfatiza,

¹¹ JOSEFO, Flávio. *Op.Cit*, VI. XI. p. 178.

pressagia a morte. Assim que, o quarto cavaleiro, com uma comissão muito mais ampla e integral, se chama Morte; e ele é seguido pelo Hades (a sepultura) – os dois havendo sido soltos pelo filho do homem, quem lhes abriu com Sua chave (veja-se: Apocalipse 1.18), lhes dá autoridade para trazer quatro pragas sobre os quatro ângulos da terra: “para matar com a espada, com fome, com mortandade, e com as feras da terra”. Isto é simplesmente um resumo de todas as maldições do pacto encontradas em Levítico 26 e Deuteronômio 28 para a apostasia. Também, corresponde à lista das quatro categorias básicas das maldições com as quais Deus castigava as nações injustas e desobedientes – “quando eu enviar contra Jerusalém meus quatro juízos terríveis, espada, fome, feras e pestilência, para cortar dela homens e bestas” (Ezequiel 14.21; Ezequiel 5.17). Mas, a esta altura preliminar e mantendo a “ideia de quatro” de toda a passagem – a Morte e a sepultura (Hades) lhes é dada a autoridade para tragar apenas uma quarta parte da Terra. O juízo das Trombetas tomarão outro terço da Terra (Apocalipse 8.7-12), e o juízo das Taças a devastarão totalmente.

Conclusão

Talvez o obstáculo mais significativo para uma interpretação correta desta passagem tem sido que os comentaristas e pregadores não tem manifestado coragem e a capacidade para ver que *Deus* é o que executa estes juízos sobre a Terra – realizados desde o Trono, e que os mensageiros do juízo são anjos de Deus. Especialmente e viciosa e danosa é toda interpretação que tenta colocar em oposição ao Filho de Deus contra a corte do céu, como se as maldições aqui registradas fossem indignas de Seu caráter. Porém, é Jesus, o Cordeiro, quem abre os selos do juízo, e é Jesus, o Rei dos reis, que cavalga conquistando, dirigindo os exércitos angelicais contra as nações, para destruir aos que rebelam contra Seu reino universal.

Era crucial que os cristãos primitivos compreendessem isso, porque estes juízos sendo despejados sobre seu mundo. Em cada época, os cristãos tem que enfrentar o mundo com confiança, com firme convicção de que *todos* os eventos na história são predestinados, originados no Trono de Deus. Quando vemos o mundo em convulsões de guerras, fomes, pragas, e catástrofes naturais, nós temos que dizer, com o salmista: “Vinde, contemplai as obras do SENHOR, que assolações efetuou na terra.”(Salmo 46.8). Finalmente, a atitude do cristão para com os juízos de Deus sobre o mundo mau é igual a atitude dos quatro seres viventes ao redor do Trono, que alegremente clamam aos mensageiros do juízo de Deus: “*Vem!*” Nós igualmente também, em nossas orações, devemos rogar a Deus que faça cair Sua ira sobre os injustos, para manifestar Sua justiça na terra. Enfrentados com estas revelações terríveis de juízo qual deve ser nossa resposta correta? Nos diz Apocalipse 22.17,20: O Espírito e a Nova dizem: *Vem!*

VINGANÇA PARA OS MÁRTIRES

Para os leitores de Apocalipse do primeiro século, as tribulações descritas chegavam a ser cada vez mais reais: cada igreja de imediato experimentaria a angústia de ter alguns de seus líderes mais francos e capazes foram presos e executados “por causa da palavra de Deus e pelo testemunho que tinham”(Apocalipse 6.9). Para muitos cristãos, através do império, os meses e anos que vinham traziam grande dor, porque as famílias seriam separadas e os amados mortos. Quando a tragédia golpeia, estamos tentado a perguntar: Deus se importa? Esta pergunta é especialmente intensa quando a dor é causada pelos inimigos viciosos da fé dedicados a destruição do povo de Deus, e a injustiça do sofrimento chega a ser evidente. Se os cristãos eram realmente os servos do Rei, quando eles seriam exaltados? Quando viria para castigar aos astutos que primeiramente haviam usado o poder do Estado Romano para crucificar o Senhor, e logo estavam usando esse mesmo poder para matar e crucificar aos “profetas e sábio e escribas”(Mateus 23.34) aos quais Cristo havia enviado?

Assim que, a abertura do quinto Selo revela um episódio no céu, onde as almas dos foram assassinados estão debaixo, ou ao redor da base do altar (Apocalipse 6.9-10). O quadro é tirado dos sacrifícios do Antigo Testamento, no qual o sangue da vítima imolada alagava por todos os lados do altar e forma um charco ao redor da base (“a alma [*nephesh*¹² dos hebreus] da carne está no *sangue*,” Levítico 17.11) O sangue dos mártires tem derramado (veja-se 2 Timóteo 4.6), e enquanto enche a sarjeta debaixo do altar, clama desde o solo em alta

¹² **Nota do Tradutor:** “נֶפֶשׁ” originalmente esta palavra tinha uma gama de significados: “garganta”, “esôfago”, “hálito”, “exalação”.

voz: “Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?”

A igreja no céu coincide com os querubins ao pedir os juízos de Deus: *Até quando?* É uma frase padrão através da Escritura para invocar a justiça divina a favor dos oprimidos (Salmos 6.3; 13.1-2; 35.17; 74.10; 79.5; 80.4; 89.46; 90.13; para seu uso aqui, contudo, está outra vez na profecia de Zacarias (1.12): Depois, que os Quatro Cavaleiros terminaram de patrulhar a terra, o anjo pergunta, “SENHOR dos Exércitos, até quando não *terás compaixão* de Jerusalém?” João faz a pergunta ao contrário. Depois que seus Quatro Cavaleiros haviam sido enviados para a missão, ele mostra os mártires fazendo a pergunta “até quando Deus” continuará *suportando* a Jerusalém – até quando esperará sem destruí-los por suas violentas opressões.

Os leitores de João não deixaram de notar outro ponto sutil: se o sangue dos mártires estava correndo ao redor da base do altar, foram derramados *pelos sacerdotes de Jerusalém*. Os oficiais do Pacto mataram aos justos. Segundo testificavam Jesus e os apóstolos, Jerusalém eram o assassino principal dos profetas (Mateus 23.34-37; Lucas 13.33; Atos 7.51-52). A associação com “o sangue de Abel” que clama desde a terra próximo do altar (Gênesis 4.10) é outra indicação que esta passagem em sua totalidade se refere ao juízo sobre Jerusalém (Veja-se Mateus 23.35-37). Como Caim, os irmãos mais velhos do Antigo Pacto eles invejaram e assassinavam seus justos “irmãos mais novos” do Novo Pacto (veja-se 1 João 3.11-12). Assim que, o sangue dos justos clama: os santos oram para que a profecia de Cristo acerca dos “dias da retribuição” (Lucas 21.22) seja cumprida.

Que este clamor por vingança nos pareça raro mostra até que ponto nossa época pietista se tem distanciado da cosmovisão bíblica. Se nossas igrejas estivessem mais familiarizadas com o hinário fundamental da Igreja – o Livro dos Salmos – em vez das canções deliciosas de açúcar, xarope, doçura e luz que caracterizam os hinários

dos evangélicos modernos, compreenderiam isto com maior facilidade. Porém caído sob o engano pagão que “não é cristão” orar para que a ira de Deus se derrame sobre os inimigos e perseguidores da Igreja. Contudo, isto é o que vemos, isto é o que o povo de Deus faz, com a aprovação de Deus, ambos os Testamentos das Santas Escrituras (por exemplo, Salmos 5,7,35,58,59,68,69,73,83,109,137, e 140) . Na realidade, é uma característica do homem justo rejeitas aos réprobos (Salmos 15.4). O espírito expressado nos salmos imprecatórios das Escrituras é um aspecto necessário – ainda que não tudo – da atitude justa do cristão (Veja-se 2 Timóteo 4.14). Grande parte da impotência de nossas igrejas na atualidade é diretamente atribuível à realidade que se tem chegado a ser delicadas¹³. Tais igrejas, incapazes de confrontar a maldade – muito menos de “vencê-la” – finalmente são capturadas e dominadas por seus inimigos.

Reconhece-se aos justos e fieis no céu como reis e sacerdotes de Deus, por isso, se lhes entrega vestiduras brancas (Apocalipse 6.11), simbolizando que Deus aceitou a pureza deles, um símbolo da vitória dos vencedores (Veja-se Apocalipse 3.4-5). O branco das vestiduras faz parte do padrão característico em Apocalipse, no qual os últimos três componentes de uma estrutura de sete correspondem aos quatro primeiros componentes. Assim:

Primeiro Selo: Cavalo branco

Segundo Selo: Cavalo vermelho

Terceiro Selo: Cavalo Preto.

Quarto Selo: Cavalo amarelo [102]

Quinto Selo: vestiduras brancas

Sexto selo: Lua como sangue; Sol na escuridão

¹³ No original temos emasculadas e afeminadas = sem homens e com aparência feminina.

Sétimo Selo: A palha seca queimada.

Como resposta ao pedido dos santos por vingança, Deus lhes adverte que devem descansar por um pouco de tempo, até que se complete o número dos conservos e irmãos, que também haveriam de ser mortos como eles. O número total dos mártires todavia não está completo; a total iniquidade de seus perseguidores, todavia, não se tem alcançado (veja-se Gênesis 15.16), ainda que se próxima rapidamente o momento quanto a destruição da “ira até o extremo” de Deus seja derramada sobre eles (1 Tessalonicenses 2.14-16). Devemos recordar que a aplicação principal disto tem que ver com o Israel apóstata – os que moram na terra de Judá (Palestina) – que (em cooperação com as autoridades romanas) estavam assinando aos santos. Ordena-se aos mártires que esperem um pouco mais, e o juízo de Deus brevemente recairia com toda certeza, trazendo a “Grande Tribulação” profetizada sobre Israel, o violador de pactos.

Ao abrir o sexto Selo (Apocalipse 6.12-14), chega a ser mais evidente que estamos vendo os eventos dos “últimos tempos” de Israel. O cordeiro revela o próximo grande aspecto de Seus juízos baseados no pacto, com um símbolo bem usado na profecia bíblica: *des-criação*. Tal como se fala da salvação do povo de Deus em termos da criação (2 Coríntios 4.6; 5.17; Efésios 2.10; 4.24; Colossenses 3.10), assim se fala dos juízos de Deus (e a revelação de sua presença como juiz sobre um mundo pecaminoso) – Deus despedaça e desfaz o tecido da criação. Assim que, João utiliza as estruturas fundamentais da criação para descrever a queda Israel:

1. Terra
2. Sol
3. Luna
4. Estrelas

5. Firmamento

6. Terremoto

7. homem

Os detalhes destes sete juízos se expressa nos termos da simbologia profética do Antigo Testamento. Primeiro, *desestabilização*: Um grande terremoto (Êxodo 19.18; Salmos 18.7,15; 60.2; Isaías 13.13-14; 24.19-20; Naúm 1.5).

Segundo, *o eclipse e o luto de Israel*: “sol se tornou negro como saco de crina” Apocalipse 6.12b (Êxodo 10.21-23; Jó 9.7; Isaías 5.30; 24.23; Ezequiel 32.7; Joel 2.10,31; 3.15; Amós 8.9; Miquéias 3.6).

Terceiro, o símbolo de um *eclipse* continua, com a ideia de *profanação* agregada: “... a lua toda, como sangue,”(Jó 25.5; Isaías 13.10; 24.23; Ezequiel 32.7; Joel 2.10,31)

O quarto juízo afeta *as estrelas*, que são símbolos do *governo* (Gênesis 1.16); também são relógios (Gênesis 1.14), e sua queda mostra que se *tem acabado o tempo de Israel*: “e cairá todo seu exército, como se cai as folhas da videira” (Jó 9.7; Eclesiastes 1.2; Isaías 13.10; 34.4; Ezequiel 32.8; Daniel 8.10; Joel 2.10; 3.15); o grande vento, certamente, foi trazido pelos Quatro Cavaleiros, que eram a simbologia original de Zacarias dos Quatro Ventos (Zacarias 6.5), e que serão apresentados a João dessa forma em Apocalipse 7.1; e a figueira é Israel (Mateus 21.19; 24.32-34; Lucas 21.29-32).

Quinto, *Israel este tempo simplesmente desaparece*: “E os céus se enrolarão”, como uma folha de cobre que se enrola rapidamente (Isaías 34.4; 51.6; Salmo 102.25-26; sobre o simbolismo de Israel como “céu”, veja-se Isaías 51.15-16; Jeremias 4.23-31; Hebreus 12.26-27).

Sexto, *os poderes gentios também recebem uma sacudida*: “todos os montes e ilhas foram movidos do seu lugar.” Apocalipse 6.14b (Jó

9.5-6; 14.18-19; 28.9-11; Isaías 41.5, 15-16; Ezequiel 38.20; Naum 1.4-8; Sofonias 2.11). Deste modo a “velha criação” de Deus, Israel, tem de se des-criar, enquanto transfere-se o Reino à Igreja, a Nova Criação (2 Pedro 3.7-14). Por causa que os governantes na Vinha de Deus mataram a Seu Filho, eles também serão mortos (Mateus 21.33-45). A própria Vinha será derrubada, destruída, e pisoteada (Isaías 5.1-7). Na destruição justa feita por Deus a Israel, abalará até o céu e a terra (Mateus 24.29-30; Hebreus 12.26-28) a fim de entregar Seu reino a sua nova nação, a Igreja.

Nos últimos versículos de Apocalipse 6, a simbologia profética do Antigo Testamento todavia está em vista enquanto que João descreve aos apóstatas sob o juízo. Esta é a sétima frase da des-criação: a destruição dos homens. Porém este sétimo aspecto na lista se abre para revelar outros “sete” aspectos dentro (tal como o sétimo Selo e a sétima Trombeta contém a próxima série de sete juízos), porque se mencionam sete classes de homens aqui, para indicar que a destruição é total, afetando igualmente aos grandes e aos humildes: “os reis da terra, e os grandes, os ricos, os capitães, os poderosos, e todo escravo e livre”

Ninguém poderá escapar, a pesar de sua posição social ou insignificância. A terra inteira tem rejeitado a Cristo e a Terra inteira recebe a excomunhão. Outra vez, os paralelos mostram que o juízo sobre Israel é o objeto desta profecia (Isaías 2 e 24-27), ainda que as outras nações (os reis da terra”) serão afetadas também.

A medida que a terra é des-criada, e a revelação natural é removida – colocando aos pecadores frente a frente com a pura revelação do Deus santo e justo – os homens de Israel tentam fugir e buscam proteção em qualquer coisa que pareça oferecer algum refúgio. A fuga sob a terna nas cavernas é um sina de estar debaixo de uma maldição (Gênesis 19.30-38). Por isso, se escondiam (Gênesis 3.8) “nas covas e entre as pedras dos montes” (o juízo de “olho por olho” de Deus sobre eles por haver maltratado aos justos: Hebreus 11.38; juízes 7.25).

João conta de seu clamor desesperado aos montes e as rochas: “cai sobre nós, e esconde-nos do rosto daquele que esta “assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro; porque o grande dia de sua tem chegado; e [Naum 1.6; Malaquias 3.2] quem poderá se sustentar de pé?”A interpretação dada aqui outra vez é confirmada: esta passagem não está falando do Fim do Mundo, mas do *Fim de Israel no ano 70 d.C.* A origem do simbolismo usado aqui, encontra-se na profecia de Oséias contra Israel:

Efraim se cobrirá de vexame, e Israel se envergonhará por causa de seu próprio capricho. O rei de Samaria será como lasca de madeira na superfície da água. E os altos de Áven, pecado de Israel, serão destruídos; espinheiros e abrolhos crescerão sobre os seus altares; e aos montes se dirá: Cobri-nos! E aos outeiros: Caí sobre nós! (Oséias 10.6-8)

Jesus repetiu este texto a caminho de Sua crucificação, declarando que seria cumprido contra o Israel idólatra durante a vida dos que nesse tempo estavam presentes:

Seguia-o numerosa multidão de povo, e também mulheres que batiam no peito e o lamentavam. 28 Porém Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos! 29 Porque dias virão em que se dirá: Bem-aventuradas as estéréis, que não geraram, nem amamentaram. 30 Nesses dias, dirão aos montes: Caí sobre nós! E aos outeiros: Cobri-nos!(Lucas 23.27-30)

Enquanto que as igreja na Ásia Menor liam esta visão pela primeira vez, os juízos profetizados estavam acontecendo; o Fim se aproximava rapidamente. A geração que havia rejeitado ao Filho do Senhor da vinha (Mateus 21.33-45) imediatamente estariam gritando as mesmas palavras. O Senhor crucificado e ressuscitado vinha para destruir aos apóstatas. Este haveria de ser o Grande Dia da ira do Cordeiro, ao qual haviam imolado.

8

O LIVRO ABERTO.

Por fim, o Senhor Jesus Cristo abre o sétimo Selo do Novo Pacto (Apocalipse 8.1-2), para revelar as sete Trombetas que anunciam a destruição de Jerusalém, na Cidade anteriormente santa que havia se tornado pagã e que, como seu precursor Jericó, cairá com o som das Sete Trombetas (Josué 6.4-5). Mas, primeiro, nesta grande liturgia que compreende o livro de Apocalipse, há um “silêncio no céu por quase meia hora”. A base para isto está provavelmente na liturgia do Antigo Testamento, quando os cantores e as trombetas cessavam e todos se prostravam em reverente adoração (2 Crônicas 29.28-29); e o período particular de meia hora esta provavelmente relacionada a uma duração de tempo que o sacerdote requeria para entrar no Templo, colocar o incenso, e retornar (Apocalipse 8.3-4; Levítico 16.13-14; Lucas 1.10,21). (Os detalhes técnicos aqui são algumas indicações entre muitas outras que João foi um sacerdote de Israel, e é possível que tenha provindo da família do sumo-sacerdote ; seu conhecimento dos mínimos detalhes da adoração é assombroso).

A descrição de Alfred Edersheim desta cerimônia do Templo nos ajuda compreender o pano de fundo refletido aqui:

Lentamente o sacerdote que se encarregava do incenso e seus assistentes ascendiam ao Lugar Santo, precedidos por dois sacerdotes que anteriormente haviam adornado ao altar e o candelabro, agora retiravam os recipientes que havia deixar atrás, e, adorando, se retiravam. Depois de um dos assistentes colocava reverentemente as brasas sobre o altar de ouro; o outro fixava o incenso; prontamente, o sacerdote encarregado ficava só dentro do Lugar Santo, e buscava o sinal do principal sacerdote que presidia antes de queimar o incenso. É provável que enquanto esperava aqui, o anjo Gabriel havia aparecido para Zacarias [Lucas 1.8-11]. No momento que o sacerdote que presidia dava a palavra de ordem, a qual indicava que “havia chegado o tempo do incenso”, “toda a multidão do povo saía” se retirava da parte interior, e se prostrava ante o Senhor, estendendo suas mãos em oração silenciosa.

É este o período mais solene, quando através dos grande edifícios do Templo se havia um profundo silencio entre a multidão que adorava, dentro do santuário o sacerdote colocava o incenso sobre o altar de ouro, e a nuvem de “odores”[Apocalipse 5.8] ascendia até o Senhor, que serve como imagem das coisas celestiais¹⁴

Seguindo este silêncio de profunda reverência, os anjos que estavam diante de Deus receberam sete Trombetas (a liturgia do Templo também utilizava sete trombetas: 1Cronônicas 15.24; Neemias 24.41). João parece pressupor que seus leitores reconhecerão a estes sete anjos. Por quê? Porque já se haviam apresentado sete “anjos”, ou *pastores*, em Apocalipse 2-3. São eles os representados aqui, ainda que opinamos que os dois grupos de “sete anjos” não são necessariamente *idênticos*. É claro que tem uma estreita relação, podemos ver isso se nos aproximarmos do texto sem pressupostos (e sem nossas idéias preconcebidas) e deixarmos que todo o quadro nos apresente sua significação. Quando fazemos isto, vemos que o Apocalipse está estruturado em grupo de sete, e em repetidas seqüências de sete. Uma dessas seqüências é a dos *sete anjos* (capítulos 1-3, 8-11,14.1-16). Tal como a adoração terrena copia a adoração celestial (Hebreus 8.5;9,23-24), assim também o governo da Igreja (Mateus 16.19; 18.18; João 20.23); também, segundo a Escritura, há muitíssima similitudes entra as atividades humanas e angelicais (Apocalipse 21.17). Os anjos estão presentes nos serviços de adoração da Igreja (1 Coríntios 11.10; Efésios 3.10) – ou, mais exatamente no Dia do Senhor *estamos* reunidos em adoração ao redor do Trono de Deus, na corte celestial.

Assim, nos mostra o Livro de Apocalipse que *o governo da Igreja terrena corresponde ao governo celestial, e angelical*, tal como nossa adoração oficial corresponde ao que os Anjos fazem ao redor do trono celestial. Também, *os juízos que destroem a Terra ocorrem como consequência das ações dos sete anjos* (outra vez, não podemos separar

¹⁴ EDERSHEIM, Alfred. *The Temple: Its Ministry and Services as they Were at the Time of Christ*, (Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1980), p.167.

os anjos humanos de suas contrapartes celestiais). Os oficiais da Igreja são comissionados e capacitados para dar bênçãos e maldições de Deus na terra. *Os oficiais eclesiásticos são os encarregados divinamente designados para dirigir a história humana.* As repercussões desta realidade, como veremos, sacodem a terra.

Em Apocalipse 8.3-5, João vê outro anjo parado no altar celestial do incenso, tendo um incensário de ouro. Uma grande quantidade de incenso, que simboliza as orações de todos os santos (Apocalipse 5.8), é entregue ao anjo para que a agregue a outras orações do povo de Deus, assegurando que as orações são recebidas como oferenda de aroma suave ao Senhor. Então a fumaça do incenso, com as orações dos santos, sobe ao céu até Deus pela mão do anjo, enquanto que o ministro oferece as súplicas de sua congregação.

O que acontece depois é mais assombroso: o anjo enche o incensário com as brasas do fogo do altar do incenso e lança o fgo sobre a terra em juízo; e o que segue são “trovões, vozes e relâmpago, e um terremoto”. Estes fenômenos, de imediato, deveriam ser conhecidos por todos os leitores bíblicos como o acompanhamento normal da Nuvem de Glória:

Ao amanhecer do terceiro dia, houve trovões, e relâmpagos, e uma espessa nuvem sobre o monte, e mui forte clangor de trombeta, de maneira que todo o povo que estava no arraial se estremeceu. [...] Todo o monte Sinai fumegava, porque o SENHOR descera sobre ele em fogo; a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente.(Êxodo 19.16,18)

A ironia desta passagem se faz patente quando lembramos que esta é uma profecia contra o Israel apóstata. Na adoração do Antigo Testamento, o fogo sobre o altar do holocausto se originava no céu, caindo sobre o altar quando o Tabernáculo e o Templo estavam preparados (Levítico 9.24; 2 Crônicas 7.1). Este fogo, acendido por Deus, esta sustentado pelos sacerdotes, e levado de um lugar para outro para utilizá-lo em outros fogos santos (Levítico 16.12-13;

Números 16.46-50; Gênesis 22.6). Agora bem, quando o povo de Deus recebia a ordem de destruir uma cidade apóstata, Moisés prescrevia também: “Ajuntarás todo o seu despojo no meio da sua praça e a cidade e todo o seu despojo queimarás por oferta total ao SENHOR, teu Deus, e será montão perpétuo de ruínas; nunca mais se edificará.”(Deuteronômio 13.16; Juízes 20.40; Gênesis 19.28). A única forma aceitável de queimar uma cidade em holocausto era com o fogo de Deus – *o fogo do altar*. Assim que, quando se devia destruir uma cidade, o sacerdote tomava fogo do altar de Deus para acender o despojo que se havia de queimar, deste modo se oferecia toda a cidade como sacrifício. Esta era a prática de destruir uma cidade “anátema”, para que nada sobrevivesse a conflagração¹⁵(Deuteronômio 13.12-18) que o livro de Apocalipse usa para descrever o juízo de Deus contra *Jerusalém*.

Deus deixa cair Seus juízos sobre a terra como resposta a adoração litúrgica de Seu povo. Como parte do serviço de adoração solene e oficial do céu, o anjo do altar oferece as orações de todo o povo de Deus; e Este responde as petições, atuando na história a favor dos santos. A associação estreita entre a liturgia e a história é um fato iniludível, algo que não temos o direito de passar por cima. Isto não significa que haja perigo de que o mundo “deixe de existir” quando a adoração da Igreja é defeituosa. Na realidade Deus utilizará as forças históricas (até os pagãos) para castigar a Igreja quando deixe de cumprir seu alto chamado como reino de sacerdotes. O importante aqui é que a adoração oficial da comunidade do pacto é cosmicamente significativo. *A história eclesiástica é a chave da história mundial*: Quando a assembleia que adora invoca o nome do Senhor do Pacto, o mundo experimenta Seus juízos. A história é conduzida e dirigida desde o altar do incenso, que tem recebido as orações da Igreja.

¹⁵ Nota do Tradutor: palavra que indica o grande incêndio.

Na minha angústia, invoquei o SENHOR,
Gritei por socorro ao meu Deus.
Ele do seu templo ouviu a minha voz,
E o meu clamor lhe penetrou os ouvidos.
Então, a terra se abalou e tremeu,
Vacilaram também os fundamentos dos montes
E se estremeceram, porque ele se indignou.
Das suas narinas subiu fumaça,
E fogo devorador, da sua boca;
Dele saíram brasas ardentes.
Baixou ele os céus, e desceu,
E teve sob os pés densa escuridão.
Cavalgava um querubim e voou;
Sim, levado velozmente nas asas do vento.
Das trevas fez um manto em que se ocultou;
Escuridade de águas e espessas nuvens dos céus eram o seu pavilhão.
Do resplendor que diante dele havia,
As densas nuvens se desfizeram em saraiva e brasas chamejantes.
Trovejou, então, o SENHOR, nos céus;
O Altíssimo levantou a voz,
E houve saraiva e brasas de fogo.
Despediu as suas setas e espalhou os meus inimigos,
Multiplicou os seus raios e os desbaratou.
Então, se viu o leito das águas,
E se descobriram os fundamentos do mundo,
Pela tua repreensão, SENHOR,
Pelo iroso resfolgar das tuas narinas. (Salmos 18.6-15)

O Contexto dos Juízos das Trombetas.

Vemos nesta passagem das trombetas várias áreas de significação simbólica. Primeiro, as trombetas se usavam na liturgia veterotestamentária para as procissões cerimoniais, particularmente como escolta para o Arco do Pacto (Apocalipse 11.19); o principal e óbvio exemplo disto são as voltas ao redor de Jericó antes de sua queda (Josué 6; 1 Crônicas 15.24; Neemias 12.41; Apocalipse 11.13).

Segundo, as Trombetas se tocavam para proclamar o início do governo do novo rei (1Reis 1.34,39; Salmo 47.5; Apocalipse 11.15). Terceiro, a trombeta dava aviso do perigo, advertindo a Israel do juízo que se aproximava e instando ao arrependimento nacional (Isaías 58.1; Jeremias 4.5-8; 6.1,17; Ezequiel 33.1-6; Joel 2.1,15).

Quarto, Moisés recebeu instruções de usar duas trombetas de prata “para convocar a congregação” para adora e para “quando saíres para a guerra” contra o inimigo (Números 10.1-9). É significativo que estes dois propósitos, *a guerra santa e a adoração*, são mencionadas no mesmo contexto. Desta vez a ironia de Apocalipse, prontamente, é que Deus está ordenando que as trombetas da guerra santa sejam tocadas contra o próprio Israel.

Quinto, também se tocava as trombetas nas festas e no primeiro dia de cada mês (Números 10.10), destacando especialmente o *Tishrit*, o Ano Novo civil (No ano eclesiástico, o primeiro dia do sétimo mês); Este dia de Trombetas era o reconhecimento litúrgico especial do Dia do Senhor (Levítico 23.24-25; Números 29.1-6). Imediatamente, o contexto básico para todo isto é a Nuvem de Glória que está acompanhada pelo som das trombetas que anunciam a soberania e o juízo do Senhor (Êxodo 19.16); a liturgia terrena do povo de Deus era uma recapitulação da liturgia celestial, outra indicação que o povo redimido de Deus havia sido restaurado a Sua imagem (Isto explica o método que o exército de Gedeão usou para desbaratar aos medianitas, em Juízes 7.15-22: o rodear o inimigo com luzes, gritos, e som de trombetas, os Israelitas era

um reflexo terreno do exército celestial de Deus na Nuvem, trazendo vingança sobre Seus inimigos.)

Os juízos produzidos pelo som das trombetas não somente nos lembram da queda de Jericó, em Apocalipse lembram também as pragas que caíam sobre o Egito antes do Êxodo. Juntos, representam a destruição da terça parte da Terra. Obviamente, já que o juízo não era total e nem final, não podia significar o fim do mundo físico. Contudo, a devastação é tremenda e quase extermina com a nação judia. Israel se tem tornado em uma nação de egípcios e cananitas, e muito pior, em uma terra de apóstatas do pacto. Todas as maldições da Lei estão a ponto de ser derramadas sobre aqueles que haviam sido anteriormente o povo de Deus (Mateus 23.35-36). Aparentemente, as quatro primeiras Trombetas se referem à série de desastres que devastaram a Israel nos Últimos Dias, e primeiramente aos eventos que conduzem a explosão da guerra.

A Primeira Trombeta

Assim como os juízos dos Selos se mediam em grupos de quatro, os julgamentos das Trombetas se medem em terços. Toca-se a primeira Trombeta (Apocalipse 8.6-7) e uma *tríplice* maldição (saraiva, fogo, sangue) é lançada abaixo, afetando a terça parte da Terra. Destacam-se três objetos em particular, visto por João: “saraiva e fogo mesclados com sangue, que foram lançados sobre a terra.” O sangue das testemunhas é mesclado com o fogo do altar, que faz cair a ira sobre os perseguidores. O resultado desta maldição, que tem algumas semelhanças com a sétima praga Egípcia (Êxodo 9.22-26), é o incêndio de terço da Terra, um terço das árvores, e toda grama verde (a saber, toda a grama sobre uma terça parte da Terra; Apocalipse 9.4). Se as árvores e a grama representam o remanescente eleito (segundo parece em 7.3 e 9.4), isto indica que não estão isentos do sofrimento e da morte física quando a ira de Deus cai sobre os ímpios. Contudo, (1) a Igreja não pode ser completamente destruída em um juízo (Mateus

16.18), e (2) a diferença dos ímpios, o destino final dos cristãos não é a ira, mas a vida e a salvação (Romanos 2.7-9; 1 Tessalonicenses 5.9)

Os ímpios, por outra parte, só podem esperar ira, angústia, tribulação e desesperança a sua frente (Romanos 2.8-9). Literalmente, a vegetação da Judéia e especialmente a de Jerusalém, foi destruída pela política romana de arrasar tudo em uma região de guerra, segundo relata Josefo:

O que se mostrava da terra movia a grande compaixão, porque o que antes era costumeiramente cheio de árvores e tão vistoso que parecia um paraíso, então se mostrava deserto, todas cortadas as árvores que constituíam um grande deleite; não havia estrangeiro que houvesse visto a cidade e os lindos subúrbios, que vendo neste tempo a solidão e destruição, pudesse deixar de chorar ou gemer, ao ver quanto dano haviam feito as revoltas e transtornos ao estado que os antigos costumavam ter. A guerra havia destruído todas as coisas formosas que tinham, de tal maneira, que se alguém que houvesse visto esta cidade antes, quando estava em sua integridade florescente e a visse de novo, certamente não a reconheceria¹⁶

Entretanto, muito mais havia pela frente; muitos pesares mais – e ainda mais dolorosos – lhes esperavam (Apocalipse 16.21)

A Segunda Trombeta.

O segundo Anjo ao tocar a trombeta (Apocalipse 8.8-9), notamos um paralelo com a primeira praga sobre o Egito, na qual o Nilo se converteu em sangue e os peixes morreram (Êxodo 7.17-21). A causa desta calamidade era que uma grande montanha cheia de chamas foi lançada ao mar. O significado disto é claro se recordarmos que a nação de Israel era o “Monte Santo”, o “monte da tua herança” (Êxodo 15.17). como os redimidos de Deus, eles haviam regressado simbolicamente ao Éden (situado sobre uma montanha), e o freqüente uso da simbologia do monte ao longo de sua história (inclusive a realidade de que o Monte Sião era o símbolo aceito da nação) demonstra isto dramaticamente. Porém, desta vez, como apóstata, Israel havia se convertido em “monte

¹⁶ JOSEFO, Flávio. *As Guerras Judaicas*, VII. I, p. 200.

destruidor”, e a ira de Deus se acendeu contra ele. Desta vez Deus se refere a *Jerusalém com a mesma* linguagem utilizada para se referir a *Babilônia*, uma realidade que chegará a ser central na simbologia deste livro:

Eis que sou contra ti, ó monte que destróis, diz o SENHOR, que destróis toda a terra; estenderei a mão contra ti, e te revolverei das rochas, e farei de ti um monte em chamas. [...] O mar é vindo sobre Babilônia, coberta está com o tumulto das suas ondas. (Jeremias 51.25,42)

Isto combina com o fato de que Jesus, no meio de uma larga de série de mensagens e parábolas acerca da destruição de Jerusalém (Mateus 20-25), amaldiçoou a figueira estéril, como símbolo do juízo sobre Israel. Logo disse a Seis discípulos:

Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não somente fareis o que foi feito à figueira, mas até mesmo, se a este monte disserdes: Ergue-te e lança-te no mar, tal sucederá; e tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis. (Mateus 21.21-22).

Jesus estava sendo insincero ao falar tais palavras? Realmente antecipava o fato de que Seus discípulos correriam aos lugares orando para tirar montanhas reais? Claro que não. É importante reconhecer que Jesus não mudava de tema. Ali ele ensinava-lhes a respeito da queda de Israel. Que ensino lhes ministrava? Jesus ordenava a Seus discípulos que orassem salmos imprecatórios, pedindo a Deus que destruísse Israel, para tirar a figueira, e lançar a montanha apostata no mar.

E foi exatamente isto que ocorreu. A Igreja perseguida, sob a opressão dos judeus apóstatas, começava a orar pela vingança de Deus sobre Israel (Apocalipse 6.9-11), pedindo que o monte de Israel fosse tirado e lançado ao mar. As oferendas eram recebidas sobre o altar celestial de Deus, e como resposta Deus mandava que Seus anjos lançassem Seus juízos sobre a Terra (Apocalipse 8.3-5). Israel foi destruído. Devemos fixar-nos que João está escrevendo *antes* da destruição, para a instrução e alento dos santos, para que continuem

orando com fé. Assim como lhes havia dito no princípio, “Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo” (Apocalipse 1.3).

A Terceira Trombeta

Como o símbolo anterior, a visão da terceira Trombeta (Apocalipse 8. 10.1-11) combina a simbologia bíblica das quedas do Egito e Babilônia. O efeito desta praga – as águas se tornam amargas – é semelhante a primeira praga no Egito, onde a água se tornou amarga por causa da multidão de peixes mortos e pútridos (Êxodo 7.21). A amargura das águas é causada por uma grande estrela que caiu do céu, ardente como tocha. Isto é semelhante à profecia de Isaías sobre a queda da Babilônia, expressada em termos da Queda original do Paraíso:

Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo. Contudo, serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo. (Isaías 14.12-15)

O nome desta estrela caída é *Absinto*, um termo usado na Lei e nos Profetas para advertir a Israel de sua destruição como castigo por causa da apostasia (Deuteronômio 29.18; Jeremias 9.15; 23.15; Lamentações 3.15,19; Amós 5.7). Outra vez, ao combinar estas alusões veterotestamentárias, João destaca o importante: Israel é apóstata, e se tem convertido em Egito; Jerusalém se tem tornado Babilônia e os desobedientes ao pacto serão destruídos, de forma tão certa como foram destruídos o Egito e a Babilônia.

A Quarta Trombeta.

Como a nona praga egípcia de “treveas” (Êxodo 10.21-23), a maldição trazida pela quarta trombeta (Apocalipse 8.12-13) afeta aos

portadores da Luz: o sol, a lua, as estrelas, modo que um terço deles se escurece. A simbologia aqui foi usada durante muito tempo pelos profetas para representar a queda das nações e os governadores nacionais (Isaías 13.9-11,19;24.19-23; 34.4-5; Ezequiel 13.2, 7-8.11-12; Joel 2.10,28-32; Atos 2.16-21). O cumprimento disto, F.W.Ferrar escreve:

governante após governante, dirigente após dirigente do Império Romano e da nação judia foram assassinados e arruinados. Gayo, Cláudio, Nero, Galba, Otão, Vitélio, todos morreram por homicídio ou suicídio; Herodes o Grande, Herodes Antipas, Herodes Agripa, e a maior parte dos príncipes herodianos, juntamente com muitos dos principais sacerdotes de Jerusalém, pereciam na desgraça, ou no exílio ou por violência. Todos eles eram sóis apagados e estrelas obscurecidas.¹⁷

Agora João vê uma Águia (Apocalipse 4.7) voando no meio do céu, dando o aviso da ira que vinha. A Águia, como muitos outros símbolos do pacto, tem uma dupla natureza. Por uma lado, significa a salvação que Deus provê para Israel:

Porque a porção do SENHOR é o seu povo;
Jacó é a parte da sua herança.
Achou-o numa terra deserta
E num ermo solitário povoado de uivos;
Rodeou-o e cuidou dele,
Guardou-o como a menina dos olhos.
Como a águia desperta a sua ninhada
E voeja sobre os seus filhotes,
Estende as asas e, tomando-os,
Os leva sobre elas, (Deuteronômio 32.9-11; Êxodo 19.4).

Porém a Águia é também uma terrível ave de rapina, associada com o Sangue, a morte e carne pútrida:

¹⁷ FARRAR, F.W., *The Early Days of Christianity* (Chicago: Belford, Clarke and Co., Publishers, 1882), p.519.

Ou é pelo teu mandado que se remonta a águia e faz alto o seu ninho? Habita no penhasco onde faz a sua morada, sobre o cimo do penhasco, em lugar seguro. Dali, descobre a presa; seus olhos a avistam de longe. 30 Seus filhos chupam sangue; onde há mortos, ela aí está. (Jó 39.27-30)

As advertências proféticas da destruição de Israel são geralmente expressas como águias que descem sobre a carne apodrecida (Deuteronômio 28.49; Jeremias 4.13; Lamentações 4.19; Oséias 8.1; Habacuque 1.8; Mateus 24.28). É claro que, um aspecto básico da maldição do pacto é ser devorado pelas aves (Gênesis 15.9-12; Deuteronômio 28.26,49; Provérbios 30.17; Jeremias 7.33-34; 16.3-4; 19.7; 34.18-20; Ezequiel 39.17-20; Apocalipse 19.17-18). A águia-querubim reaparecerá em Apocalipse como imagem de salvação (12.14), finalmente será substituída por um (ou visto novamente como) anjo que voa por meio do céu proclamando o *Evangelho* aos que moram na Terra (14.6), porque sua missão é principalmente redentora em sua extensão. Porém , a salvação do mundo ocorrerá por meio da queda de Israel (Romanos 11.11-15,25). Assim que a Águia começa sua mensagem com Ira, proclamando três Ais que virão sobre os que moram na Terra.

Como as pragas originais no Egito, as maldições se voltam cada vez mais intensas, e precisas em sua aplicação. João está guiando os eventos para uma gradação, usando os três ais da Águia (que correspondem ao quinto, sexto e sétimo som da Trombeta; Apocalipse 9.12; 11.14-15) para dramatizar os desastres crescentes que viam sobre a terra de Israel. Depois de tantas demoras e tanta paciência, o zeloso e Santo SENHOR dos Anfitriões, por fim, lança as terríveis sanções da Lei contra aqueles que violaram o pacto, a fim de que Jesus Cristo herde os reinos do mundo e os reúna em Seu Templo (Apocalipse 11.15-19; 21.22-27).

JERUSALÉM SOB SÍTIO

Ataque do Abismo.

Assim como a Águia havia advertido (Apocalipse 8.13), o toque da quinta Trombeta (Apocalipse 9.1-12) sinaliza a intensificação das pragas nesta série. Posto que a maldição é semelhante aos grandes enxames de gafanhotos que desciam sobre o Egito na oitava praga (Êxodo 10.12-15), estes “gafanhotos” são diferentes: são *demônios* do “Abismo”, o poço do abismo, mencionado sete vezes em apocalipse (9.1,211; 11.7; 17.8; 20.1,3). A Septuaginta usa o termo pela primeira vez em Gênesis 1.2, que se refere a profunda obscuridade original que o Espírito criativamente superava (e metaforicamente “venceu” João 1.5).

No simbolismo bíblico, o Abismo é o extremo mais distante do céu (Gênesis 49.25; Deuteronômio 33.13) e as montanhas mais elevadas (Salmo 36.6). É utilizado na Escritura para se referir as partes mais profundas do mar (Jó 28.14; 38.16; Salmo 33.7) e as fontes subterrâneas de água (Deuteronômio 8.7; Jó 36.16), de onde as águas do dilúvio proviam (Gênesis 7.11; 8.2; Provérbios 3.20; 8.24), e que alimentava o reino da Assíria (Ezequiel 31.4,15). A ação de cruzar pelo Mar Vermelho do povo do pacto é comparada com a travessia pelo Abismo (Salmo 77.16; 106.9; Isaías 44.27; 51.10;63.13). O profeta Ezequiel ameaçou a Tiro com uma grande desolação na terra, na qual Deus elevaria o Abismo para cobrir a cidade como um novo Dilúvio, levando seu povo para as partes mais baixas da terra (Ezequiel 26.19-21), e Jonas falava do Abismo em termos da excomunhão da presença de Deus, um exílio do Templo (Jonas 2.3-6). A morada do Dragão (Jó 41.31; Salmo 148.7; Apocalipse 11.7; 17.8), a prisão dos demônios (Lucas 8.31; Apocalipse 20.1-3; 2 Pedro 2.4; Judas 6), e a região dos mortos (Romanos 10.7) são todos chamados pelo nome de *Abismo*.

Deste modo João adverte a seus leitores que o inferno está por explodir sobre a Terra de Israel; assim como para o Tiro do passado, o abismo está subindo para cobrir a Terra com seus espíritos imundos. O Israel Apóstata tem de ser lançado da presença de Deus, excomungado do Templo, e preenchido com demônios. Uma das mensagens centrais do Apocalipse é que a Igreja adora no tabernáculo do céu (Apocalipse 7.15; 12.12; 13.6); o corolário disto é que a igreja falas adora no tabernáculo do inferno.

Por que a praga dos gafanhotos dura *cinco meses*? Esta figura é, em primeiro lugar, uma referência ao período dos cinco meses, desde maio até setembro, quando dos gafanhotos começam aparecer (a característica extraordinária é que *estes gafanhotos permanecem* durante todo o período, atormentando constantemente a população).

Segundo, isto parece referir-se em parte às ações de Gesio Floro, de Judá, quem durante cinco meses (começando em maio de 66 com a matança de 3.600 cidadãos inocentes) aterrorizava aos judeus, deliberadamente incitando-lhes a rebelar-se. Teve êxito: Josefo data o começo da Guerra do Judeus a partir deste momento.

Terceiro, o uso do número *cinco* se associa na Escritura com o poder, e especificamente com organização militar – a distribuição da milícia israelita em formação do pelotão de esquadras de cinco (Êxodo 13.18; Números 32.17; Josué 1.14; 4.12; Juízes 7.11; 2 Reis 1.9ss). Por mandato de Deus, um exército de demônios do Abismo iria a atacar Israel.

Durante o ministério de Cristo, Satanás caiu a terra como “estrela do céu” (Apocalipse 12.4,9,12); e, João diz, “a chave do poço do Abismo lhe foi entregue. E abriu o poço do abismo”. Isto significa exatamente o que Jesus profetizou durante seu ministério terreno: A Terra, que havia recebido os benefícios de Sua obra e logo lhe havia rejeitado, será inundada com os demônios do Abismo. Devemos notar que se *dá a*

chave a Satanás, porque é Deus quem envia aos demônios como forma de açoitar aos judeus.

Ninivitas se levantarão, no Juízo, com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas. A rainha do Sul se levantará, no Juízo, com esta geração e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis aqui está quem é maior do que Salomão. Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos procurando repouso, porém não encontra. Por isso, diz: Voltarei para minha casa donde saí. E, tendo voltado, a encontra vazia, varrida e ornamentada. Então, vai e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro. *Assim também acontecerá a esta geração perversa.* (Mateus 12.41-45).

Por causa da rejeição de Israel do Rei dos reis, as bênçãos que haviam recebido se converteriam em maldições. Jerusalém havia sido “varrida” pelo ministério de Cristo; esta por sua vez se tornaria “morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável,” (Apocalipse. 18.2). *Toda a geração estaria possuída pelos demônios*; a progressiva loucura nacional é evidente ao ler o Novo Testamento, e suas horríveis etapas finais são ilustradas nas páginas de *As Guerras dos Judeus* de Josefo: a perda de toda a habilidade de raciocinar; as turbas delirantes que se atacavam uns aos outros, as multidões que seguiam a profetas claramente falsos; a busca enlouquecida e desesperada por comida, as matanças em massa, aprisionamentos, suicídios, pais que assassinavam seus próprios familiares e as mães comiam a seus próprios filhos. Em verdade, Satanás e suas hostes enxameavam por toda a terra de Israel consumindo aos apóstatas.

A vegetação da terra ficou totalmente passiva à destruição causada pelos “gafanhotos”. Esta foi uma maldição sobre os *ímpios*. Somente os cristãos estavam imunes da mordida dolorosa dos demônios (Marcos 6.7; Lucas 10.17-19; Atos 26.18); os israelitas não batizados, que não tinham os “selos em suas fontes” (Apocalipse 7.3-8), foram atacados e atormentados pelas forças demoníacas. E o propósito

imediatamente que Deus tinha ao derramar esta maldição não era a *morte*, mas o puro *tormento*, enquanto que a nação de Israel passava por uma série de convulsões demoníacas. João repete o que nos tem dito em Apocalipse 6.16, que “os homens buscarão a morte, porém não acharão, desejarão morrer, mas a morte fugirá deles”. Jesus havia profetizado especificamente este desejo para com a morte na geração final, a geração dos judeus que o crucificou (Lucas 23.27-30). Segundo o que Deus havia dito há muito tempo: “Mas o que peca contra mim violenta a própria alma. Todos os que me aborrecem amam a morte.”(Provérbios 8.36)

A descrição dos demônios-gafanhotos em Apocalipse. 9.7-11 tem muitas similitudes com os exércitos pagãos e invasores mencionados nos profetas (Jeremias 51.27; Joel 1.6; 2.4-10; Levítico 17.7 e 2 Crônicas 11.15, de onde a palavra hebraica para *demônio* é *cabeludo*¹⁸). Esta passagem pode também se referir, em parte aos bandos satânicos dos sanguinários zelotes aprisionavam aos cidadãos de Jerusalém, entrando nas casas, cometendo homicídios e estupros indistintamente. De modo característico, estes pervertidos se vestiam de prostitutas com o fim de seduzir a homens fiéis e em seguida matá-los.

Um ponto particularmente interessante quanto a descrição do exército de demônios é a declaração de João que “o barulho que as suas asas faziam era como o barulho de carros de muitos cavalos, quando correm à peleja;”. Este é o mesmo barulho feito pelas asas dos Anjos na Nuvem de Glória (Ezequiel 1.24; 3.13; 2 Reis 7.5-7); a diferença aqui é que o barulho provem dos anjos caídos.

São João identifica ao rei dos demônios com o “anjo do Abismo”, e menciona seu nome tanto em Hebraico (Abaddon) como Grego (Apolion) –

¹⁸ **NOTA DO TRADUTOR:** no hebraico a palavra é “וְלַשְׁעִירִים” – *velash’irim* – comumente traduzida para designar um demônio, mas que pode ser traduzida, em seu sentido secundário, por cabeludo (cheio de pelo).

uma das muitas indicações do caráter essencialmente hebraico do Apocalipse. As palavras significam *Destruição e Destruidor* “Abaddon”¹⁹ se usa no Antigo Testamento para referir-se à região dos mortos o “lugar de destruição” (Jó 26.6; 28.22;31.12; Salmo 88.11; Provérbios 15.11;27.10). Deste modo João apresenta a Satanás como a personificação própria da morte (1 Coríntios 10.10; Hebreus 2.14).

É claro, o desamarrar todas as hostes de destruidores sobre a nação judia produzia certamente um inferno na terra. E, no entanto, São João nos diz que esta erupção de demônios na terra era somente “o primeiro Ai”. Horrores ainda maiores lhes esperavam.

O Ataque do Eufrates.

As primeira palavra de São João quanto a sexta Trombeta (Apocalipse 9.13) outra vez nos lembram que as desolações criadas por Deus na terra sucedem em defesa de Seu povo (Salmo 46), como resposta a adoração oficial baseada no pacto: a ordem do sexto anjo é dada por uma voz “dentre os quatro cantos do altar de ouro [ou seja, o altar de incenso] que estava diante de Deus”. O mencionar este ponto obviamente tem a intenção de alentar ao povo de Deus na adoração e oração, confirmando-lhes que as ações de Deus na história procedem de Seu altar, de onde Ele tem recebido a oração dos santos. A Igreja de Jesus Cristo é o novo Israel, a santa nação, o povo verdadeiro de Deus, que possui “liberdade para entrar no Lugar Santíssimo pelo sangue de Jesus Cristo” (Hebreus 10.19). São João assegura à Igreja do primeiro século que Deus ouvirá e responderá as suas orações. Ele se vingará de seus perseguidores, porque *a terra é bendita e julgada pelas ações litúrgicas e decretos judiciais da Igreja.*²⁰

¹⁹ **NOTA DO TRADUTOR:** אַבְדֹּן, *abadon* – lugar de destruição, reino dos mortos ou mundo dos mortos.

²⁰ **NOTA DO TRADUTOR:** O que se conhece como invocação imprecatória.

A plenitude de Deus para ouvir e Sua disposição para aprovar as orações de Seu povo é continuamente proclamado na Escritura (Salmos 9.10; 10.17-18; 18.3; 34.15-17; 37.4-5; 50.14-15; 145.18-19). Deus nos tem dado muitos exemplos das orações imprecatórias, que comprovam repetidas vezes que um aspecto da atitude de um justo é o ódio para com os inimigos de Deus e a oração fervorosa por sua ruína e destruição (Salmos 5.10; 10.15; 35.1-8, 22-26; 59.12-13; 68.1-4; 69.22-28; 83;94; 109; 137.8-9; 139.19-24; 140.6-11) Por que será que não vemos a queda dos maus em nossos tempos? Uma parte importante da resposta é a Igreja moderna se recusa a orar biblicamente e Deus nos tem assegurado: “porém não tens o que desejais, por não pedis” (Tiago 4.2). Mas, a Igreja do primeiro século, orando fiel e fervorosamente para que o Israel apóstata seja destruído e foi ouvida no altar celestial de Deus. Seus anjos foram comissionados para atacar.

Nos versículo 14-16, o sexto anjo é autorizado para soltar os quatro anjos que estavam “atados junto ao grande rio Eufrates.”; logo trazem contra Israel um exercito composto por “duzentos milhões de homens”. Ao norte, o rio Eufrates foi o limite entre Israel e as temíveis forças pagãs da Assíria, Babilônia e Pérsia que Deus usava para acoitar a Seu povo rebelde (Gênesis 15.18; Deuteronômio 11.24; Josué 1.4; Jeremias 6.1, 22; 10.22; 13.20; 25.9,26; 46.20,24; 47; Ezequiel 26.7; 38.6, 15; 39.2). Há que recordar também que o *norte* era a área do trono de Deus (Isaías 14.13); e tanto a Nuvem de Glória como os agentes de vingança de Deus se vê vindo do norte, a saber, do Eufrates (Ezequiel 1.4; Isaías 14.31; Jeremias 1.14-15). Por tanto, este grande exército do norte é fundamentalmente o exército *de Deus*, e está sob Seu controle e direção, ainda que também é claramente demoníaco e pagão em seu caráter (assim que a “prisão” dos anjos caídos, 2 Pedro; Judas 6). Deus é completamente soberano, e usa tanto a demônios como os pagãos para ter êxito em Seus propósitos santos (1 Reis 22.20-22; Jó 1.12-21; certamente, posteriormente Ele castiga aos pagãos por suas nefastas metas e motivos que lhes havia animado a cumprir Seu decreto; veja-se

Isaías 10.5-14). Os Anjos atados no Eufrates, diz São João, foram “preparadas para a hora, dia, mês e ano”, a fim de cumprir seu rol certo e totalmente predestinado na história.

O numero dos cavaleiros é mencionados simplesmente como “duzentos milhões”, uma expressão tomada do Salmo 68.17, que diz: “Os carros de Deus são *vinete mil*, sim, *milhares de milhares*.” – em outras palavras, um número incalculável que não se pode contar. Os intentos para converter isto em um número exato (como é o suposto número do exército chinês, ou as forças armadas da Europa ocidental, etc.) se encontrarão indubitavelmente frustrados. O termo simplesmente significa *muitos milhares*, e indica uma hoste vasta que associa com o exército angelical do Senhor de milhares e milhares de carros.

Prescindindo das cintilantes especulações tecnológicas sustentadas por alguns comentaristas de Apocalipse 9.17-19, notemos simplesmente que, entretanto, o *número* do exército tem a intenção de lembrar-nos do exército de Deus, as características dos *cavalos* - o fogo, o fumo e o enxofre que saía da sua boca – no lembram ao Dragão, ao Levitã que exalava fogo (Jó 41.18-21), e do próprio inferno (Apocalipse 9.2; 19.20; 21.8).

Assim que, para resumir a ideia: um exército inumerável avança sobre Jerusalém desde o Eufrates, a origem dos inimigos tradicionais de Israel. É uma força feroz, hostil e demoníaca enviada por Deus como resposta às orações de vingança de seu povo. Este exército é o cumprimento de todas as advertências dadas na Lei e nos profetas, sobre uma horda vingadora enviada para castigas aos que desobedecem ao pacto. Os horrores descritos em Deuteronômio 28 haviam de cair sobre esta geração má (especialmente os versículos 49-68). Moisés havia declarado: e *enlouquecerás por causa do que verás com teus olhos* (Deuteronômio 28.34).

O que realmente ocorreu na história, a rebelião judaica e a reação a “praga escorpião” de Gésio Floro durante o verão de 66 d.C., provocou a invasão da Palestina por Cesto no outono, *com grande número de tropas a cavalos provenientes das regiões próximas ao Eufrates* (Ainda que o objeto principal no tocante a referência de São João, seja o significado simbólico do rio na história e na profecia bíblica). Depois de arrasar o campo, *suas forças chegaram aos **portões de Jerusalém no Mês de Tishri – o mês que começa no Dia das Trombetas.***

O acontecimento seguinte é uma das histórias mais extraordinárias nas crônicas da história militar. Os romanos rodearam a cidade e a atacaram continuamente durante cinco dias; ao sexto dia, Cesto exitosamente dirigiu a elite de suas forças que atacaram com tudo o muro do norte. Logrando seu objetivo, começaram os preparativos para incendiar o Templo. Vendo que eram totalmente superados, os rebeldes começaram a fugir cheios de pânico, e os “moderados” que se haviam sido contra a rebelião, tentaram abrir os portões para entregar Jerusalém a Cesto.

Nesse mesmo momento, quando a vitória total estava assegurada, Cesto súbita e inexplicavelmente retirou suas tropas. Surpreendidos e alentados, os rebeldes deixaram de fugir e perseguiram aos soldados que se retiravam, causando muitas baixas em seu ataque. Este êxito inesperado das forças rebeldes teve o efeito de criar uma confiança muito grande, porém completamente ilusória entre os judeus. Até os moderados se uniram ao entusiasmo geral da guerra. Em vez de fazer caso para a verdadeira mensagem de advertência do som da trombeta, o apóstata Israel loucamente se endureceu em sua rebeldia.

Porém isto, São João disse nos versículos 20-21 que “Os outros homens, aqueles que não foram mortos por esses flagelos, não se arrependeram deixando de adorar os demônios e os ídolos de ouro.” Os judeus se haviam entregado completamente à apostasia, porque nem a bondade de Deus nem Sua ira conseguiram afastá-los de seus

erros. Mas bem, relata Josefo, até o fim – depois da escassez, os assassinatos em massa, o canibalismo, a crucificação de seus cidadãos judeus que chegara a 500 por dia – os judeus seguiram escutando os desvarios lunáticos dos falsos profetas que lhes asseguravam liberdade e vitória. Josefo comenta:

O povo miserável, assim pois, cria nos enganadores de Deus e do mundo: mostraram-se muitos sinais e prodígios, aos quais manifestamente declaravam a destruição presente, porém não as advertiam nem ainda queriam crer nelas, antes como que atônitos e sem sentido, como homens cegos e sem alma, dissimulavam e encobriam tudo o quanto Deus lhes mandava e revelava.

As Advertências da Queda de Jerusalém.

Quais eram as “claras advertências” que haviam recebido de Deus? Aparte da prédica apostólica, que deveria ter sido suficiente (Lucas 16.27-31), Deus enviou sinais e prodígios milacurosos para testificar do juízo vindouro; Jesus havia advertido que, antes da queda de Jerusalém, “haverá terror e grandes sinais do céu”(Lucas 21.11). Isto foi especialmente evidente durante as festas do ano 66. Josefo continua dizendo em seu relato:

Enquanto que o povo se reunia para a Festa dos Pães Asmos, no oitavo mês de Nisan, a nona hora da noite [3:00 A.M] **uma luz muito brilhante alumiou entorno do altar e o Templo, que parecia meio-dia**; isto durou meia hora. Os ignorantes a consideraram um bom presságio, porém os escribas sagrados relacionaram imediatamente este sina com os eventos subseqüentes.²¹

Durante a mesma festa outro evento assombroso ocorreu:

O portão deste santuário interior que era uma porta enorme, feita de bronze e tão pesada que apenas se podia mover com vinte homens todas as noites, foi fechado com umas barras de ferro e trancafiado com ferrolhos que penetravam profundamente no umbral que era de um só rocha; **porém este portão se abriu por si mesmo a hora sexta da noite** [meia-noite]. Os guardas do Templo correram e informaram ao capitão que veio e com a ajuda de muitos, e com grandes esforços conseguiram fechá-lo. Para os neófitos isto parecia um bem presságio, pois, supôa que Deus lhes havia aberto a porta

²¹ JOSEFO, Flávio. *As Guerras Judaicas*, VII. XII, p.235 (Edição Espanhola)

da felicidade. No entanto, os mais sábios compreenderam que **a segurança do Templo se estava acabando** e que a abertura dos portões favorecia ao inimigo; e interpretaram isto e suas próprias mentes como um sinal da desolação vindoura.

Um evento semelhante, abrindo um parêntesis, ocorreu no ano 30 d.C, quando Cristo foi crucificado e o véu exterior do Templo – com 8 metros de largura e mais de 26 metros de altura! Se rasgou em duas partes, de alto a baixo (Mateus 27.50-54; Marcos 15.37-39; Lucas 23.44-47). O Talmud (**Yoma** 39b) relata que no ano 30 d.C, os portões do Templo se abriram por si mesmo, devido aparentemente ao desmoronamento do dintel, uma pedra de 30 toneladas.

Os que não podiam assistir a Festa da Páscoa regular tinham que celebrá-la no mês seguinte (Números 9.9-13). Josefo relata de um terceiro grande evento que aconteceu nas vésperas desta Segunda Páscoa no ano de 66 d.C:

Uma aparição assombrosa e incrível foi vista. O que estou para relatar suponho seria descartado como fantasia, se não fosse confirmado por testemunhos oculares e os eventos desastrosos que seguiam. **Porque antes do pôr do sol, se viam carruagem de cavalos no ar sobre todo o país, e tropas armadas passando pelos nuvens e rodeando as cidades.**

Um quarto sinal ocorreu dentro do Templo no dia seguinte da festa, e foi observado pelos vinte e quatro sacerdotes que estiveram de serviço:

Na festa de Pentecostes, quando os sacerdotes havia entrando nas cortinas interiores do Templo para cumprir seus ministérios usuais, declararam que se deram conta de uma comoção e barulho, logo, se ouviram uma voz como de uma hoste que gritou, Estamos saindo daqui!

Houve um quinto sinal nos céus esse ano: “Uma estrela que parecia uma espada se colocou sobre a cidade e um cometa levou um ano para passar.” Era claro, como disse Josefo, que Jerusalém “deixou de ser a morada de Deus”. No entanto, Israel não se arrependeu de sua maldade. Fora cegado por suas próprias maldades e os crescentes

juízos que o cercava, permanecia firme em sua apostasia, rejeitando ao Senhor e aderindo-se aos falsos deuses.

Os judeus realmente adoravam demônios e ídolos? Sem dúvida, ao rejeitar a Jesus Cristos eles estavam comprometidos indubitavelmente com a idolatria, apartando-se da fé de Abraão e servindo aos deuses de sua própria invenção. Também, a idolatria judaica não era um “teísmo” obscuro, indefinido, apóstata. Ao abandonar a Cristo, *os judeus realmente se converteram em adoradores do César.*

Josefo tem escrito eloqüentemente sobre isto, relatando repetidas vezes sobre a ira de Deus contra a apostasia da nação judaica como a causa de suas aflições:

***Estes homens**, portanto, **pisoteavam** todas as leis dos homens, e se riam das **leis** de Deus; e quanto aos **oráculos** dos profetas, os ridicularizavam como tramos de malabaristas; no entanto, estes profetas prediziam muitas coisas respeito às benções e as maldições dos vícios, e quando os zelotes violavam estes oráculos, promoviam o cumprimento destas profecias provenientes de seu próprio país*

Penso que não houve nem haverá cidade em todo o mundo que tenha sofrido deste modo, *nem creio que tenha havido uma nação no mundo tão feroz e o suficientemente grande para tanta maldade e temosia.* Quando a cidade foi rodeada e não puderam recolher as ervas, algumas pessoas tiveram tanta fome que buscavam nos esgotos comuns e os velhos montes de esterco do gado, e comeram o esterco que encontraram ali; e o que antes não podiam nem olhar chegou a ser sua comida. Ao ouvir isto, os romanos se compadeceram dos famintos ; no entanto, os mesmos rebeldes que viram isto, não se arrependeram, mas deixaram que essa mesma fome lhes sobreviessem também; porque estavam cegos pela ruína que se aproximava da cidade, e a eles mesmo.

Os ídolos de Israel, disse São João, “são de ouro, prata, de bronze, de pedra e de madeira”, dando uma explicação bíblica do padrão dos materiais usados na fabricação dos falsos deuses (Salmos

115.4; 135.15; Isaías 37.19). A Bíblia claramente ridiculariza aos ídolos dos homens como obras de suas mãos, meros paus e pedras que não podem ver, ouvir nem caminhar. Esta é uma reprodução irrisória do Salmista sobre os ídolos pagãos:

Têm boca e não falam;
Têm olhos e não vêem;
Têm ouvidos e não ouvem;
Têm nariz e não cheiram.
Suas mãos não apalpam;
Seus pés não andam;
Som nenhum lhes sai da garganta.

Em seguida vemos a consequência do dito acima:

“Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem e quantos neles confiam.”

(Salmos 115.5-8; 135.16-18).

Hebert Schlossberg corretamente tem chamado a isto a santificação inversa – um processo pelo qual “o idólatra se torna semelhante ao objeto de sua adoração. Israel seguia a vaidade, e chegou a ser vão” ²² Como trovejou o profeta Oséas, os idólatras de Israel “se fizeram abominável como aquilo que amaram” (Oséas 9.10; Jeremias 2.5).

A descrição de São João sobre a idolatria de Israel correspondendo a posição profética usual; porém, sua acusação é uma referência ainda mais direta para condenação de *Babilônia* feita por Daniel, especialmente em quanto a sua *adoração dos deuses falsos com os utensílios santos do Templo*. Daniel disse ao rei Belsazar:

E te levantaste contra o Senhor do céu, pois foram trazidos os utensílios da casa dele perante ti, e tu, e os teus grandes, e as tuas mulheres, e as tuas concubinas bebestes vinho neles;

²² SCHLOSSBERG, Herbert. *Idols for Destruction*, (Nashville, Cameden, New York: Thomas Nelson Publishers, 1983), p. 295.

além disso, deste louvores aos deuses de prata, de ouro, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra, que não vêem, não ouvem, nem sabem; mas a Deus, em cuja mão está a tua vida e todos os teus caminhos, a ele não glorificaste. (Daniel 5.23)

A inferência de João é clara: Israel se converteu na *Babilônia*, cometendo sacrilégios ao adorar aos deuses falsos com os tesouros do Templo; como Babilônia, “Pensado tem sido na balança, e foste achado em falta”; como Babilônia, será conquistador e seu reino será capturado pelos pagãos (Daniel 5.25-31).

Ao final, São João faz um resumo dos crimes de Israel, todos com base em sua *idolatria* (Romanos 1.18-32). Esta idolatria guiou aos *assassinatos* de Cristo e dos santos (Atos 2.23, 36; 3.14-15; 4.26; 7.51-52, 58-60); conduziu a suas *feitiçarias* (Atos 8.9,11; 13.6-11; 19.13-15; Apocalipse 18.23; 21.8; 22.15); conduziu a sua fornicação, uma palavra que João usa doze vezes em referência a apostasia de Israel (Apocalipse 2.14; 2.20; 2.21; 9.21; 14.8; 17.2 [duas vezes]; 17.4; 18.3 [duas vezes]; 18.9; 19.2); e conduziu a seus *roubos*, um crime que a Bíblia associa com a apostasia, a opressão e perseguição conseqüente dos justos (Isaías 61.8; Jeremias 7.9-10; Ezequiel 22.29; Oséias 4.1-2; Marcos 11.17; Romanos 2.21; Santiago 5.1-6).

Conclusão

Naqueles Últimos Dias, até a chegada dos romanos, as trombetas tocavam dando aviso a Israel que se arrependesse. Mas os judeus fizeram pouco caso, e se endureceram em sua impenitência. A retirada de Cesto se viu como uma indicação que as predições de Cristo da destruição de Jerusalém eram falsas: os exércitos da zona do Eufrates haviam chegado e rodearam a Jerusalém (Lucas 21.20), porém a “desolação” anunciada não ocorreu, e na mudança os romanos fugiram, como covardes. Cada vez mais seguros da benção divina, os judeus temerariamente se lançaram a cometer atos de crescente rebelião, sem saber que forças ainda maiores mais além do Eufrates se preparavam para a batalha. Desta vez, não haveria retirada. Judéia seria convertido

em deserto, os Israelitas seriam assassinados e escravizados, e o Templo seria arrasado, sem ficar pedra sobre pedra.

A VINGANÇA DA CRIAÇÃO

A Sétima Trombeta sinalizava que “o tempo não seria mais” (Apocalipse 10.6-7). O tempo se havia acabado e a ira grande havia vindo sobre Israel. Apartir deste momento em diante São João abandona a simbologia e a linguagem da mera advertência. A destruição de Jerusalém era segura, por isso o profeta orienta sua mensagem a tratar de sua ruína eminente. Ao descrever a catástrofe da Cidade, aumenta a simbologia do Êxodo, a qual é mui extensa em toda a profecia. Fala da “grande cidade”(16.19), recordando a seus leitores a referência prévia: “grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado.”(11.8). Jerusalém é chamada. Sodoma a causa de sua apostasia sensual, luxuosa (Ezequiel 16.49-50), e a causa da total destruição dela como um holocausto (Gênesis 19.24-28; Deuteronômio 13.12-18). Porém as metáforas mais comuns de São João sobre a grande cidade são repetições do modelo no Êxodo: Jerusalém não só representa o Egito, mas também os inimigos de Israel. Nos últimos capítulos, João tem mostrado o Dragão egípcio que persegue a Mulher até o deserto (Apocalipse 12); um Balaque e Balaão reencarnados que buscam com a guerra destruir o povo de Deus e seduzi-lo com a idolatria (Apocalipse 13); os exércitos redimidos do Novo Israel que se reuniam no monte Sião para celebrar as festas (Apocalipse 14); e os santos triunfalmente postos em pé no “Mar Vermelho” cantando “o cântico de Moisés”(Apocalipse 15). A continuação, no capítulo 16, os sete juízos que corresponde às dez Pragas Egípcias são derramadas sobre a Grande Cidade.

Existe também uma correspondência notável entre os juízos das Copas e os juízos das Trombetas dos capítulos 8-11.²³ A causa de que as Trombetas essencialmente descreviam advertências, afetavam somente a um terço da Terra; com As Taças em mudança, a destruição é total.

As Taças

1. Sobre a Terra, convertendo-se em úlceras malignas e pestilências (16.2).
2. Sobre o mar, convertendo-se em sangue (16.3).
3. Sobre os rios e as fontes, convertendo-se em sangue (16.4-7).
4. Sobre o sol, queimando tudo (16.8-9)
5. Sobre o trono da besta, causando trevas (16.10-11)
6. Sobre o Eufrates, tirando-o para preparar o caminho aos reis do oriente; a invasão dos demônios de rãs; Armagedom (16.12-16)
7. No ar, causando relâmpagos e trovões, tremores, e saraiva (16.17-21).

As Trombetas

1. Sobre a Terra; 1/3 da terra, árvores e ervas são queimados (8.7)
2. Sobre o mar; 1/3 do mar se converte em sangue, 1/3 dos seres viventes do mar morrem, 1/3 das embarcações são destruídas.
3. Sobre os rios e as fontes; 1/3 das águas se convertem em absinto (8.10-11).

²³ No entanto, a relação não é exata; e Russel exagera, quando, depois de uma comparação superficial, declara categoricamente: “isto não pode ser mera casualidade: é *idêntico*, e sugere a pergunta, Por que se repete aqui assim a visão?” – RUSSELL, J. Stuart. *The Parousia: A Critical Inquiry into the New Testamente Doctrine of Our Lord's Second Coming* (Grand Rapids: Baker Book House, [1987] 1983), p.476.

- 4.1/3 do sol, a lua, e as estrelas se escureceram (8.12)
5. Os demônios escorpiões atormentando aos homens (9.1-12)
6. Exércitos do Eufrates mata 1/3 da humanidade (9.13-21)
7. Vozes, trovões, terremotos e saraivas (11.15-19) [146]

As Pragas sobre o Egito.

1. Tumores com úlceras (sexta praga: Êxodo 9.8-12)
2. A água do rio se converte em sangue (primeira praga: Êxodo 7.17-21)
- 3 A água do rio se converte em sangue (Primeira praga: Êxodo 7.17-21)
4. Trevas (nona praga: Êxodo 10.21-23)
5. Os Gafanhotos (oitava praga: Êxodo 10.4-20)
6. Invasão das rãs dos rios (segunda praga: Êxodo 8.2-4)
7. Saraiva (sétima praga: Êxodo 9.18-26)

“Uma grande voz do santuário” dá a ordem que autoriza os juízos das Taças (Apocalipse 16.1). De novo, João destaca o ponto básico de sua profecia: que estas terríveis pragas se originam tanto em Deus como na Igreja (15.5-8). Estes são os juízos de Deus como resposta às orações dos seus santos.

Estes recipientes se chamam *Taças* para fazer tensão em seu caráter de **“Sacramento Negativo.”** De certa perspectiva, o conteúdo das Taças (a ira de Deus, que é “quente”, em 14.10) parece ser **fogo**, e os vários comentaristas tem visto estes ditos recipientes como taças de incenso (como em 5.8; 8.3-5). Porém os ímpios são condenados em 14.10 a “beber do **vinho** da ira de Deus, que foi esvaziado puro no cálice de sua ira”; e, quando se derrama as **pragas**, o “anjo das águas” se regozija pela **perfeição** da justiça de Deus declarando: “Revelation porquanto derramaram sangue de santos e de profetas, também sangue

lhes tens dado a beber;”(16.6). Uns versículos mais adiante, São João volta ao tema da imagem do “*cálice do vinho* do calor de sua ira” (16.19). O exemplo que se está dando no céu para a instrução da Igreja na terra é a *excomunhão final do Israel apóstata*, quando a Comunhão do Corpo e o Sangue do Senhor lhe seja negada. Os anjos-pastores, encomendados com as sanções sacramentais do Novo Pacto, são enviados desde o próprio Templo celestial, e do Trono de Deus, para derramar-lhe o Sangue do Pacto. Jesus advertia aos rebeldes de Israel que lhes havia enviado a Seus mártires para ser mortos, “para que *venha sobre vós todo o sangue justo que se tem derramado sobre a terra*, desde o *sangue* de Abel o Justo até o *sangue de Zacarias* filho de Berequías, a quem matastes entre o templo e o altar. Em verdade vos digo que tudo isto virá sobre esta geração”(Mateus 23.35-36). Tomar o sangue é inevitável: os ministros do Novo Pacto nos fazem partícipes na Eucaristia, ou derramaram sobre nossas cabeças o conteúdo de suas Taças.

Da mesma forma, sete anjos saem do Templo (15.1) e são instruídos para *derramar as Taças da ira de Deus*: a Septuaginta usa este verbo (*ekcheo*)²⁴ para referir-se ao **derramamento do sangue do sacrifício ao redor** da base do altar que deviam fazer os sacerdotes (Levítico 4.7,12,18,25,30,34; 8.15;9.9). O termo é usado em Ezequiel com referência a fornicção do Israel apóstata com os pagãos (Ezequiel 16.36; 23.8), também se usa em relação com o derramamento de sangue inocente por causa da opressão e da idolatria (Ezequiel 22.3-4,6,9,12,27) e para a ameaça de Deus de derramar sua ira sobre ela (Ezequiel 14.19;20.8,13,21;21.31;22.27). No Novo Testamento, é usado de maneira semelhante nos contextos que correspondem aos temas maiores do Apocalipse: o derramamento de vinho (Mateus 9.17; Marcos 2.22; Lucas 5.37); o derramamento do Sangue de Cristo (Mateus 26.28; Marcos 14.24; Lucas 22.20); O derramamento do sangue dos mártires

²⁴ **NOTA DO TRADUTOR:** ἐκχέω este é um verbo que possui uma gama de significados “despejar, derramar, derramamento”

(Mateus 23.35; Lucas 11.50; Atos 22.20; Romanos 3.15) e o derramamento do Espírito (Atos 2.17-18,33;10.45; Romanos 5.5; Tito 3.6; Joel 2.28-29; Zacarias 12.10).

Todas estas associações diferentes constituem o pano de fundo deste derramamento de pragas sobre o povo que derramou o sangue de Cristo e de Suas testemunhas, o povo que resistiu e rejeitou ao Espírito. Os odres velhos de Israel já estavam a ponto de explodir (de se rachar).

A Primeira Taça

Quando o primeiro anjo derrama sua Taça sobre a Terra (Apocalipse 16.2), chega como “uma úlcera maligna e perniciososa sobre os homens que tinham a marca da besta, e que adoravam sua imagem.”

As úlceras são uma retribuição adequada pela apostasia, de onde Deus põe Seu selo de ira sobre quem tem a marca da Besta. Assim como Deus derramou úlceras sobre os egípcios, que adoravam ao estado perseguidor de Seu povo (Êxodo 9.8-11), assim Deus enviava pragas contra os adoradores da Besta na Terra de Israel – o povo do pacto que se havia convertido em perseguidor da Igreja, tal como os egípcios. Esta praga foi mencionada especificamente por Moisés em sua lista de maldições do pacto causadas pela idolatria e a apostasia: “O SENHOR te ferirá com as úlceras do Egito, com tumores, com sarna e com prurido de que não possas curar-te. O SENHOR te ferirá com úlceras malignas nos joelhos e nas pernas, das quais não te possas curar, desde a planta do pé até ao alto da cabeça.” (Deuteronômio 28.27,35)

A Segunda Taça

O segundo Anjo derrama sua Taça sobre o mar (Apocalipse 16.3), e se converte em *sangue*, tal como na primeira praga egípcia (Êxodo 7.17-21) e na Segunda Trombeta (Apocalipse 8.8-9). Desta vez porém, o sangue não está gotejando, mas que tem substância de morte:

grumosa, coagualda e fedida. O sangue é mencionado quatro vezes neste capítulo; cobre a face de Israel, transbordando pelos quatros extremos da Terra.

Ainda que o significado fundamental desta praga seja simbólico, referindo a imundícia produto do contato com o sangue e a morte (Levítico 7.26-27; 15.19-33; 17.10-26; 21.1; Números 5.2; 14.11-19). Não obstante, há paralelos semelhantes com os eventos históricos da Grande Tribulação. Em uma ocasião, milhares de rebeldes judeus fugiam para o Mar da Galiléia da matança romana de Tariquea. Entrando no lago em lanchas pequenas e débeis, prontamente foram alcançadas pelas poderás balsas das forças de Vespasiano. Então, como Josefo relata, foram assassinados sem misericórdia:

Estes, não puderam chegar salvos a terra, não puderam pelear na água em igualdade de condições...antes que eles respondessem ou ferissem alguns, foram feridos derribados e lançados ao fundo de suas próprias embarcações; muitos dos que intentavam fugir dos romanos foram alcançados por seus dardos e foram derrubados em suas próprias embarcações, a outros os prendiam com elas, coagindo-os no meio de suas embarcações.

Os que caíam na água e levantavam a cabeça, ou eram mortos com setas ou eram capturados e colocados dentro dos barcos, e se intentassem desesperadamente livrar-se nadando, lhes cortavam a cabeça ou as mãos, desta maneira morriam muitos deles, até que, sendo forçados a fugir, os que ficaram em vida chegaram a terra, ficando rodeados seus pequenos barcos pelos inimigos. Dos que se lançaram na água, muitos morreram com as flechas e os dardos dos romanos, e muitos que saíram para terra também foram mortos; por esta razão toda aquela lagoa estava cheia de sangue e de corpos mortos, porque ninguém escapou com vida.

Passados alguns dias, se levantou nestas terras um mau cheiro, com uma visão muito cruel e amarga para se ver: as margens estavam cheias de barcos quebrados, de homens afogados e de corpos inchados. Os corpos dos mortos se estouravam e se apodreciam, contaminando toda aquela região, de tal maneira, que esta coisa não só parecia horrenda aos judeus, mas também aos provocadores do massacre²⁵

²⁵ JOSEFO, Flávio. *As Guerras Judaicas*, III. XIX. P. 40-41. (Edição Espanhol)

A Terceira Taça.

A praga da Terceira Taça (Apocalipse 16.4-7) se assemelha mais diretamente com a primeira praga egípcia (e a Terceira Trombeta: 8.10-11), já que afeta “aos rios...e as fontes das águas”, convertendo toda água potável em sangue. A água é um símbolo de vida e bênção nas Escrituras, começando desde a história da criação e o Jardim do Éden. Nesta praga, as bênçãos do Paraíso são transformadas em um pesadelo; o que era límpido e puro previamente se converte em contaminação e imundícia por causa da apostasia.

O “Anjo das águas” responde a esta maldição louvando a Deus por seu justo juízo: “Tu és justo, tu que és e que eras, o Santo, pois julgaste estas coisas.” Não devemos nos desconcertar por uma passagem assim. Toda a Bíblia está escrita desta perspectiva do **personalismo cósmico** – a doutrina que ensina que Deus, que é uma personalidade absoluta, está constantemente ativo em todas as partes de Sua criação; presente em todas as partes com todo o Seu ser, levando a cabo todas as coisas imediatamente por Seu poder e por meio de Seus servos. Não **existe** a “lei natural”; seria melhor que falássemos dos “**hábitos do pacto**” de Deus, ou a **ordem habitual que Deus impõe a Sua criação por meio das ações “de Seus anjos**. Nossas ciências não nada mais que o estudo dos padrões habituais da atividade pessoal de Deus e de seus mensageiros celestiais.

Isto é, na realidade, precisamente o que assegura a validade e a viabilidade tanto da investigação científica como da oração. Por um lado, os anjos de Deus tem **hábitos** – uma dança cósmica, uma liturgia na que participa cada aspecto de todo o universo – dos quais o homem pode depender para empreender todas as obras tecnológicas enquanto exerce o domínio sobre o mundo sob o governo de Deus. E por outro lado, os Anjos são seres pessoais, que levam a cabo constantemente as ordens de Deus; isto em resposta as nossas petições, Ele (Deus) tem o poder e exerce esse poder para que os Anjos mudem o curso da dança.

Portanto, há um “Anjo das águas”; e, juntamente com toda a criação pessoal de Deus se regozija no governo justo de Deus sobre todo o mundo. A estrita justiça de Deus, resumida no *olho por olho* (Êxodo 21.23-25) se vê neste juízo, porque o castigo corresponde ao crime: “derramaram os sangue dos santos e dos profetas”, exclama o Anjo das Águas, “sangue lhes tens dado a beber!” Como temos visto, o crime característico de Israel era sempre o assassinato dos profetas (2Crônicas 36.15-16; Lucas 13.33-34; Atos 7.52).: Jesus nomeou este fato como a razão particular pela qual o *sangue dos justos* seria derramado como juízo sobre esta geração (Mateus 23.31-36).

O Anjo das Águas conclui com uma declaração interessante: se tem derramado o sangue dos apóstatas, “pois, merecem!” (são dignos disso). Este é um paralelo a mensagem do Novo Cântico em Apocalipse 5.9: “*Digno és de tomar o livro e de abrir seus selos; porque **tu fostes imolado, e com teu sangue** tens redimido para Deus*”.²⁶ Assim como o Cordeiro recebeu seu prêmio pelo sangue que derramou, também estes perseguidores receberão a justa recompensa pelo derramamento injusto de sangue.

Muitos séculos antes Deus havia prometido aos oprimidos de Israel que daria paga aos inimigos segundo suas obras más:

Sustentarei os teus opressores com a sua própria carne, e com o seu próprio sangue se embriagarão, como com vinho novo. Todo homem saberá que eu sou o SENHOR, o teu Salvador e o teu Redentor, o Poderoso de Jacó. (Isaías 49.26).

A apostasia de Israel inverteu isto: agora é Israel, o Perseguidor *por excelência*, que será obrigado a beber seu próprio sangue e a comer sua própria carne. Isto não é algo figurativo: tal como Deus havia predito por meio de Moisés (Deuteronômio 28.53-57), durante o sitio de

²⁶ É que esta duas palavras em português - dignos (merecem) em Apocalipse 16.6 e Digno de Apocalipse 5.9 – provem da mesma palavra em grego **axios** (Nota do Tradutor - ἄξιος). Por tanto, o paralelo.

Jerusalém os Israelitas realmente se converteram em canibais; as mães literalmente comeram seus próprios filhos. Por causa de que derramaram o sangue dos santos, Deus lhes deu a beber seu próprio sangue (Apocalipse 17.6;18.24).

Unindo-se ao anjo no louvor, se ouve a voz do mesmo Altar, de onde o sangue dos santos e profetas havia sido derramado. O Altar se regozija: “Certamente, ó Senhor Deus, Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos!” Os santos reunidos em torno da base do Altar havia clamado pedindo a justiça e a vingança de seus opressores (Apocalipse 6.9-11). Com a destruição de Israel essa oração foi atendida; as testemunhas foram vindicadas. É mais que casualidade que estas orações em Apocalipse 16.5-7 (também com o texto do cântico de Moisés em Apocalipse 15.3-4) sejam chamativamente semelhantes ao cântico entoado pelos sacerdotes momentos antes de oferecer os sacrifícios. Ironicamente – Quando o próprio Deus prepara o Holocausto do ano 70 d.C – os Anjos do céu cantam a liturgia própria de Israel, todavia contra o próprio Israel.

A Quarta Taça.

O quarto anjo (Apocalipse 16.8-9) derramou sua Taça sobre o sol, queimando aos homens com fogo. Enquanto que a Quarta Trombeta resultou ser uma praga de trevas (8.12), com a quarta taça o calor do sol se intensificou, “e os homens se queimaram com o grande calor”. Isto também resultava ser o oposto da benção básica do pacto que tiveram no Êxodo, quando Israel foi protegido do calor do sol pela Nuvem de Glória, a sombra do Todo-poderoso (Êxodo 13.21-22; Salmo 91.1-6). Esta promessa se repete através dos profetas:

O SENHOR é quem te guarda;

O SENHOR é a tua sombra à tua direita.

De dia não te molestará o sol, nem de noite, a lua.

O SENHOR te guardará de todo mal;

Guardará a tua alma. (Salmo 121.5-7)

“Não terão fome nem sede, a calma nem o sol os afligirá; porque o que deles se compadece os guiará e os conduzirá aos mananciais das águas.” (Isaías 49.10).

“Bendito o homem que confia no SENHOR e cuja esperança é o SENHOR. Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde; e, no ano de sequeidão, não se perturba, nem deixa de dar fruto.” (Jeremias 17.7-8).

Razão por que se acham diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu santuário; e aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo. Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum, pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima. (Apocalipse 7.15-17).

Através do livro de Apocalipse, João usa a voz passiva (como por exemplo, a expressão *foi dado*) para indicar o controle soberano de Deus sobre os acontecimentos. Outra vez se destaca a soberania de Deus ao dizer que *foi dado* ao sol poder para queimar aos homens; e, no seguinte versículo ainda é mais explícito: “Deus, que tem autoridade sobre estes flagelos²⁷”. João desconhece um “Deus delicado” que contempla impotente os eventos do mundo; nem conhece um “Deus” tão doce que não pode realizar juízos sobre os ímpios. Ele sabe bem que os flagelos que caem sobre Israel são “as obras do SENHOR, que assolações efetuou na terra.” (Salmo 46.8).

Em seu livro sobre a Trindade, Santo Agostinho acentua o mesmo:

Toda a criação é governada por seu Criador, de que e por quem e em quem foi fundada e estabelecida. E deste modo a vontade de Deus é a primeira e superior causa de todas as aparências e atividades corporais. Porque nada ocorre na esfera visível e sensível que não seja ordenado, ou permitido, da corte interior, invisível, e inteligente do Imperador altíssimo, nesta nação

²⁷ **NOTA DO TRADUTOR:** No original espanhol temos a palavra pragas.

vasta e ilimitada de toda a criação, segundo a justiça inefável de Suas recompensas e castigos, bênçãos e retribuições.”

Porém, os apóstatas recusaram submeter-se ao Senhorio de Deus, como a Besta de Roma, cuja cabeça foi coroada com “nomes blasfemos” (13.1) e cuja imagem adoraram, blasfemando o nome de Deus que tem o poder sobre estas pragas. E, como o Faraó não arrependido (Êxodo 7.13,23; 8.15,19,32; 9.7,12,34-35; 10.20,27; 11.10; 14.8), “Não se arrependeram para dar-lhe glória”. Israel se havia convertido no Egito, endurecendo seu coração; e, como Egito, seria totalmente destruído.

ESTÁ CONSUMADO!

As vítimas simbólicas das primeiras quatro taças eram os elementos da criação física: Terra, mar, água, e o sol. Com as três últimas Taças, as conseqüências do ataque angélico são inerentemente “Políticas”: a ruína do reino da Besta; a Batalha do grande Dia de Deus; e a Queda de “Babilônia”.

A Quinta Taça

Ainda que a maior parte dos juízos se dirigem ao apóstata Israel, os pagãos que se unem a Israel contra a Igreja também recebem condenação. Certamente, a Grande Tribulação resultava ser “a hora da prova que há de vir sobre **o mundo inteiro**, para provar os que moram na terra”(3.10). Em conseqüência, o quinto anjo (Apocalipse 16.10-11) derrama sua Taça “sobre o trono da besta”; e enquanto o calor do sol queima aos que adoram a besta, as luzes se apagam em seu reino, e se obscurece – o que significa com temos visto em nosso estudo de Mateus 24, um símbolo bíblico padrão para descrever a desordem e queda dos governantes (Isaías 13.9-10; Amós 8.9; Ezequiel 32.7-8). O significado principal deste flagelo segue sendo o juízo sobre Israel, porque (em termos da mensagem do apocalipse) foi *Israel* o “trono” e o “reino” da Besta. Também, como veremos, as pessoas que sofrem as conseqüências da Quinta Taça são identificadas também como as que, todavia, sofreram a Primeira Taça, que foi derramada sobre a Terra, sobre os adoradores Israelitas da Besta (Apocalipse 16.2).

No entanto, também é provável que este juízo corresponda parcialmente às guerras, revoluções, alvoroços, e “convulsões mundiais” que açoitaram ao Império depois que Nero se suicidou em junho de 68. O grande erudito do século XIX F.W. Farrar escreveu:

Dos horrores que afligiam a Roma e aos romanos nas guerras civis entre os governantes provinciais – simbolizados anteriormente como os chifres da Besta selvagem, e aqui caracterizados como reis porém sem reinos. Assim Ocorrida com Galba, Otão, Vitélio, e Vespasiano. Vespasiano e Muciano deliberadamente planejavam matar de fome a população romana. Na luta feroz de Vitélio contra Sabino e Domiciano, e a matança a que deu lugar, correu o sucesso que assustou a todos os romanos – o incêndio que arrasou o Templo do Capitólio de Júpiter, em 19 de dezembro do ano 69 d.C. Não foi o menor dos acontecimentos desse ano, em que os santuários mais sagrados do mundo antigo foram incendiados – o Templo de Jerusalém e o Templo do grande Deus latino.²⁸

Uma passagem de Tácito, o historiador romano, dá uma ideia das condições caóticas da cidade capital:

As pessoas de Roma observava de próximo as lutas como se fossem espetáculos no circo, gritando e aplaudindo a um grupo e depois a outro. Quando um dos grupos perdia, os soldados derrotados se escondiam nas tendas ou nas casas. Logo, pela exortação da turba, aqueles eram arrastados para fora e assassinados, porque os soldados se dedicavam a matança sangrenta e o saque estava para as massas.

Toda a cidade apresentava uma caricatura espantosa de sua condição normal: lutas e feridos em lugar, banhos e restaurantes em outro, por aqui o derramamento de sangue e a desordem dos cadáveres e por lá se aproxima as prostitutas e as pessoas más – todos os vícios que se associam com a vida preguiçosa e o prazer, todos os atos associados com um terrível saque. Todos estes fatos estavam internamente ligados que o observador comum havia crido em uma Roma envolta de uma orgia simultânea de violência e libertinagem. E certo que no passado havia ocasiões em que os exércitos lutaram na cidade, duas vezes quando Lúcio Sullo se apoderava dela, e uma vez sob Cina. Havia tanta crueldade naqueles desde então, mas desta vez havia também uma indiferença alocada, nem sequer houve uma interrupção momentânea na busca do prazer. Como se isto fosse um entretenimento a mais das festas, se deleitaram nos horrores tirando proveito deles, sem interesse em qual dos grupos ganhava, e se gloriavam nas calamidades do estado²⁹

João outra vez chama nossa atenção para a impenitência dos apóstatas. Sua reposta ao juízo de Deus é uma rebelião maior – contudo, sua rebelião chega a ser cada vez mais ineficaz: *“os homens remordiam a língua por causa da dor que sentiam e blasfemaram o Deus*

²⁸ FARRAR, F.W., *The Early Days of Christianity*, (Chicago: Belford, Clark and Co., Publishers, 1882, p.555 ss.

²⁹ TACITUS, Cornélio. *As histórias*, III, p.83 (Edição Espanhola)

do céu por causa das angústias e das úlceras que sofriam; e não se arrependeram de suas obras.” Uma característica que distingue as pragas dessas Taças é que elas chegam todas ao mesmo tempo, sem “trégua” entre uma e outra. Uma só praga era suficientemente má, como nos juízos do Egito. Mas, estas pessoas mordiam suas línguas e blasfemavam a Deus por causa de suas *úlceras* – as úlceras que lhes brotaram quando a **Primeira** Taça foi derramada sobre eles. Os juízos se derramavam com tanta velocidade que a seguinte praga (ou flagelo) encontrava as pessoas sofrendo ainda os efeitos da anterior. E, ainda assim o seu caráter não foi transformado, pois, não se arrependeram. A noção de que um grande sofrimento produz piedade é um mito. Só a graça de Deus pode afastar aos ímpios de suas rebeliões; porém, Israel resistiu ao Espírito e isto resultou em sua própria destruição.

A Sexta Taça.

Esta corresponde a Sexta Trombeta (Apocalipse 9.13-21), a Sexta Taça é derramada sobre “o grande rio Eufrates, cujas águas secaram, para que se preparasse o caminho dos reis que vêm do lado do nascimento do sol.” (Apocalipse 16.12). Segundo vimos anteriormente, o Eufrates era a fronteira norte de Israel, de onde os exércitos invasores vinham para saquear e oprimir o povo do pacto. A imagem de seca do Eufrates para a passagem de um exército conquistado é tirada, em parte, da estratégia de Ciro o persa, que conquistou Babilônia ao desviar o Eufrates momentaneamente de seu curso, possibilitando que seu exército atacasse a cidade subindo pelo canal, e assim derrotá-la de surpresa. Está claro que, a ideia mais básica da Sexta Taça é a seca do Mar Vermelho (Êxodo 14.21-22) e o Rio Jordão (Josué 3.9-17; 4.22-24) para os vitoriosos de Deus. Outra vez está o elemento sutil da ironia trágica: Israel se tem convertido na nova Babilônia, um inimigo de Deus que desta vez deve ser conquistado por um novo Ciro, enquanto que o

verdadeiro povo do pacto³⁰ é milagrosamente livrado e conduzido como sua herança. A chegada dos exércitos do Eufrates, por suposto, representa o sitio final de Jerusalém pelas forças de Tito; e não é uma mera casualidade que milhares de soldados destas tropas realmente provieram do Eufrates.

Nos versículos 13-14 de Apocalipse 16, São João narra o surgimento de três espíritos imundo que procediam das bocas do Dragão, a Besta, e o Falso Profeta (a “Besta da Terra”, a liderança de Israel, mencionada em Apocalipse 13.11; 19.20). João tem combinado as seguintes imagens nestes versículos: primeiro, uma invasão do rio (v.12). Aqui se vê uma relação com a segunda praga egípcia, porque as multidões de rãs que empestava ao Egito vinham do rio (Êxodo 8.1-7). Segundo, uma praga de rãs (nas leis dietéticas veterotestamentárias, as rãs são imundas: Levítico 11.9-12, 41-47); terceiro, estas “rãs” são realmente espíritos de demônios, “realizando sinais” com o fim de enganar a humanidade. É uma ênfase múltipla sobre o Dragão que é imitado por seus seguidores que lança coisas de sua boca (Apocalipse 12.15-16; 13.5-6; veja o contraste com 1.16; 11.5; 19.15,21); a repetição por três vezes da palavra **boca** aqui serve também como outro ponto de contato com a Sexta Trombeta (9.17-19).

Estes espíritos imundos do Diabo, do governo romano, e dos líderes de Israel vão aos reis de todo o mundo (Salmo 2) com o fim de reunir-los para a Guerra do Grande Dia de Deus. Por meio de suas falsas profecias e obras milagrosas incitam aos exércitos do mundo para aliar-se em guerra contra Deus. Todavia, não se davam conta é que a batalha é do Senhor, e que os exércitos se juntam para cumprir os propósitos de Deus, e não os deles. Ele é quem lhes prepara o caminho, inclusive secar o Eufrates para que passem-no sem dificuldades.

³⁰ **NOTA DO TRADUTOR:** a Igreja de Cristo os seus eleitos.

O profeta Miquéias ofereceu uma mensagem semelhante ao malvado rei Acabe de Israel, explicando por que Acabe seria morto em batalha contra os arameus:

Vi o SENHOR assentado no seu trono, e todo o exército do céu estava junto a ele, à sua direita e à sua esquerda. Perguntou o SENHOR: Quem enganará a Acabe, para que suba e caia em Ramote-Gileade? Um dizia desta maneira, e outro, de outra. Então, saiu um espírito, e se apresentou diante do SENHOR, e disse: Eu o enganarei. Perguntou-lhe o SENHOR: Com quê? Respondeu ele: Sairei e serei espírito mentiroso na boca de todos os seus profetas. Disse o SENHOR: Tu o enganarás e ainda prevalecerás; sai e faze-o assim. (1 Reis 22.19-22)

Isto se repete na Carta de Paulo aos Tessalonicenses:

Com efeito, o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém; então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e o destruirá pela manifestação de sua vinda. Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos. É por este motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira, a fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça. (2 Tessalonicenses 2.7-12)

O “poder enganoso” que exerce estes espíritos mentirosos é enviado por Deus a fim de levar a cabo a destruição de Seus inimigos na “batalha de aquele dia do Deus Todo-poderoso” (Apocalipse 16.14b) um termo bíblico para o Dia do Juízo, um dia de calamidade para os maus (Isaías 13.6, 9; Joel 2.1-2, 11,31; Amós 5. 18-20; Sofonias 1.14-18). Especificamente, seria o Dia da condenação e execução de Israel; o Dia quando, como Jesus mencionou de antemão em Sua parábola, o Rei enviaria Seus exércitos para destruir aos assassinos e incendiar a Cidade com fogo (Mateus 22.7). João acentua este ponto outra vez ao referir-se o Senhor como *Deus Todo-poderoso*, a tradução grega da expressão hebraica *Yahweh*, *Deus dos exércitos*³¹, o Deus dos *exércitos*

³¹ **NOTA DO TRADUTOR:** יְהוָה צְבָאוֹת – *Yahweh Tsabaoth* – o SENHOR dos Exércitos. O termo grego neotestamentário que corresponde e carrega o conceito aqui estabelecido é “παντοκράτωρ” – Pantokrator – Todo-poderoso.

do céu e a terra (1.8). Os exércitos que vinham para levar a cabo a destruição de Israel – sem consideração de sua motivação – são os exércitos de Deus, enviados por Ele (ainda que por meio de “espíritos mentirosos”, se é necessário) para levar a cabo os Seus propósitos, para a Sua glória. As más rãs-demônios realizam seus falsos prodígios e obras com poder enganoso porque o anjo de Deus tem derramado sua Taça de ira.

De repente a narrativa é interrompida pela declaração de Cristo no versículo 15: “**Eis que venho como vem o ladrão!**” Este é o tema central do livro de Apocalipse, que resume as advertências de Cristo às igrejas nas Sete Cartas (Apocalipse 2.5,16,25; 3.3,11). A vinda dos exércitos romanos vinham a ser, em realidade, a Vinda de Cristo com terrível ira contra Seus inimigos, os que lhe haviam abandonado e que haviam assassinado a Suas testemunhas. Parece que a terminologia e simbologia específica se baseiam na Carta à igreja de Sardes: “virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti.”(Apocalipse 3.3; Mateus 24.42-44; Lucas 12.35-40; 1 Tessalonicenses 5.1-11).

A mesma carta a Sardes também disse:

Sê vigilante e consolida o resto que estava para morrer, porque não tenho achado íntegras as tuas obras na presença do meu Deus. Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestiduras e andarão de branco junto comigo, pois são dignas. O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos. (Apocalipse 3.2,4-5).

De modo similar, o texto da sexta Taça continua: “Bem-aventurado o que vela, e guarda suas roupas, para que não ande desnudo, e vejam sua vergonha” (Apocalipse 3.18, na Carta a Laodicéia: “Aconselho-te que de mim compres [...] **roupas brancas, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez**”).

O simbolismo disto está baseado no castigo dos guardas do Templo que adormeciam enquanto estavam de guarda: suas roupas eram confiscadas e queimadas. Cristo está repreendendo aos guardas de Israel por sua preguiça espiritual, advertindo-lhes que estão ao ponto de ser despedidos de seu ofício quando Ele vier em juízo. Todavia, dormiram e já era muito tarde – Templo seria saqueado e destruído. O juízo e a destruição se aproximavam rapidamente; não havia tempo a perder, as igrejas necessitavam estar despertadas e sob alertas.

João continua o relato no versículo 16: os demônios juntam aos reis da terra “no lugar que em hebraico se chama **Aramagedon**.” Ao pé da letra, este se escreve **Har-Magedon**, que significa *Monte Megido*. Aqui surge um problema para os “literalistas”, Megido era uma cidade localizada em uma planície – não sobre um monte! ***Nunca houve nem haverá uma “Batalha de Armagedon”, porque não existe tal lugar.*** O monte mais próximo da planície de Megido é o Monte Carmelo, e isto era o que presumivelmente João tinha no presente caso. Por que não dizia simplesmente “Monte Carmelo?” Provavelmente porque queria correlacionar as duas ideias – *Carmelo* por sua associação com a derrota dos falsos profetas de Baal e Assera (1 Reis 18) de Jezabel, e *Megido* por haver sido o campo de batalha de várias batalhas importantes na história bíblica. Megido é mencionado entre as conquistas de Josué (Josué 12.21), e, é especialmente importante ser o lugar de onde Débora derrotou os reis de Canaã (Juizes 5.19). O Rei Acazias de Judá, o malvado neto do rei Acabe de Israel, morreu em Megido (2 Reis 9.27). Talvez o evento mais significativo ocorreu ali, com respeito a simbologia de João, foi o confronto entre o Rei Josias de Judá e o faraó egípcio Neco. Em desobediência deliberada à Palavra de Deus, Josias enfrentou a Neco em Megido e foi mortalmente ferido (2 Crônicas 35.20-25). Depois da morte de Josias, a queda de Judá em apostasia, a destruição, e a escravidão foram rápidas e irrevogáveis (2 Crônicas 36). Os judeus faziam lamentações pela morte de Josias, até o tempo de Esdras (2 Crônicas 35.25), e o profeta Zacarias o usa como imagem de lamentação

de Israel pelo Messias. Depois de prometer “destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém.” (Zacarias 12.9) Deus disse:

E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o espírito da graça e de súplicas; olharão para aquele a quem traspassaram; pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito e chorarão por ele como se chora amargamente pelo primogênito. Naquele dia, será grande o pranto em Jerusalém, como o pranto de Hadade-Rimom, no vale de Megido. A terra pranteará, cada família à parte; a família da casa de Davi à parte, e suas mulheres à parte; a família da casa de Natã à parte, e suas mulheres à parte; (Zacarias 12.10-11)

Esta é a declaração de Deus de que Ele removeria de Israel os ídolos, os falsos profetas, e os espíritos imundos (Zacarias 13), e que atrairia exércitos para sitiarem Jerusalém (Zacarias 14).

Assim, para São João “Megido” era um símbolo de derrota e desolação, uma derrota decisiva que significa a derrota dos que se põem a Deus, [uma derrota dos] que obedecem a falsos profetas em lugar de obedecer aos verdadeiros.

A Sétima Taça

Por fim, o sétimo anjo derrama sua Taça *pelo ar*, com a intenção de produzir relâmpagos, trovões (vs.18) e saraiva (vs.21) e saraiva (vs.21). Outra vez, uma voz saiu “do templo do céu, do trono” que significa o controle e aprovação de Deus. São João tem anunciado que estas sete pragas das Taças deviam ser as “últimas, porque nelas se consumava a ira de Deus” (Apocalipse 15.1); com a Sétima Taça, por tanto, a voz proclama: *Está feito!* (João 19.30; Apocalipse 21.6).

Mais uma vez, João relata o fenômeno associado com o Dia de Yahweh e a atividade própria do estabelecimento de pactos na Nuvem de Glória: “relâmpagos, tronos, vozes, e “um grande terremoto” (Apocalipse 16.18).

Sete vezes em Apocalipse João menciona um terremoto (tremor) (6.12;8.5;11.13 [duas vezes]; 11.19; 16.18 [duas vezes]), acentuando

suas características do pacto. Cristo veio para trazer *o tremor definitivo, o grande tremor cósmico do Novo Pacto*: “como nunca houve igual desde que há gente sobre a terra”. Apocalipse 16.18b (Mateus 24.21; Êxodo 9.18, 24; Daniel 12.1; Joel 2.1-2).

Esta também era a mensagem do escrito aos Hebreus. Comparando o pacto feito no Sinai com a vinda do Novo Pacto (que seria estabelecido com a destruição do Templo e a expiração completa do Velho Pacto), anunciou que os “céus e a terra” da administração mosaica estavam terminando, havendo sido substituído pelo eterno Reino de Cristo:

Vede que não rejeiteis ao que fala; porque, se não escaparam aqueles que rejeitaram o que na terra os advertia, muito menos nós, se nos desviarmos daquele que é dos céus; A voz do qual moveu então a terra, mas agora anunciou, dizendo: ***Ainda uma vez comoverei, não só a terra, senão também o céu*** [Ageu 2.6]. E esta palavra: Ainda uma vez, mostra a mudança das coisas móveis, como coisas feitas, para que as imóveis permaneçam. Por isso, tendo recebido um reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente, com reverência e piedade; Porque o nosso Deus é um fogo consumidor. (Hebreus 12.25-29)

São João tem esclarecido que “a Grande Cidade” é a Velha Jerusalém, onde o Senhor foi crucificado (Apocalipse 11.8; 14.8); originalmente tinha o propósito de ser “a luz do mundo, uma Cidade edificada sobre um monte”, atualmente é uma assassina apóstata, condenada a perecer. Sob o juízo da Sétima Taça, ela haveria de ser “dividida em três partes” (Apocalipse 16.19). Esta simbologia é tirada do quinto capítulo de Ezequiel, onde Deus instrui ao profeta a montar um drama que representa a destruição vindoura de Jerusalém. Ezequiel havia de raspar sua cabeça com uma espada afiada e dividir cuidadosamente o cabelo em três partes:

Tu, ó filho do homem, toma uma espada afiada; como navalha de barbeiro a tomarás e a farás passar pela tua cabeça e pela tua barba; tomarás uma balança de peso e repartirás os cabelos. Uma terça parte queimarás, no meio da cidade, quando se cumprirem os dias do cerco; tomarás outra terça parte e a ferirás com uma espada ao redor da cidade; e a outra terça parte espalharás ao vento; desembainharei a espada

atrás deles. Desta terça parte tomarás uns poucos e os atarás nas abas da tua veste. Destes ainda tomarás alguns, e os lançarás no meio do fogo, e os queimarás; dali sairá um fogo contra toda a casa de Israel. Assim diz o SENHOR Deus: Esta é Jerusalém; pu-la no meio das nações e terras que estão ao redor dela. Ela, porém, se rebelou contra os meus juízos, praticando o mal mais do que as nações e transgredindo os meus estatutos mais do que as terras que estão ao redor dela; porque rejeitaram os meus juízos e não andaram nos meus estatutos. Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Porque sois mais rebeldes do que as nações que estão ao vosso redor e não tendes andado nos meus estatutos, nem cumprido os meus juízos, nem procedido segundo os direitos das nações ao redor de vós, por isso, assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu, eu mesmo, estou contra ti; e executarei juízos no meio de ti, à vista das nações. Farei contigo o que nunca fiz e o que jamais farei, por causa de todas as tuas abominações. Portanto, os pais devorarão a seus filhos no meio de ti, e os filhos devorarão a seus pais; executarei em ti juízos e tudo o que restar de ti espalharei a todos os ventos. Portanto, tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, pois que profanaste o meu santuário com todas as tuas coisas detestáveis e com todas as tuas abominações, eu retirarei, sem piedade, os olhos de ti e não te pouparei. Uma terça parte de ti morrerá de peste e será consumida de fome no meio de ti; outra terça parte cairá à espada em redor de ti; e a outra terça parte espalharei a todos os ventos e desembainharei a espada atrás dela. (Ezequiel 5.12-13)

Desde que a imagem de João da divisão da Cidade em três partes tem sido seguradamente retirada de Ezequiel, é provável que a referência específica trate da divisão de Jerusalém em três bandos, cada um pelejando feroz e violentamente por dominar aos outros. O eruditos dizem que esta divisão resultou na queda da cidade; esta foi traída e destruída por causa de suas divisões.

Uma indicação importante de que a Grande Cidade é Jerusalém é o fato de que ela é distinguida por João das “cidades das nações (gentios)”, que também caíam com ela (16.19). Jerusalém, devemos lembrar, era a cidade capital do Reino de sacerdotes, o lugar do Templo; dentro de seus muros se ofereciam sacrifícios e orações por todas as nações. O sistema do Antigo Pacto era uma *ordem mundial*, o fundamento sobre o qual o mundo inteiro foi organizado e mantido em estabilidade. Ela representava por meio do pacto todas as nações do mundo, e em sua queda todos caíam. (A nova organização do mundo se

basearia na Nova Jerusalém, edificada sobre a Rocha, mas “multicentralizada” por todo o mundo).

Assim que, “a Grande Babilônia veio em memória diante de Deus, para dar-lhe o cálice com vinho do ardor de sua ira. (16.19b; 14.8)”. Neste juízo cada falso refúgio desaparece: as montanhas e as rochas já não podem esconder aos maus “do rosto daquele que está sentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro” (Apocalipse 6.16). “Todas as ilhas fugiram, e os montes não foram achados;” (Apocalipse 16.20).

Já temos observado que Apocalipse e a profecia de Ezequiel compartilham temas comuns. Aqui outra vez existe uma similaridade: Ezequiel declarou que os falsos profetas de Jerusalém causariam sua destruição por uma violenta tormenta de saraiva (Ezequiel 13.1-16). São João predisse o mesmo fim: *“Também desabou do céu sobre os homens grande saraivada, com pedras que pesavam cerca de um talento; e, por causa do flagelo da chuva de pedras, os homens blasfemaram de Deus, porquanto o seu flagelo era sobremodo grande.”* (Apocalipse 16. 21). Igual as outras pragas (flagelos), a simbologia é reproduzida das pragas que Moisés trouxe sobre o Egito (neste caso, a sétima praga: Êxodo 9.18-26). A praga de granizo também pode ser associada com as “grandes pedras” que desde o céu Deus lançou sobre os cananeus quando Josué conquistou a Terra (Josué 10.11); tal como cantou Débora, as mesmas estrelas dos céus pelejaram contra os inimigos de Deus (Juízes 5.20).

É possível que Josefo tenha se referido a esta “praga de granizo”, em sua estranha narrativa dos enormes projéteis de pedras lançadas sobre a cidade por catapultas romanas:

As menores dessas pedras pesavam pelo menos um talento; seu alcance era de dois estádios e ainda mais, e sua força era tão grande, que depois de ter derribado os que estavam nas primeiras filas, matava ainda outros atrás deles. Mas freqüentemente os judeus as evitavam, tanto por causa do ruído que faziam como por sua alvura, o que lhes dava meios de evitar o perigo, porque haviam colocado vigias sobre as terras, os quais logo que as máquinas começavam a funcionar, eles os avisavam, gritando-lhes em hebraico: **O filho vem e**

toma tal caminho. A esse sinal eles se lançavam por terra e as pedras passavam além, sem lhes fazer mal. Os romanos, tendo-o notado, mandaram pintar as máquinas de uma cor escura, o que lhes valeu muito, pois uma só pedra matava quase sempre muitos judeus.³²

Depois de considerar várias teorias a respeito do significado da frase “*O filho vem*”, o comentarista J.Stuart Russell disse:

Era bem do conhecimento dos judeus a grande esperança e fé dos cristãos que era a vinda breve (eminente) do Filho. Aconteceu durante este mesmo tempo, segundo Hegésipo, que São Tiago, o irmão do Senhor, testemunhou no templo que “o Filho do homem estava para vir sobre as nuvens do céu”, e então, selou seu testemunho com seu sangue. Parece bem provável que os judeus, em sua blasfêmia desesperada e desafiadora, quando viram a massa branca arremessada pelo ar, tivessem soltado um grito desrespeitoso “*Ai vem o filho*”, zombando da esperança cristã da Parúsia, estabelecendo uma ridícula semelhança coma a estranha aparição dos projéteis³³

Outra vez “os homens blasfemaram contra Deus” – sua reação constante durante o derramamento das Taças, que revela não somente sua maldade, mas também sua absoluta estupidez: Quando pedras de 40 kilos estão caindo dos céus, é certamente o momento mais inoportuno para blasfemar! Porém, Deus tem abandonado a estes homens a sua própria destruição; sua rebelião viciosa e maligna lhes consumia tanto que não lhes importava partir para a eternidade com maldições saindo de suas bocas.

As Taças que contém as “Últimas pragas” foram derramadas; porém ainda não é o fim. O restante da profecia de João no Apocalipse se focaliza na destruição da grande Cidade-Prostituta de Jerusalém e seus aliados, e conclui com a revelação da gloriosa Esposa de Cristo: a verdadeira Cidade Santa, a Nova Jerusalém. (Por tanto, é possível considerar os capítulos 17-22 de Apocalipse como continuação da Sétima Taça, ou uma exposição de seu significado; de todos os modos, os eventos são governados pelos anjos das Taças; veja-se 17.1; 21.9).

³² JOSEFO, Flávio. *As Guerras Judaicas*, VI, VII, p.156-157 (Edição Espanhola)

³³ RUSSELL, J. Stuart. *The Parousia: A Critical Inquiry into the New Testament Doctrine for Ours Lord's Second Coming*. Grand Rapids: Baker, 1887 nova edição 1983. P.482.

Em seu estudo fascinante da Igreja primitiva F.W.Ferrar tira esta conclusão do livro de Apocalipse:

Todo o livro do princípio ao fim ensina grandes verdades – Cristo triunfará! Os inimigos de Cristo serão derrotados! Os que o odeiam serão destruídos; os que lhe amam serão de sobremaneira abençoados. A ruína tanto dos judeus como dos gentios já é eminente. O juízo virá sobre a Judéia e Jerusalém, sobre Roma e seu Império, sobre Nero e seus adoradores. Espada e fogo, fome e pestilência, tormento e terremoto, agonia social e terror político são apenas os ais que estão iniciando o reino messiânico. As coisas velhas estão passando rapidamente. A luz sobre a face da velha dispensação está desvanecendo e tornando-se opaca, porém a face dAquele que é como o sol já está raiando no Oriente. O Novo Pacto e final será estabelecido imediatamente no meio de terríveis juízos; e será estabelecido de tal maneira que não permitirá a continuação do velho. Maranata! O Senhor está próximo! Sim, vem, Senhor Jesus.³⁴

³⁴ FARRAR, F.W. *The Early Days of Christianity*, Obra citada, p. 557.

EPÍLOGO

Por: Gary North

E, se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o; é melhor entrares no reino de Deus com um só dos teus olhos do que, tendo os dois seres lançado no inferno, onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga. Porque cada um será salgado com fogo. Bom é o sal; mas, se o sal vier a tornar-se insípido, como lhe restaurar o sabor? Tende sal em vós mesmos e paz uns com os outros.

A Grande Tribulação é um livro sobre o juízo de Deus. É provável que não tenha sido o juízo no qual você pensava quando adquiriu o livro. Sejam o que sejam os eventos bíblicos que você associa com a palavra “juízo”, ou com as palavras “grande tribulação”, não esqueça que ao ler este livro que estes juízos terrenos não são nada em comparação ao juízo eterno que Jesus disse que viria no final dos tempos. Os juízos terrenos da grande tribulação são as páginas iniciais da ira santa de Deus na **eternidade**.

Na realidade, nosso uso da linguagem é inexato quando falamos do juízo de Deus exclusivamente como castigo. Na Bíblia, o juízo tem dois propósitos: **benção e maldição**. Vemos isto no Juízo final, de onde, depois da ressurreição de toda a humanidade, Deus julgará, aos homens. Ele julga entre os homens: “ovelhas” de um lado “bodes” do outro (Mateus 25.33). (Espero que não tenha alguém que leia este livro e seja tão “literalista” que pense que Jesus esteja falando literalmente de ovelhas e bodes. O literalismo tem os seus limites. A Bíblia está cheia de símbolos que devemos ter sempre presente na mente ao lê-la. Jesus aqui falava de pessoas, e não de animais. Você e eu estaremos ali na grande divisão). A grande divisão final leva a dois lugares eternos diferentes:

Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. (Mateus 25.34,41)

Haverá pessoas *eternamente bendita e maldita*. Cada grupo vai para seu respectivo lugar “de descanso” eterno, ainda que não tenha descanso para os maus. Na realidade, os dois lugares podem-se definir em termos de descanso: **Descanso ético** para os que vivem para sempre no Reino de Deus, e nenhum descanso para aqueles que vivem (existem) na **segunda morte do lago de fogo**.

A segunda morte é a última e eterna maldição. É uma morte viva, a saber, uma morte espiritual com a sensação de dor. A Bíblia fala da pior dor inimaginável: o fogo. “Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo.” (Apocalipse 20.14). Isto não é aniquilação, segundo ensinam várias seitas. Não é o esquecimento. Não é uma não-existência. Os condenados ao lago de fogo eterno alegremente mudariam seus corpos eternos por um mero esquecimento. O esquecimento seria uma espécie de escape das eternas agonias da maldição de Deus, o silêncio mui anelado de Deus. Mas, Deus não faz silêncio. Os pecadores no inferno e seguidamente no lago de fogo nunca terão a oportunidade de silenciar a Deus. O pecado tem conseqüências eternas. É o juízo final de Deus que determinará para sempre os que são benditos e os que são malditos, os vivos e os mortos, os obedientes e os desobedientes ao pacto, os cristãos e os incrédulos.

Observe que a Bíblia ensina que tanto o reino pós-ressurreição de Deus como um lugar eterno tormento foram criados antes da fundação do mundo. O reino de Deus foi criado para os redimidos, quanto que o lago de fogo foi criado para o diabo e seus anjos, ainda que Deus o utiliza também para os perpetradores³⁵ humanos do pacto (Mateus 24.41). O lago de fogo tem uma característica conhecida como “o bicho/verme”. Não sabemos o que é isto, porém, sabemos o que não é. Não é um anjo caído, porque os anjos caídos permanecem também eternamente impotentes. O bicho não é a consciência humana, porque

³⁵ **Nota do tradutor:** violadores, desobedientes

não há nenhum sentido de submissão voluntária ante Deus e Sua Lei. Os desobedientes permanecem desobedientes para sempre. É possível que o “bicho” seja um remorso constante dos homens por não ser Deus. O que sabemos é nunca morre. E se nunca morre, então suas vítimas nunca entram na paz do esquecimento que os discípulos das falsas seitas anelam. O “bicho” atormenta aos perpetrados do pacto para sempre.

Este livro trata do juízo terreno. O que acontecer no céu tem sido experimentado na terra: bênção e maldições. A grande tribulação foi (**não “será”**) um evento na história que refletiu em uma pequena medida o horror da futura maldição que vem. Comparada com o lago de fogo, a grande tribulação foi um breve incomodo, que afetou um grupo pequeno de pessoas. No entanto, comparada com as bênçãos condicionais baseadas no pacto de Deus com Seu povo escolhido, os judeus – bênçãos que foram revogadas no ano 70 d.C – a grande tribulação foi uma catástrofe que transformou o mundo. Este livro trata dessa catástrofe.

O Desenvolvimento

da Bênção e da Maldição

Os jizos de Deus vem na história e também depois da ressurreição dos mortos. Isto nos leva para uma doutrina fundamental da Bíblia, uma que atualmente é mencionada raras vezes, ainda que pelos pastores e teólogos (*especialmente pelos teólogos*): o desenvolvimento da bênção e da maldição. Em geral, acredita-se que o céu e o inferno são o fim, mas isto é errôneo. O céu e o inferno não são o padrão final, porque historicamente são lugares incompletos. As pessoas não tem seu corpo no céu ou no inferno. Tem que esperar até o Juízo final para receber seu corpo. Isto implica que as pessoas são ressuscitadas tanto do céu como do inferno na Ressurreição final. Temos que deduzir então, que o céu ainda não é perfeito, porque as

peças ainda não possuem seu corpo perfeito ressuscitado. Ainda está incompleto. Também, no tempo de João, eles clamava a Deus para que Ele mandasse seu Juízo, o que era outra indicação de sua condição incompleta por não ter um corpo: “Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?” (Apocalipse 6.10). As bênçãos de Deus no céu são historicamente incompletas.

De igual modo, o inferno é um lugar de relativa graça, se comparamos o inferno com o lago fogo. No inferno, a pessoa não tem um corpo perfeito para queimarem-se eternamente, somente almas. As maldições de Deus sobre eles, portanto, são limitadas. Também, o relato de Jesus acerca do rico que morre e vai para o inferno indica que existe um tipo de comunicação entre os habitantes do inferno e pelo menos uma pessoa no céu, “Pai Abraão” (Lucas 16.23-31). Portanto, as maldições de Deus no inferno são historicamente incompletas. Depois, do Juízo final, o fogo do inferno já não será limitado, de baixa temperatura, e separado do corpo. Também cessará toda comunicação com alguém no reino de Deus. Se terminarão os últimos indícios de graça sobre os malditos, quando o inferno, o diabo, seus anjos e os incrédulos ressuscitados serão todos cerimoniosamente lançados no lago de fogo (Apocalipse 20.14), tal como se instaura a graça para os santos quando partem do céu e corporalmente entram nos Novos Céus e Nova Terra restaurados. A partir deste momento em diante, os que estão no inferno poderão meditar nos tempos passados acerca das *comodidades relativas no hades e dizer corretamente* que Deus, “já não é dominado tão facilmente”.

Nem os cristãos e nem os incrédulos gostam de pensar em tais coisas. Mas isto não faz com que estes eventos futuros sejam menos reais ou inevitáveis.

Dois Desenvolvimentos, Resultados Desiguais

Uma possível fonte de confusão deve ser esclarecida. Tenho dito que tanto a benção como a maldição se desenvolvem. Me refiro ao *desenvolvimento depois do Juízo final*, não antes³⁶. O bem e o mal não são igualmente poderosos na história. As bênçãos de Deus fortalecem aos que são obedientes ao pacto, enquanto que Suas maldições debilitam aos perpetradores do pacto. A promessa de Deus a Eva acerca da semente que viria (Gênesis 3.15) era mais poderosa que todos os intentos de Satanás para destruir a descendência baseada no pacto. A área de Nôe era mais poderosa que o Dilúvio. O Êxodo mais poderoso que a escravidão egípcia. A ressurreição de Cristo mais poderosa que a cruz. A Igreja se volta visivelmente mais poderosa que Israel depois do ano 70 d.C. O cristianismo é mais poderoso, no princípio, que o humanismo, e para expandir isso se manifestará cada vez mais na história. O poder em longo prazo resulta da obediência ao pacto: obediência a Lei de Deus pelo fortalecimento do Espírito Santo. A impotência desta expansão vem por causa da desobediência ao pacto: desobediência a Lei de Deus pelo fortalecimento de Satanás.

O céu e o inferno são lugares no desenvolvimento da benção e maldição **com respeito ao pacto**. O inferno como lugar da ira e maldição de Deus, e o céu como lugar da benção e amor, e tanto o inferno como o céu são limitados pela história. Deus dá Seu veredicto de “perdido” aos do inferno, assim como declara “salvo” aos do céu. O inferno é tão real como o céu; porém, é impotente comparado ao céu. Tanto a vida como a morte são aspecto desse desenvolvimento baseado no pacto. Na realidade, a vida e a morte são principalmente conceitos ligados ao pacto, não conceitos físicos, como nós veremos. Existem em

³⁶ **NOTA DO TRADUTOR:** A escola escatológica seguida por David Chilton e Gary North é o Pos-milenismo. O Tradutor do presente livro é Amilenista otimista (orientação preterista ou compreensivista).

relação ao pacto de Deus. A vida e a morte devem sempre ser definidos nos termos da estrutura do pacto de cinco pontos³⁷:

1. A Transcendência de Deus (mas, também sua imanência)
2. A hierarquia da criação de Deus
3. A lei de Deus
4. O juízo (sanções) de Deus
5. A herança (deserdar) de Deus

O Céu e o inferno estão limitados pelo tempo e por sua relação com os eventos da terra. Os dois mundos pós-ressurreição não terão esta limitação, porque a graça de Deus brilhará perfeitamente no novo céu e na nova terra, e também Sua ira brilhará perfeitamente no lago de fogo. Não há na história algo fuga de Deus: *"Para onde me irei do teu Espírito? Para onde fugirei de tua face? Se subo ao céu, ali tu estás; e se faço minha cama no Seol, tu ali estás também"*(Salmo 139.7-8) Quanto mais estará Deus presente no juízo eterno, e seja no lugar de ilimitada benção como no de maldição! A presença de Deus é eterna; assim que, uma vez criados, o futuro dos seres humanos não tem fim. Muitos desejariam que tivessem um fim. Para os habitantes do lago de fogo, um futuro sem fim é contrário a vida eterna: é a eterna segunda morte.

A Bíblia fala aqui da presença de Deus no sentido de conhecer e observar as coisas, controlando todas as coisas. Não se trata de Sua presença no sentido de presença *ética*: Manifestando graça (seja ela comum ou salvadora) às pessoas. Essa classe de presença não existirá no lago de fogo. Os habitantes do lago de fogo estão separados de Deus eternamente, não no sentido de que os homens podem escapar da presença de Deus, mas que conquanto a que não podem orar a Deus,

³⁷ Para uma explicação bem detalhada do pacto de cinco pontos recomenda-se o livro escrito por SUTTON, Ray. *That You May Prosper: Dominion by Covenant* (Box 8000, Tyler, Texas: Instituto para La Economía Cristiaana, 1987).

buscar Seu rosto, ou esperar receber Sua misericórdia. Ele está presente com eles assim como estava presente na sarça ardente: como *fogo consumidor*. Ele está presente em certo sentido como o *bicho que nunca morre* (Não é Satanás nem um anjo caído o que servem como o *bicho que nunca morre*, já que são igualmente impotentes e estão sob maldição. Deus os devora também). Ele está presente porque Ele é onipresente: presente em todos os lugares. Esta presença como Juiz é a principal maldição de Deus porque significa Sua ausência ética como Salvador e fonte de graça. As pessoas com seu corpo passarão a eternidade na presença da ira de Deus, que é o *bicho que nunca morre e que devora*, e nunca mais verão Sua graça.

Como sempre, o importante é a ética. A vida e a morte são funções da ética baseada no pacto, e não consistem em um período de existência em si. A vida é um dom da graça de Deus, uma benção absoluta: "O que crer no Filho tem a vida eterna; mas aquele que se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus" (João 3.36). Os perpetradores do pacto tem existência na terra, porém não a vida: não verão a vida, que é a vida baseada no pacto, disse Jesus. Terão a mesma existência no lago de fogo: não verão a vida. *A vida depende da ética*, não é uma mera função de percepção natural. Os que estão em rebelião contra Deus estão eticamente mortos. Não tem a vida.

É uma mentira do Diabo quando se pensa que a mera percepção física é a vida, e que a morte física é o fim dela. Também é mentira quando se crer que os mortos não tem percepção incomparável e inconcebível da dor. No inferno no físico os mortos tem, e também no eternamente físico lago de fogo, os mortos terão percepção. O que dariam para não tê-la! Neste caso, nada seria muito melhor que algo.

Aceite você o sacrifício de Jesus Cristo no Calvário com seu único substituto ante os olhos de Deus. Não se engane com falsas ilusões de

um mundo sem nada além da tumba. Os pecadores merecem muito mais que nada.

Levando a Sério o Sofrimento de Cristo

Devido ao que a pessoa raramente considera realidade do lago de fogo, é que não compreendem plenamente nem levam a sério as repercussões cósmicas e eternas dos sofrimentos do Filho de Deus no Calvário. "É importante, claro, porém não é para tanto", assim pensam eles. Não levam a sério a Lei de Deus. Não levam a sério o juízo eteno de Deus. Isto, certamente, é exatamente a essência do pecado: ***não levá-lo a sério.***

O que acontece com quem recusa-se a aceitar a obra sacrificial de Cristo? Sua ruína é similar aos da era veterotestamentária (Antigo Testamento) que rechaçavam em sua vida terrena o aceitar o **holocausto representativo dos animais sobre o altar de Deus.** Atualmente, não existem bois nem cabras que estão tomando seu lugar. Eles mesmos tomarão o lugar dos bois e das cabras sobre o altar eterno de Deus. Todavia, não. Eles por agora estão desfrutando - comparando com o que lhes espera depois do Juízo final - um breve descanso no inferno. Depois, do juízo final, a temperatura subirá, para o corpo e para a alma, "onde o *bicho não morre*, o fogo nunca se apaga". Eles recordarão nostalgicamente do inferno como um lugar de limitada maldição. O inferno será, então, considerado como um lugar de descanso e de alegria relativa. O sistema de campos de concentração do Gulag, da [Antiga] União Soviética, será recordado por suas vítimas perpetradoras do pacto com um verdadeiro paraíso.

Não existe um purgatório para os pecadores. Nada purga as consequências do pecado depois da morte do pecador. O inferno é o único "purgatório", no sentido de que é um lugar de limitada maldição. A função do inferno é comparável a de uma prisão em uma nação bíblica: um cárcere até que receba a sentença final. É melhor estar ali

que na corte do Juiz, e certamente é muito melhor que o lugar de execução - a execução eterna.

O Sal do Pacto de Deus

O sal é símbolo do juízo na Bíblia. Lembre-se, o juízo tem dois propósitos: Benção e Maldição. Portanto, o sal é tanto para benção e maldição.

Sabemos pela linguagem do Novo Testamento que o sal pode ser uma benção, porque aos cristãos são descritos como sal. "Bom é o sal; mas, se o sal vier a tornar-se insípido, como lhe restaurar o sabor? Tende sal em vós mesmos e paz uns com os outros." (Marcos 9.50). Outra vez, Jesus disse no Sermão do Monte: "Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens." (Mateus 5.13). Obviamente, o sal não perde seu sabor, porém pode se misturar com outras coisas e chega a ser insípido ou amargo. Isto é o que o pecado faz ao que é bom. Quando os bons se corrompem, merecem maldição na história, merecem ser "pisados pelos homens". Pois, não servem para nada.

Que diremos do sal como maldição? O primeiro exemplo é a esposa de Ló. Ela olhou para trás, para a planície onde Sodoma e Gomorra recebiam o ardente juízo de Deus. Deus a transformou em uma estátua de sal (Gênesis 19.26). Por que sal? Porque no sistema sacrificial de Deus, o sal sempre acompanha o juízo. *"Toda oferta dos teus manjares temperarás com sal; à tua oferta de manjares não deixarás faltar o sal da aliança do teu Deus; em todas as tuas ofertas aplicarás sal."* (Levítico 2.13). Aqui encontramos a frase *"O sal da aliança do teu Deus"*. Em um sentido Deus tempera Seus juízos baseados no pacto com sal. O sal é bom, é uma benção. Aqueles que obedecem ao pacto são o sal da terra na história. Porém se misturarmos nosso sal com a corrupção, como fez a esposa de Ló, então, nos tornaremos em um sal morto com relação ao pacto, sal corrupto, e

inútil para Deus. O sal era um aspecto requerido do sistema sacrificial de Deus.

No segundo dia, oferecerás um bode sem defeito, oferta pelo pecado; e purificarão o altar, como o purificaram com o novilho. Acabando tu de o purificar, oferecerás um novilho sem defeito e, do rebanho, um carneiro sem defeito. Oferecê-los-ás perante o SENHOR; os sacerdotes deitarão sal sobre eles e os oferecerão em holocausto ao SENHOR. (Ezequiel 43.22-24)

Sempre tem que haver sal sobre o altar, as almas dos eleitos no céu servem como sal para as almas dos condenados sobre o altar de Deus, o inferno. Depois do juízo final, estando no novo céu e na nova terra com seus corpos ressuscitados livres do pecado servirão como sal eterno no altar eterno de Deus, o lago de fogo. Sempre haverá um sacrifício sobre esse altar ardente o juízo de Deus queimará durante o tempo que exista a Igreja: para sempre (Marcos 9.49). Não pode haver sacrifícios aceitáveis sem sal. Deus não aceitará sacrifícios sem sal. Ele preservará a Sua Igreja, porque sempre preservará Seu altar. Sua Lei é perpétua, Sua justiça é perpétua, e Seu juízo é eterno, assim as bênçãos como as maldições. Este é um argumento bíblico contra a heresia da "aniquilação".

O sal na história também é destrutivo. Não só agrega saber, também mata, e *mata "para sempre"*. Foi usado no mundo antigo como meio de destruir uma cidade inimiga, porque o salgar a área cultivável de uma cidade se destruía sua futura produtividade. “Todo aquele dia pelejou Abimeleque contra a cidade e a tomou. Matou o povo que nela havia, assolou-a e a semeou de sal.”(Juízes 9.45). Deus salgou a Sodoma e Gomorra, e imediatamente outras cidades. Por quê? Para preservar Seus pacto. Chilton reproduz esta passagem em sua totalidade em *The Days of Vengeance*³⁸, em realação aos sacrifícios do Templo. Faz as seguintes observações introdutórias na seção do livro que trata das sanções do pacto de Deus (p.226):

³⁸ O livro de 721 páginas do autor David Chilton, uma exposição do livro de Apocalipse que examina detalhadamente a perspectiva escatológica apresentada em *A Grande Tribulação. The Days of Vengeance*, (Tyler, Texas, ICE, 1987)

O SENHOR o separará de todas as tribos de Israel para calamidade, segundo todas as maldições da aliança escrita neste Livro da Lei. Então, dirá a geração vindoura, os vossos filhos, que se levantarem depois de vós, e o estrangeiro que virá de terras longínquas, vendo as pragas desta terra e as suas doenças, com que o SENHOR a terá afligido, e toda a sua terra abrasada com enxofre e sal, de sorte que não será semeada, e nada produzirá, nem crescerá nela erva alguma, assim como foi a destruição de Sodoma e de Gomorra, de Admá e de Zeboim, que o SENHOR destruiu na sua ira e no seu furor, isto é, todas as nações dirão: Por que fez o SENHOR assim com esta terra? Qual foi a causa do furor de tamanha ira? Então, se dirá: Porque desprezaram a aliança que o SENHOR, Deus de seus pais, fez com eles, quando os tirou do Egito; e se foram, e serviram a outros deuses, e os adoraram; deuses que não conheceram e que ele não lhes havia designado. Pelo que a ira do SENHOR se acendeu contra esta terra, trazendo sobre ela toda a maldição que está escrita neste livro. (Deuteronômio 29.21-27)

As frases destas maldições fazem referência à temperatura: “toda a sua terra abrasada com enxofre e sal”; “o furor de tamanha ira”; “a ira do SENHOR se acendeu contra esta terra”. É totalmente errado falar dos juízos de Deus na história sem fogo. Porém, também é errado falar do fogo do juízo sem sal. Os dois elementos são utilizados no juízo de Sodoma e Gomorra. O sal é a certeza do juízo. Assim como do mesmo modo, a presença da Igreja na história é a certeza do juízo na história. Os cristãos servem tanto para preservar como para destruir, porque as sanções pactuais são duas: bênçãos e maldições.

O que é certo das maldições pactuais de Deus na história (antes da ressurreição e Juízo final) é igualmente certo das maldições na eternidade (depois da ressurreição e Juízo final). O lago de fogo é o lugar "onde o bicho deles não morre, e o fogo nunca se apaga. Porque está salgado com sal". A eternidade do Novo Céu e da Nova Terra é tão segura como a eternidade do lago de fogo. As sanções pactuais de Deus nunca terminam.

A Morte Relativa ao Pacto e o Batismo de Fogo

A morte é um fenômeno relacionado ao pacto. Deus disse a Adão que ele morreria no dia em que comesse do fruto proibido. Adão comeu

e morreu. Morreu *no que respeita ao pacto*. As maldições de Deus baseadas no pacto recaíram sobre ele. Não morreu fisicamente (uma demonstração da graça de Deus para com ele na história), embora o seu corpo tenha morrido definitivamente naquele dia. Tem as marcas da maldição: O suor do teu rosto (Gênesis 3.9). Ao Sumo-Sacerdote não lhe foi permitido exibir esta mesma marca da maldição, por isso, se lhe exigia que se pusesse a mitra sobre a fronte e se vestisse de linho (Êxodo 28.37-43). Ezequiel nos diz especificamente em sua visão, que se requeria que o Sumo-Sacerdote se vestisse de linho para evitar suar (Ezequiel 44.18). O corpo de Adão morria progressivamente através do processo de envelhecimento de nove séculos; e por fim, morreu (Gênesis 5.5). Não conseguiu escapar da sanção da maldição pactual de Deus.

Esta morte física era só a primeira morte. Há uma segunda morte, a morte pós-ressurreição depois do Juízo final (Apocalipse 20.14). Por que se requer esta segunda morte? porque ao *desobedecer o pacto*, e persistir assim até o dia da primeira morte, se chega assim a uma *condição permanente*. O pacto de Deus é eterno. Portanto, a posição e condição de um obediente ou desobediente do mesmo chega a ser permanente na morte do corpo pré-ressurreição. Se as pessoas puderem escapar na eternidade de sua posição como perpetradores do pacto por qualquer meio, inclusive pela aniquilação, poderiam eliminar então a permanência das sanções do pacto de Deus. Mas, Deus não permitirá um ataque a Sua soberania na eternidade. Suas sanções nunca se acabarão, porque Seu pacto nunca termina.

A Exposição de Kline das Sanções Rituais

Estas sanções do pacto são duplas: Maldições e Bênçãos. Esta dupla natureza das sanções do pacto é explicada detalhadamente por Meredith G. Kline em seu livro *By Oath Consigned*.³⁹ Kline se refere a declaração de João, o Batizador acerca do ministério de Cristo: " *Eu vos*

³⁹ KLINE, Meredith G. *By Oath Consigned*, (Consignado por Veto), Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1968.

batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. " (Mateus 3.11). O queria dizer João com "batizar com fogo"? Kline repete Malaquias 4.1: "*Pois eis que vem o dia e arde como fornalha; todos os soberbos e todos os que cometem perversidade serão como o restolho; o dia que vem os abrasará, diz o SENHOR dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo. "* A palha [restolho] não pode crescer, não pode estender raízes no solo para nutrir-se, nem pode brotar folhas pelos galhos para absorver a luz do sol. Sem raiz e galhos, a palha morre, se seca, e se incendeia facilmente.

Porém existe outra fonte de luz além do fogo da palha, segundo Malaquias 4.2-3: "*Mas para vós outros que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas; saireis e saltareis como bezeros soltos da estrebaria. Pisareis os perversos, porque se farão cinzas debaixo das plantas de vossos pés, naquele dia que prepararei, diz o SENHOR dos Exércitos.*"

Quais são as palavras que seguem de Malaquias? Um chamado para se recordar da Lei com respeito ao pacto de Deus. "*Lembraí-vos da Lei de Moisés, meu servo, a qual lhe prescrevi em Horebe para todo o Israel, a saber, estatutos e juízos. "*(vs.4). Logo segue a promessa da missão de João o Batizador: "*Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR; "*(vs.5). Kline comenta: "Para os malfeitores o fogo desse dia é o fogo do forno que lhes consome, porém para os que temem ao nome de Deus o fogo significa os raios curadores do sol para refiná-los."⁴⁰ O batismo de João "*não era uma ordenança que Israel devia observar e suas gerações, mas um sinal especial para aquela última geração que resumia aquela crise particular*

⁴⁰ KLINE, *Op.Cit*, p.58

na história do pacto, representada pela missão de João como o mensageiro do ultimato do Senhor."⁴¹

Visto de uma perspectiva mais ampla, o batismo de João era um sinal da prova pela qual Israel devia passar para receber o juízo de maldição ou de benção [...] por meio de sua mensagem e batismo João proclamava outra vez a semente de Abraão o significado da circuncisão. A circuncisão não era nenhuma garantia de um privilégio inquebrável. Era um sinal da prova divina na qual o machado, estava posto à raiz das árvores infrutíferas, amaldiçoadas pelo Messias, seriam cortadas (Mateus 3.10; Lucas 3.9). O Batismo de João era em efeito uma recircuncisão.⁴²

Kline deduz: "O batismo, então, tem a ver com o homem na presença do trono do juízo de Deus"⁴³ O batismo é um sinal do pacto, e leva a marca de dupla natureza das sanções do pacto: Benção e Maldição. Este sistema de dupla sanção do pacto se manifestará no Juízo final:

Outra vez quando o Senhor aparecer na ressurreição e no Juízo final como juiz de vivos e mortos, vingando-se com fogo dos que desobedecem ao evangelho, trará ante Seu trono a todos os que tem estado dentro de Sua Igreja no Novo Pacto. Ali Sua declaração da maldição do pacto chegará aos ouvidos de alguns que neste mundo tem estado dentro da comunidade que oficialmente professam o Senhorio de Cristo no que respeita ao pacto, e todavia, insistem em gritar, "Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome, e em teu nome expulsamos demônios, e em teu nome realizamos muitos milagres ?" [...] Há, portanto, um cumprimento do senhorio de Cristo sobre Sua igreja neotestamentária tanto para a condenação e morte como para a justificação e vida. No pronunciamento dos dois veredictos, seja para a vida ou para a morte, o Novo Pacto será executado e plenamente aperfeiçoado.⁴⁴

Sanções Permanentes

No Juízo final de Deus o cumprimento do novo pacto é assegurado e aperfeiçoado. Esse futuro juízo é tão permanente como o próprio pacto. As sanções de benção e maldição são eternas. A última

⁴¹ *Ibid*, p. 61

⁴² *Ibid*, p. 62

⁴³ *Ibid*, p. 67

⁴⁴ *Ibid*, p. 77-78

geração de Israel não compreendia a ameaça. Não faziam caso do batismo de João. Não levavam a sério o batismo como sinal do pacto permanente (eterno). Não faziam caso da advertência de João sobre a capacidade suprema do que lhe seguia para impor o batismo permanente de fogo consumidor. Assim, quando eles crucificaram a Cristo, asseguraram sua ruína. O dia do Senhor chegou no ano 70 d.C. E destruiu visivelmente o Templo e a prática dos sacrifícios de animais. O dia final do Senhor virá a instituir o único sacrifício que Deus desde o princípio tem honrado: o Juízo verdadeiro, completo, e permanente.

É a benção de Deus perfeita? sim; a ressurreição dos corpos sem mancha dos santos que se unem com suas almas provenientes do céu, e sua transferência depois do Juízo final a seu novo ambiente permanente: O novo céu e a nova terra aperfeiçoados (Apocalipse 21.1). É a maldição de Deus perfeita? Sim; a ressurreição dos corpos imaculados dos pecadores mortos se unem com sua almas provenientes do inferno, e sua transferência depois do Juízo final ao seu novo ambiente permanente: O lago de fogo. Deus lhes amaldiçoou com corpos perfeitos para servir como palha eterna (Malaquias 4.1; 1 Coríntios 3.12), para que sofram eterna agonia no lago de fogo.

A morte referente ao pacto é permanente depois da morte do corpo. A morte do pacto é tão permanente como o próprio pacto. portanto,

E, se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o; é melhor entrares no reino de Deus com um só dos teus olhos do que, tendo os dois seres lançado no inferno, onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga. Porque cada um será salgado com fogo. Bom é o sal; mas, se o sal vier a tornar-se insípido, como lhe restaurar o sabor? Tende sal em vós mesmos e paz uns com os outros. (Marcos 9.47-50)

Os difusores da ideia de que não há um juízo eterno tem adotado o que os filósofos chama de *nominalismo*: "O inferno é somente um nome, não um lugar real", e "o lago de fogo é simplesmente uma linguagem simbólica, não um lugar real". Isto é o que o liberalismo teológico moderno sustenta. As falsas seitas sustentam a doutrina da aniquilação. Porém, o inferno é o lago de fogo são lugares reais, porque

descrevem papéis eternos no pacto de Deus. São realidades do pacto, não símbolos da ira de Deus - uma "ira sem ira." O inferno é tão real como o céu; o lago de fogo é tão real como o Novo Céu e a Nova Terra. São tão reais que tem manifestações na história.

Céu e Inferno na Terra

*Days of Vengeance*⁴⁵ tem um capítulo intitulado "*All Hell Breaks Loose*"[O Desastre Total]. Na página 257, Chilton reproduz as palavras de Hebert Schlossberg: "*Quando uma civilização se torna idólatra, seu povo fica profundamente transformado por essa experiência. Como um tipo de santificação inversa, o idólatra é transformado na semelhança do objeto de sua adoração. Os filhos de Israel foram atrás da vaidade e se fizeram vãos (Jeremias 2.5).*"

Esta é uma observação brilhante. Porém falta algo ao que disse Schlossberg. Este não é "*um tipo de santificação inversa*"; esta é uma santificação inversa. Os obedientes ao pacto produzem progressivamente as conseqüências implícitas de sua fé na história, manifestando aqui e agora o reino de Deus. Deus contesta progressivamente a oração que todos, pois, devemos orar: "Venha o teu reino. Faça-se a tua vontade tanto céu como na terra"(Mateus 6.10). Esta é a *santificação progressiva*: a realização na história da justiça moral perfeita da humanidade perfeita de Cristo (não Sua divindade) que Deus imputa aos cristãos no momento de sua salvação. É o que Deus, no princípio, nos dá de forma definitiva no momento de nossa conversão a Cristo - a mente e justiça de Cristo - a qual devemos manifestar progressivamente no tempo.

O objetivo de Schlossberg é apontar para o fato de que os seguidores de Satanás manifestam um processo paralelo de santificação. "Santificar" significar separar. Satanás separa a seus discípulos da mesma forma que Deus. Seus discípulos tem de produzir na história as conseqüências do maléfico pacto do reino infernal de

⁴⁵ CHILTON, David, *Op.Cit.*

Satanás, assim como os cristãos produzem na história as consequências do bom pacto do reino celestial de Deus.

Há uma queixa constante daqueles que sustentam escatologias que professam a derrota terrena, dizem que é tolice trabalhar pelo estabelecimento da Lei de Deus na terra. A tal perspectiva chama de "utópica". Agregam que jamais pode haver uma manifestação extensa do Reino de Deus na história. Indicam que a visão de "realizar o céu na terra" é totalmente falso. Porém ao recusar trabalhar para levar a cabo o céu na terra ensinando as pessoas a obedecer aos *princípios* justos do céu, entregam a terra ao diabo. Seus discípulos estão trabalhando dura para estabelecer o inferno na terra ao ensinar as pessoas a obedecer aos princípios rebeldes do inferno.

Estamos em guerra. É uma guerra entre Deus e Satanás, a justiça e o real, os obedientes e desobedientes ao pacto, o *céu e o inferno*. Esta guerra se dá na *história*. É principalmente uma guerra terrena. O aspecto básico sobre o qual se luta é a soberania. Quem é soberano, Deus ou Satanás? A força de quem triunfará na história, a de Deus ou a de Satanás? Qual Nova Ordem Mundial será vitoriosa na história, a de Cristo ou a de Satanás? Em resumo, a guerra se dá em torno desta questão: O céu na terra ou o inferno na terra?

Não há possibilidade para nenhum outro reino na terra. Não há possibilidade de um reino neutro do homem, operando por meio de uma lei natural neutra hipotética. Os homens não podem ser neutros, e não existe a lei natural. Está a Lei de Deus, e está às muitíssimas opções de Satanás, inclusive a lei natural "neutra". Não *há neutralidade*. Portanto, encaramos a pergunta: Será o céu ou o inferno na terra? Triunfará a Lei do Pacto de Deus como lei das nações, ou triunfará um ou mais dos sistemas fraudulentos de Satanás? Toda tentativa para impor uma terceira opção, tal como a lei natural, é somente outra aspiração para tratar de substituir a Lei do pacto de Deus pela de Satanás. É basicamente outra tentativa para construir o inferno na terra.

É triste, porém os cristãos pessimistas que antecipam somente a derrota para o povo de Deus, se aferram com fé à Lei natural como "terra natural" entre a influência supostamente crescente de Satanás e a influência supostamente cada vez menor da igreja. Olham a Lei revelada na Bíblia como uma ameaça a sua evasão da responsabilidade histórica, por isso, se contentam com o pregar uma "lei natural neutra" indefinida (e sempre indefinível) que não lhes impõe responsabilidades cívicas explicitamente cristãs.

Conclusão:

O juízo de Deus sobre Israel no ano 70 d.C deveria nos persuadir da futilidade de escapar dos juízos progressivos na história. Hoje em dia, surgem potencialmente as bênçãos maiores que Pentecostes: avivamento mundial, a revolução da informática, e o redescobrimento da Lei revelada de Deus como instrumento de domínio justo (Gênesis 1.26-28). Na atualidade, também potencialmente, enfrentamos as piores maldições desde a queda de Jerusalém: a praga da AIDS, o Islam, o triunfo dos impérios comunistas, ou a destruição dos EE.UU (e a liberdade do Ocidente) em 30 minutos, então, um ataque atômico da União Soviética. Necessitamos compreender que o juízo de Deus envolve bênçãos e maldições.

A bênção de Deus é *definitiva*: A graça da salvação em Cristo. Suas bênçãos são também *progressivas*: a promessa da semente que viria (Gênesis 3.15) e a provisão de roupas para eles, a Arca de Noé, o êxodo do Egito, o regresso para a terra sob Neemias e Esdras, a ressurreição de Cristo, e a expansão da Igreja. A bênção de Deus é também *final e eterna*: A culminação sem pecado no Novo Céu e na Nova Terra depois da ressurreição.

A maldição de Deus também é *definitiva*: a morte da humanidade. Suas maldições são também *progressivas*: a maldição de Adão e Eva e seu meio ambiente, lançado-os para fora do Jardim, o Dilúvio, a escravidão no Egito, o Cativoiro na Assíria e Babilônia, a morte de

Cristo na cruz, a queda de Jerusalém. A maldição de Deus é também *final e eterna*: o lago de fogo.

Segundo diz a Confissão de Fé de Westminster (1646), quanto a bênção e maldição começando no dia do Juízo final:

O fim que Deus tem em vista, determinando esse dia, é manifestar a sua glória - a glória da sua misericórdia na salvação dos eleitos e a glória da sua justiça na condenação dos réprobos, que são injustos e desobedientes. Os justos irão então para a vida eterna e receberão aquela plenitude de gozo e alegria procedente da presença do Senhor; mas os ímpios, que não conhecem a Deus nem obedecem ao Evangelho de Jesus Cristo, serão lançados nos eternos tormentos e punidos com a destruição eterna proveniente da presença do Senhor e da glória do seu poder. (Capítulo XXXIII, seção II)

Gozo eterno ou tormento eterno: devemos pregar as últimas conseqüências da bênção e a maldição na eternidade. O recusar fazê-lo é abandonar a teologia do pacto bíblico. É duvidar do cristianismo ortodoxo. Que a experiência de Israel no ano 70 d.C, seja nossa guia para ver a importância da fidelidade à Palavra revelada de Deus. Se somos tão negligentes e arrogantes como para negar a realidade eterna das maldições de Deus, nos arriscamos a ter que experimentá-las na nossa própria carne. "Aprender experimentando" não é precisamente o que queremos *nesta* lição de Teologia.